Editora ABRIL
edição 2889 - ano 57 - nº 16
19 de abril de 2024

Abril

veja

www.veja.com

ORQUESTRA DESAFINADA

Disputas de poder entre ministros, divergências e vacilos na economia, programas desencontrados e sinais ambíguos do presidente provocam confusão e instabilidade no governo

LIDE BRAZIL INVESTMENT FORUM

NEW YORK

14 DE MAIO | 8h00 às 12h00

HARVARD CLUB
New York, NY

PATROCÍNIO

bradesco
banco BRB
CEDAE
CNseg
CODEMGE
MINAS GERAIS
FEBRABAN
GERDAU O futuro se molda
hapvida
NotreDame Intermédica
PAPER EXCELLENCE
Sistema FIEMS
WALD

APOIO

AMARO AVIATION
brf
cosan
eletra
estre
JHSF
Marfrig
TECNO BANK

MÍDIA PARTNERS

veja
Correio da Manhã
JP GRUPO JOVEM PAN
JP NEWS
REVISTA LIDE
TV LIDE

APOIO INSTITUCIONAL

BRAZILIAN AMERICAN CHAMBER OF COMMERCE, INC.

OPERADORA OFICIAL

Maringá Turismo

TRANSPORTADORA OFICIAL

American Airlines

INICIATIVA

LIDE®

TRANSMISSÃO AO VIVO PELA TV LIDE:
WWW.LIDE.COM.BR

GUEST SPEAKERS

MICHEL TEMER
PRESIDENTE DO BRASIL (2016-2018)
PRESIDENTE DA CÂMARA FEDERAL
(1997-2001) (2009-2010)

RODRIGO PACHECO
SENADOR (PSD-MG)
PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL
PRESIDENTE DO CONGRESSO NACIONAL

ARTHUR LIRA
DEPUTADO FEDERAL (PP-AL)
PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

DAVI ALCOLUMBRE
SENADOR (UNIÃO-AP)
PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL
E DO CONGRESSO FEDERAL
(2019-2021)

JAQUES WAGNER
SENADOR (PT-BA)
MINISTRO DA DEFESA (2015)
GOVERNADOR DA
BAHIA (2007-2015)

CIRO NOGUEIRA
SENADOR (PP-PI)
MINISTRO-CHEFE DA **CASA CIVIL**
(2021-2022)

KÁTIA ABREU
SENADORA (PP-TO)
MINISTRA DA AGRICULTURA,
PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
(2015-2016)

EFRAIM DE MORAIS FILHO
SENADOR (UNIÃO-PB) E
LÍDER DO UNIÃO BRASIL

MARCOS PEREIRA
DEPUTADO FEDERAL (REPUBLICANOS-SP)
VICE-PRESIDENTE DA
CÂMARA DOS DEPUTADOS

ELMAR NASCIMENTO
DEPUTADO FEDERAL
(UNIÃO-BA)

DANIELLE CUNHA
DEPUTADA FEDERAL
(UNIÃO-RJ)

REGINALDO LOPES
DEPUTADO FEDERAL
(PT-MG)

HELDER BARBALHO
GOVERNADOR DO
PARÁ

WILSON LIMA
GOVERNADOR DO
AMAZONAS

EDUARDO RIEDEL
GOVERNADOR DO
MATO GROSSO DO SUL

RENATO CASAGRANDE
GOVERNADOR DO
ESPÍRITO SANTO

MAURO MENDES
GOVERNADOR DO
MATO GROSSO

EDUARDO LEITE
GOVERNADOR DO
RIO GRANDE DO SUL

ROMEU ZEMA
GOVERNADOR DE
MINAS GERAIS

CLAUDIO CASTRO
GOVERNADOR DO
RIO DE JANEIRO

RATINHO JÚNIOR
GOVERNADOR DO
PARANÁ

GLADSON CAMELI
GOVERNADOR DO
ACRE

JOSUÉ GOMES
PRESIDENTE DA FIESP -
FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS
DO ESTADO DE **SÃO PAULO**

GUSTAVO WERNECK
CEO DA **GERDAU**

ISAAC SIDNEY
PRESIDENTE DA **FEBRABAN** -
FEDERAÇÃO BRASILEIRA
DE BANCOS

LUIZ CARLOS TRABUCO CAPPI
PRESIDENTE DO CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO DO
BANCO BRADESCO

PAULO HENRIQUE COSTA
PRESIDENTE DO **BANCO BRB**

DYOGO OLIVEIRA
PRESIDENTE DA **CNSEG**
MINISTRO DO PLANEJAMENTO,
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO
(2016-2018)

ALEXANDRE BIRMAN
CEO DA **AREZZO&CO**
PERSON OF THE YEAR 2024

SIMONI MORATO
PRESIDENTE DA **CÂMARA DE COMÉRCIO BRASIL-ESTADOS UNIDOS**

HENRIQUE MEIRELLES
MINISTRO DA FAZENDA (2016-2018)
PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL
(2003-2011)
SECRETÁRIO DA FAZENDA DE SÃO PAULO (2019-2022)

100 EMPRESAS MAIS INFLUENTES DO BRASIL

veja Negócios

LIDE®

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990)   ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

veja

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 889 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 16. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

LIÇÕES Kennedy em 1962, durante a crise dos mísseis, e a queda do Muro de Berlim: não foi o "fim da história"

BILL ALLEN/AP/IMAGEPLUS; JOHN TLUMACKI/THE BOSTON GLOBE/GETTY IMAGES

A PAZ QUENTE

ERA A HUMANIDADE a caminho do precipício. Naquele 22 de outubro de 1962, o presidente americano John Kennedy fez um pronunciamento pela televisão para anunciar que

os soviéticos haviam instalado mísseis nucleares em Cuba, a 150 quilômetros da Flórida. A reação teria de ser imediata, e então o governo dos Estados Unidos fez decolar de suas bases na Europa um grupo de jatos B-52 com bombas e proa para Moscou. A hecatombe nuclear parecia a caminho — Kennedy chegou a dizer que havia chance de um para três de confronto bélico. O impasse durou treze dias, ao fim dos quais as duas superpotências inimigas conseguiram contornar os chamados às armas por meio da diplomacia. Era o apogeu da Guerra Fria, que a rigor seria encerrada, com pompa e circunstância, apenas após a queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989, e o desmantelamento definitivo da União Soviética, dois anos depois.

Parecia desfecho adequado à tese do filósofo nipo-americano Francis Fukuyama, que decretara um pouco antes o "fim da história". Com a vitória da democracia liberal representada pelos Estados Unidos contra o absolutismo soviético, a civilização alcançara, enfim, um estágio superior de liberdade e conforto — não era o modelo perfeito, mas o mais adequado. O mundo estava fadado a ser democrático. Fukuyama, porém, não intuiu outros movimentos que poderiam atropelar a sensatez: o fosso interminável entre ricos e pobres, sem dúvida, mas também o conflito de civilizações entre o Ocidente e o Oriente, alimentado pela intolerância fundamentalista — e os atentados de 11 de setembro de 2001, acima de qualquer outro evento, mostraram que a história estaria longe de terminar.

Houve, contudo, apesar do terrorismo e de combates bélicos episódicos, a calmaria possível — distante do risco multiplicado pela engrenagem da Guerra Fria. O quebra-cabeça global tinha as peças encaixadas, em equilíbrio delicado. Nos últimos anos, surtos de autoritarismo e populismo parecem ter desequilibrado o jogo. Há as frequentes *boutades* dos ditadores de plantão, como o da Coreia do Norte. Há a invasão da Ucrânia pela Rússia de Putin. Houve os ataques do Hamas contra Israel e o revide agressivo. E, na semana passada, deu-se um novo passo a acelerar o rastilho de pólvora da bomba — a agressão do Irã, por meio de drones, ao território israelense *(leia a reportagem "Em ponto de fervura")*. Não se trata, agora, de prever o pior dos tempos, a guerra espraiada para além do Oriente Médio. Mas convém ter em mente o novo tabuleiro. Há, tal qual nos anos 1960, países na órbita dos Estados Unidos, como a França e a Alemanha, e outros de mãos dadas com a Rússia, a exemplo da Índia e da Síria. E não se deve esquecer o papel vital da China, possível fiel da balança, com interesses comerciais dos dois lados. Vive-se a paz quente — preocupante, sem dúvida, mas sem o drama daquele outubro de 1962. Vale lembrar o alerta do responsável pelas relações exteriores da União Europeia, Josep Borrell: "Muitas vezes, ninguém quer a guerra, mas não deixam de prepará-la". ■

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

“FALTA MUITA ESTRUTURA”

Primeira ministra dos Povos Indígenas do país diz que recursos da sua pasta não são suficientes para enfrentar os problemas, mas vê avanços do governo e acha que é cedo para cobranças

VICTORIA BECHARA

SONIA GUAJAJARA entrou na Esplanada do terceiro governo Lula com o desafio de ser a primeira ministra dos Povos Indígenas do país. Nascida na terra Arariboia, no Maranhão, a representante da etnia que lhe deu o sobrenome conseguiu se formar em letras e enfermagem na Uema e se destacou pelo ativismo ambiental e defesa dos direitos dos habitantes originários. Filiada ao PSOL, foi vice na chapa de Guilherme Boulos na campanha presidencial de 2018 e eleita deputada por São Paulo em 2022. No mesmo ano, entrou para a lista das 100 pessoas mais influentes do mundo da revista americana *Time*. Mal tinha assumido o cargo no ministério quando se deparou com a tragédia humanitária na Terra Indígena Yanomami, em Roraima, onde a invasão por garimpeiros culminou em centenas de mortos e uma infinidade de casos de desnutrição e malária. Após mais de um ano, o governo ainda não conseguiu retirar todos os invasores e o número de mortes aumentou. Autora de polêmica frase em 2023, quando revelou “certa frustração” com Lula após o petista retirar a demarcação de terras de sua alçada, a ministra avalia que os recursos da pasta que comanda são escassos para o volume de problemas. “Ainda precisa muito para a gente ter uma estrutura suficiente”, afirma. Em entrevista a VEJA, ela fala também sobre a dificuldade para lidar com um Congresso conservador e prevê o aumento de conflitos de terra caso o Supremo não derrube o marco temporal aprovado pelo Legislativo.

A senhora iniciou sua gestão com a crise ianomâmi. Um ano depois, por que o governo ainda não conseguiu acabar com o flagelo humanitário na região? Sempre achei que seria impossível acabar com toda essa crise em um período tão curto. Não é recente, é um problema histórico que se acentuou nos últimos seis anos com o abandono do poder público, a falta de assistência em saúde e a incitação à exploração do território por invasores, com a promessa de que poderia ser regularizada a mineração nos territórios indígenas. Não era apenas uma crise sanitária. São muitos problemas e não é possível acabar com eles a curto prazo. A gente acompanhou, fizemos um esforço interministerial, trabalhamos um ano inteiro e continuamos trabalhando para acabar com essa crise.

O que falta ser feito? Ainda há a necessidade de operações para retirar os garimpeiros que, insistentemente, permane-

“A crise dos ianomâmis não é recente, é um problema histórico que se acentuou nos últimos anos com o abandono do poder público, a falta de assistência e a exploração do território”

cem no território. E não só eles; tem o crime organizado, que também resiste em sair. Isso exige cuidado para não gerar mais violência contra indígenas. É preciso retirar esses invasores todos para que possamos garantir segurança aos indígenas e a entrada das equipes de saúde e da Funai para fazerem o seu trabalho sem essas ameaças, sem esse perigo.

As Forças Armadas e a Polícia Federal estão lá justamente para garantir a segurança e retirar os invasores. Quais as dificuldades? Estamos em uma nova etapa, fazendo o replanejamento das ações e implementando a presença permanente do Estado na região. Acabamos de instalar a Casa de Governo para fazer esse acompanhamento e estamos trabalhando para ampliar a presença do Ibama e das forças de segurança para retirar os invasores e evitar a volta de quem saiu.

Como evitar que os indígenas sejam aliciados pelas facções criminosas que hoje atuam em áreas demarcadas? O aliciamento é uma realidade, não só no território ianomâmi, mas em vários outros lugares. Os caras chegam e assediam, aliciam, e todo mundo está sujeito a ceder em qualquer lugar, seja na terra indígena, seja na periferia das cidades. Isso acontece. A única solução é retirar os garimpeiros de lá e devolver a segurança para que os indígenas possam retomar seu modo de vida próprio. Isso foi discutido no fórum dos ianomâmis, estamos construindo com eles essas alternativas.

A senhora é alvo de muita pressão ou ameaças por conta da sua atuação à frente do ministério? Sim. A pressão vem de todos os lados, até do Congresso Nacional, já que nossas pautas são totalmente divergentes. Enquanto eu defendo a retirada dos invasores, a proteção do território, a segurança dos indígenas, a demarcação de terras, temos um Legislativo que é totalmente contra essas propostas. Há ainda uma grande expectativa dos próprios povos indígenas de que tudo se resolva de imediato. É natural essa expectativa porque é realmente uma necessidade. Eu não considero isso uma pressão ou uma crítica, mas é um passivo que o Estado brasileiro tem para com os habitantes originários.

Os indígenas enfrentaram uma derrota no Congresso no fim de 2023 com a derrubada do veto de Lula ao marco temporal. Faltou articulação política do governo? Não é que tenha faltado articulação. A realidade é que temos um Congresso com maioria anti-indígena, que apresentou esse projeto de lei do marco temporal mesmo diante da decisão do STF que considerou a tese inconstitucional. Fizemos articulação com líderes de governo, com comissões, com parlamentares, no meu gabinete, mas não teríamos votos suficientes para derrubar a proposta. A articulação foi feita, os diálogos ocorreram, mas, infelizmente, eles têm ampla maioria nesse tema.

Já há registros de aumentos de conflitos de terra ou de questionamentos às demarcações feitas? Sim, já tem vá-

rios movimentos. Inclusive esse movimento "Invasão Zero", que acabou gerando uma morte na Bahia em janeiro, está crescendo e se fortalecendo em vários estados. É uma organização totalmente criminosa, que tenta fazer justiça com as próprias mãos, retirando indígenas de determinadas áreas. Há grupos armados pedindo para os indígenas saírem. De fato, enquanto não houver uma reafirmação do Supremo de que o marco temporal é inconstitucional, esses conflitos vão crescer. A gente vem trabalhando para evitar, mas há uma articulação de setores para pressionar e criar conflitos em alguns estados.

O agronegócio costuma ser acusado de atrapalhar o avanço das pautas indígenas. O que acha? Temos pautas bem diferentes. O agronegócio tem seu interesse em aumentar a produção e para isso precisa de mais terras. Então existe uma pressão histórica de setores ruralistas sobre as áreas indígenas. Isso é fato no Brasil. Já a gente vem lutando para retomar espaços dos povos originários que foram entregues de forma ilegal a esses setores, em muitos casos pelo Estado. As terras indígenas são muito bem definidas, são aquelas consideradas tradicionalmente ocupadas. Não brigamos por áreas que sejam propriedades privadas. Lutamos por locais que são reivindicados com respaldo legal na Constituição.

A senhora encaminhou uma lista de terras para demarcação quando assumiu. Como está a situação desses pe-

didos? Das quatorze que apresentamos no início de 2023, oito foram homologadas. Temos seis na fila e estamos trabalhando para que a demarcação delas saia este ano. Há uma articulação para que as áreas que não foram afetadas pelo marco temporal possam ser assinadas. Os vetos de Lula foram derrubados, a gente não pode fazer atos que infrinjam essa lei, então estamos mapeando as terras e, ao mesmo tempo, articulando para que o Supremo Tribunal Federal se posicione sobre o tema para que possamos avançar com as demarcações.

O cacique Raoni, uma das principais lideranças indígenas do país, disse que Lula não cumpriu o que prometeu no dia da posse com relação à proteção dos povos originários. O que achou da declaração? Acho natural que o cacique tenha o seu ponto de vista, mas ainda não passou da ho-

“A pressão vem de todos os lados, até do Congresso, já que nossas pautas são totalmente divergentes. Há ainda uma grande expectativa dos povos indígenas de que tudo se resolva de imediato”

ra de cumprir tudo que foi prometido. Afinal de contas, temos um passivo muito grande e estamos trabalhando para cumprir. Homologamos oito terras indígenas em menos de um ano, sendo que em dez anos foram apenas onze áreas demarcadas. Estamos fazendo a desintrusão de terras indígenas, retirando garimpeiros, grileiros e madeireiros. Essas medidas estão em curso, já fizemos em quatro áreas. Também há esse investimento permanente no território ianomâmi.

O que falta para avançar mais rápido? Esse é um trabalho complexo, precisamos de segurança, estrutura e articulação para que essas ações aconteçam. Estamos implementando planos de gestão, retomamos o Conselho Nacional de Política Indigenista, que será instalado neste ano. Temos muitas coisas realizadas e que precisam ser mostradas para que as pessoas saibam o que estamos fazendo. Às vezes dizem que falta isso ou falta aquilo, mas também falta às pessoas conhecer as ações que estão sendo realizadas.

Por que levou tanto tempo para a criação de um ministério dedicado à questão indígena? De fato, demorou séculos para ocuparmos cargos estratégicos, como o ministério e a presidência da Funai. Isso decorre da marginalização dos povos indígenas ao longo do tempo. Lula teve uma coragem incomparável ao atender a essa demanda e criar esse ministério. Com atraso, claro, mas em um momento muito oportuno.

A estrutura que tem no ministério hoje, como orçamento e efetivo de pessoal, é suficiente? Acho que vários ministérios estão na mesma berlinda. Ainda falta muito para termos uma estrutura suficiente, afinal de contas, temos problemas grandiosos a ser resolvidos. Estamos trabalhando como um ministério articulador, temos a Funai, que é nosso órgão executor, mas atuamos de forma compartilhada. Por isso, com os recursos sendo insuficientes, buscamos articulação com outras pastas que têm mais estrutura. A orientação do presidente Lula é que seja um trabalho transversal entre os ministérios. A política indígena não se resume ao Ministério dos Povos Indígenas; temos a educação, a saúde, o meio ambiente, as ações de segurança alimentar com o Ministério do Desenvolvimento Social, a estratégia de segurança com o Ministério da Justiça. A política indigenista está distribuída em várias pastas.

Acha que a causa indígena e as questões ligadas à preservação da Amazônia podem ser beneficiadas com a realização da COP30 em Belém, em 2025? Temos uma grande expectativa. É a hora de a Amazônia falar com o mundo em vez de o mundo falar pela Amazônia. Essa desintrusão das terras indígenas feita pelo governo e o avanço da demarcação de terras são medidas que vão permitir zerar o desmatamento até 2030. Os povos originários se apresentam como uma das últimas alternativas para conter as mudanças climáticas. Esperamos apoio para ser protagonistas e parte da solução para essa crise. ■

IMAGEM DA SEMANA

NO BANCO DOS RÉUS

INSTADO a comparecer ao acanhado tribunal de Manhattan na segunda-feira 15, início do processo criminal que o acusa de, na campanha de 2016, ter burlado a lei para comprar o silêncio da atriz pornô Stormy Daniels, com quem teria passado uma noite, **Donald Trump mostrou-se cansado e incomodado na cadeira desconfortável,** onde bocejou várias vezes. Os pagamentos em si não são

JEENAH MOON-POOL/GETTY IMAGES/AFP

ilegais, mas, segundo a acusação, o ex-presidente cometeu 34 crimes de falsificação de registros de despesas para escondê-los. Trata-se do menos grave entre os quatro processos que Trump enfrenta, mas pode ser o único a ter um desfecho antes da eleição de novembro, na qual é candidato à Presidência. A primeira semana foi dedicada à escolha do júri, e prevê-se que os trabalhos se estendam até junho. À tarde, mais animado, o ex-presidente, primeiro ocupante da Casa Branca a ser julgado criminalmente, martelou nos corredores a tese habitual de que é vítima de uma caça às bruxas com motivação política, sempre bem recebida no bonde trumpista e, neste caso, até fora dele — só um terço dos americanos vê ilegalidade nos pagamentos. Segundo pessoas próximas, a mais nervosa com o que pode ser dito no tribunal — por motivos óbvios — é a ex-primeira-dama Melania, que estava grávida na época da suposta noitada. Além de inédita, a ação em curso pode vir a testar os limites do decoro presidencial: um veredicto de culpado e mesmo uma pena de prisão não são impedimento para que Trump tome posse, caso vença Joe Biden na eleição. ■

Caio Saad

“O BOM HUMOR É CONTAGIANTE”

O psicólogo americano rebate a discriminação contra os idosos com argumentos científicos e esmiúça, em novo livro, as coordenadas para uma vida longa, ativa e feliz — uma delas é cultivar o sorriso

A ARTE DE NÃO SE APOSENTAR O neurocientista, que também é músico: aprender e ter propósitos faz a diferença

DAVID LIVINGSTON

Em *O Bom da Idade* (Editora Objetiva), o senhor usa a neurociência para demolir crenças etaristas. Por que elas não param em pé? O etarismo, assim como o racismo ou o machismo, nunca pode ser justificado porque é uma tentativa de pré-categorizar as pessoas baseada num grupo, em vez de olhar para elas como indivíduos. Em qualquer agrupamento que você forme, em cima de qualificações superficiais ou demográficas, haverá gente boa e gente ruim, honesta e desonesta, competente e incompetente... Você pode dizer que estou louco, mas pense nas prisões, locais que, por definição, são destinados a pessoas más ou desonestas. Se olharmos para a história, veremos que muitos presos eram inocentes, injustamente condenados ou colocados nessa situação por razões políticas, como Nelson Mandela.

Mas não há o envelhecimento natural do corpo e do cérebro? Sim, mas muitos idosos têm um desempenho melhor que pessoas com a metade da sua idade. Pense em Jane Goodall *(primatóloga americana, 90 anos)*, no dalai-lama *(líder religioso, 88 anos)*, em Jane Fonda *(atriz americana, 86 anos)*, em Julia "Furacão" Hawkins *(nadadora com 108 anos)* ou no ex-secretário de Estado americano George Shultz — quando eu o entrevistei, ele tinha 97 anos e ainda estava empolgado.

Qual é o maior desafio para mudar a mentalidade e o estilo de vida em prol de um amadurecimento saudá-

vel? Os maiores desafios são a procrastinação, a complacência e a inércia. Por que eu deveria mudar agora, se as coisas estão indo bem, não? Não podemos nos acomodar. Outro problema é ficar pensando que o futuro será sempre melhor, que sempre teremos tempo para realizar as mudanças.

Por que o bom humor é crucial nessa história? Quando estamos de bom humor, uma série de reações positivas começam a acontecer. No nível cerebral, a liberação de substâncias como a serotonina estimula o corpo a turbinar a imunidade, regular o apetite e o metabolismo e a nos manter focados e produtivos. O bom humor também é contagiante, atraindo as pessoas e ajudando a construir nossas redes de suporte social. Rir, em particular, é algo que nos faz sentir bem e nos manter otimistas. E o otimismo é um poderoso antídoto para o envelhecimento. ■

Diogo Sponchiato

DATAS

EXCESSO Roberto Cavalli: o estilista de pop stars como Beyoncé e Jennifer Lopez

MOLTO SEXY E *MOLTO* ITALIANO

Filho de uma família florentina ligada às artes, **Roberto Cavalli** logo intuiu que sua vocação não era com telas e pincéis, mas sim com agulhas e o desenho de roupas. Nos anos 1990, ele explodiu nas passarelas com o tom que o faria famoso: o excesso, em peças destinadas a vestir gente da alta sociedade com transparências e generosos decotes. Ter um "Cavalli" no armário era a senha para as intermináveis festas e os infindáveis iates. Todo pop star que se preze em algum momento esteve dentro de um modelo dele: Jennifer Lopez, Beyoncé, Christina Aguilera, Shakira e as Spice Girls — para quem ele desenhou uma coleção inteira para uma turnê, em 2007. "*Molto* sexy, *molto* animal print e *molto*, *molto* italiano", na definição do jornal britânico *The Independent*. Cavalli morreu em 12 de abril, aos 83 anos, em Florença, de causas não reveladas.

SAVO PRELEVIC/AFP

UMA PRESENÇA CONCRETA

O apartamento de Augusto de Campos e **Lygia de Azeredo** no bairro de Perdizes, Zona Oeste de São Paulo, foi sempre um centro de intermináveis tertúlias culturais — mal comparando, era como o endereço da escritora Gertrude Stein na Paris dos anos 1920, ímã de atração de nomes como Picasso, Hemingway e F. Scott Fitzgerald. No lar paulistano, circulavam pensadores durante os anos 1960, 1970 e 1980. A pauta: a política, sem dúvida, no período do regime militar e depois, com a redemocratização, mas sobretudo os versos da poesia concreta. Embora de produção bissexta, Lygia foi fundamental no grupo Noigandres, criado em 1952 pelo marido, Augusto, Haroldo de Campos (1929-2003), Décio Pignatari (1927-2012), José Lino Grünewald (1931-2000) e Ronaldo Azeredo (1937-2006), seu irmão. Em 1979, ela escreveu o "poema-beijo para augusto": "como foi / como é / como flor / como amor / como amiga / como vida". Lygia morreu em 14 de abril, aos 92 anos, em São Paulo.

ARQUIVO PESSOAL

PARCEIRA Lygia de Azeredo: fundamental para o grupo de poesia do marido, Augusto de Campos

NO CENTRO DO APOCALIPSE

PAUL KITAGAKI JR./ZUMA PRESS/ALAMY/FOTOARENA

EM FAMÍLIA Eleanor, mulher de Francis Ford Coppola e mãe de Sofia: documentarista respeitada

Nunca foi fácil orbitar em torno do diretor de cinema Francis Ford Coppola, o criador da inesquecível franquia *O Poderoso Chefão,* um dos nomes mais reputados da história do cinema dos séculos XX e XXI. **Eleanor Coppola,** mulher do cineasta, contudo, soube fazer dos obstáculos o atalho para construir carreira própria como documentarista. No final dos anos 1970, o marido decidiu filmar *Apocalypse Now* nas Filipinas. Foi uma rodagem infernal, com problemas climáticos e de saúde dos atores, além do humor irascível do genial Marlon Brando. Eleanor — “a única pessoa com tempo livre”, ela diria, irônica — tratou de registrar o cotidiano daquela aventura. O resultado: *Francis Ford Coppola — O Apocalipse de um Cineasta,* extraordinário retrato das dificuldades do cinema. Ela faria também o registro do making of de dois trabalhos dirigidos pela filha, Sofia: *As Virgens Suicidas* (1999) e *Maria Antonieta* (2006). Em 2016 ela estrearia na ficção com o elogiado e simpático *Paris Pode Esperar.* “Eleanor tem a capacidade de fazer com que as mulheres se identifiquem com ela”, disse a atriz Diane Lane, que fazia par com Alec Baldwin. Ela morreu em 12 de abril, aos 87 anos, de causas não reveladas pela família. ■

FERNANDO SCHÜLER

A RAIZ DO PRECONCEITO

“POBRINHO”, “MACACO”, “filho da empregada”. As palavras saíram da arquibancada em um jogo de futebol em Brasília. Jogava o time da casa, colégio bacana, mensalidade salgada, contra uma escola com alunos de menor renda, confessional. O caso ganhou alguma repercussão, o colégio diz que fará suas investigações e punirá quem deva ser punido. E a vida segue. De minha parte, vejo algo bastante sombrio nisso tudo. O.k., são adolescentes, têm muito a aprender, não se trata de fazer caça às bruxas. Mas é difícil não perceber nesse pequeno episódio um sintoma. Aconteceria precisamente o mesmo, ou quem sabe coisa pior, naquela escola, se os alunos fossem egressos do sistema estatal de ensino, que atende a 85% de nossos estudantes. O corte que define aquela atitude é renda e raça. Os eixos da exclusão brasileira.

O ponto é que somos nós que criamos, meticulosamente, um sistema segregado de educação no país, cujos números saltam aos olhos. No Pisa, o teste da OCDE, há 100 pontos de diferença entre alunos das redes privadas e estatais. De um lado, o Brasil que empata com a nota dos Estados Unidos; do

outro, o país lado a lado com o Marrocos e o Uzbequistão. Leio que o Brasil está "estagnado". A verdade é que isso é apenas uma meia verdade. Não é a educação brasileira que está no fim da fila no Pisa, mas a educação provida diretamente pelo Estado, nas redes estaduais e municipais. O sistema funciona da seguinte maneira: quem tem dinheiro contrata uma boa escola privada. Quem não tem fica à mercê das redes estatais. Na prática, criamos duas imensas bolhas. Os de maior renda, em sua maioria brancos, de um lado; os de menor renda, em sua maioria negros, de outro. É esse o Brasil que criamos. E que não nos dá direito a nenhuma surpresa quando vemos situações como a de Brasília.

Há uma vasta literatura que mostra os danos que a segregação educacional produz na sociedade. Já nos anos 1950, o psicólogo social Gordon Allport se debruçou sobre o assunto para entender as raízes do preconceito. Em um experimento, comparou unidades do Exército americano em que já havia a convivência entre soldados negros e brancos com unidades ainda segregadas. Nessas últimas, 63% dos soldados recusavam a "inclusão de negros e brancos, lado a lado". Nas unidades em que a convivência já existia, a rejeição caía a 7%. Era justamente a convivência humana que tinha o poder de confrontar o preconceito. Não o contato esporádico, ao estilo das redes sociais. Mas o compartilhamento da experiência humana, no trabalho, na escola. Exatamente o que não fazemos, na educação básica, precisamente o lugar em que isso deveria ser feito.

O QUE FAZER? Cena do filme *Raça e Redenção:* a convivência necessária

A tese de Allport surge em um belíssimo filme chamado *The Best of Enemies (Raça e Redenção*, no Brasil). O longa retrata um fato real ocorrido no sul racista dos Estados Unidos, no início dos anos 1970. Tendo de decidir se haveria a integração das escolas, se alunos brancos e negros estudariam juntos, o juiz local realiza um grande fórum. Na prática, uma longa reunião, com dez dias de convivência entre negros e brancos da comunidade, para resolver o que fazer. Muita coisa acontece nesse meio-tempo, como é previsível que ocorra,

STX/DIVULGAÇÃO

“Dobramos a aposta em um sistema estatal parado no tempo”

quando a mágica do contato humano, e com ele a força da empatia, produz seu efeito. Ao final, o líder local da Ku Klux Klan, dono do posto de gasolina, reconhece que muita coisa havia mudado. Que aqueles a quem ele fora criado para enxergar como inferiores ressurgiram agora como pessoas de carne e osso, com seus rostos, sua terna e igual dignidade.

Outro argumento diz respeito a quanto a segregação danifica a mobilidade social. Quem trabalhou esse tema foi o pesquisador de Harvard Raj Chetty. Ele fez um estudo mapeando mais de 21 bilhões de conexões no Facebook, envolvendo perto de 84% dos americanos entre 25 e 44 anos. Os resultados mostram claramente o impacto positivo do capital social gerado na escola, na forma de contato com colegas e famílias de maior renda, sobre as chances de vida. E não se trata apenas de aspectos triviais, como a indicação para algum emprego. Mas da forma como moldamos aspirações. “Se você nunca conheceu alguém que fez faculdade”, diz Chetty, “terá menos estímulos para buscar uma faculdade ou um lugar como Harvard.”

Allport e Chetty mostram algo bastante interessante: o compartilhamento de um mesmo mundo social produz um duplo efeito: permite a quem tem menos aspirar mais alto. E, a quem tem mais, cultivar o respeito. Não acho que pessoas de bom senso, Brasil afora, discordariam muito dessas conclusões. Na prática, porém, isso implica um enorme problema. Nunca me esqueço de uma noite, coisa de dez anos atrás, quando sugeri, em uma palestra, a ideia de que os governos deveriam dar bolsa de estudos, como é feito no ProUni, para que os alunos de menor renda pudessem escolher onde estudar. Ao final do evento, uma senhora elegante me procurou e disse, pensativa: "Quer dizer que os alunos de periferia iriam estudar lá no 'Colégio Europeu'? (O nome é fictício. Ela se referia à escola bacana em que sua filha estudava.) "É", respondi, "mais ou menos isso". Ao que ela me retrucou, com uma cara já bastante preocupada: "Mas eles irão também nas festas de 15 anos?". Foi quando resolvi encerrar a conversa.

O fato é que há muitas maneiras de fazer isso. A mais óbvia é dar aos estudantes a chance da escolha educacional. Se uma pequena e aguerrida instituição como o Instituto Ponte, no Espírito Santo, faz isso, oferecendo bolsas para alunos de menor renda estudarem em ótimas escolas, por que não poderia ser feito em escala mais ampla, a partir da ação dos governos, com algum planejamento? É evidente que poderia. Eu mesmo acompanhei, dirigindo uma instituição de elite, como foi possível que centenas de alunos de

menor renda pudessem estudar economia e administração, com resultados acima da média da escola, simplesmente porque receberam uma bolsa do ProUni.

Há algo muito estranho com este país. Falamos em "diversidade", criamos cotas, queremos resolver o gap racial nas empresas, mas silenciamos quando se trata da educação básica. Neste ambiente opaco em que se formam nossas aspirações e visões de mundo, fazemos de conta que o problema não existe. Em vez de encará-lo de frente, dobramos a aposta em um sistema estatal parado no tempo. No fundo, em um discurso cínico, a retórica de uma elite que diz: "Olha, eu ponho meus filhos na escola inglesa, mas não se preocupem, vocês aí embaixo. Em dez anos tudo vai melhorar". Discurso tão elitista quanto aqueles xingamentos em Brasília. Porém mais perigoso, pois é feito por quem tem poder de decidir alguma coisa.

Alguém acha que mudar esse estado de coisas é uma utopia? Talvez. O Brasil é um país imensamente conservador. Quem tem o poder de tomar decisões não depende do Estado, nessa área, e os mais pobres estão fora do jogo. Mesmo assim, sigo em frente. Prefiro apostar numa utopia com um sentido civilizatório a me conformar com a distopia de nosso apartheid educacional. E do qual aqueles gritos patéticos, na arquibancada de uma escola elegante, nos deram uma pálida notícia, por estas semanas. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

MINHA CASA, MINHA VIDA
O número de unidades financiadas pelo programa no primeiro trimestre deste ano chegou a 134 900, 52% a mais em comparação ao mesmo período do ano passado.

ROMÁRIO
Aos 58 anos, o craque da Copa de 1994, que é hoje senador pelo PL-RJ, foi inscrito para atuar na segunda divisão do Rio pelo America, clube que é também comandado por ele.

GUERRA CIVIL
O filme que tem o brasileiro Wagner Moura no elenco liderou a bilheteria dos Estados Unidos durante o fim de semana de estreia.

DESCE

REAL

A moeda brasileira é uma das que mais estão sofrendo desvalorização entre os países emergentes – até o peso argentino vem se saindo melhor por esse critério.

MAGALU

As ações da empresa de varejo chamam atenção pelo desempenho negativo: já acumularam queda de quase 30% desde o começo do ano.

ANABOLIZANTES

Segundo um estudo dinamarquês divulgado pela conceituada revista médica *Jama*, o uso de hormônios sintéticos aumenta em 2,8 vezes o risco de morte.

THOMAS LOHNES/GETTY IMAGES

“Eu cheguei bem perto da morte. Quando chegamos perto assim, quando enxergamos tão de perto, aquilo permanece com a gente. Hoje está muito mais presente na minha cabeça do que estava antes.”

SALMAN RUSHDIE, escritor anglo-indiano, que em 2022 foi esfaqueado durante uma palestra em Nova York. Ele acaba de lançar o livro *Faca,* uma autobiografia sobre aquele episódio. Em 1989 ele foi jurado de morte pelo aiatolá do Irã *(leia na reportagem “Em ponto de fervura”)*

"Esses ataques, muitas vezes, se escondem atrás da liberdade de expressão, quando, na verdade, estamos falando de um modelo de negócio que vive do engajamento motivado por ódio, mentiras e ataques às instituições. Quando o que estão fazendo é ganhando dinheiro."

LUÍS ROBERTO BARROSO, presidente do STF

"O mais importante é justamente evoluirmos para ter a regulamentação das redes sociais no Brasil. Uma frase de um filósofo holandês diz que liberdade, liberdade mesmo, é uma abstração. A única liberdade que se tem é de se escolher em qual prisão nós vamos estar."

EDUARDO LEITE, governador do Rio Grande do Sul, comentando a guerra entre Elon Musk e Alexandre de Moraes

"*(Lula)* me dá total autonomia para eu fazer o que faço."

ROSÂNGELA DA SILVA, a **JANJA**, primeira-dama, instada a dizer o tamanho de seu poder

"Me aposentar? Jamais, só quando Deus me chamar."

GALVÃO BUENO, 73 anos

“Outro dia tive uma maldita sensação: ‘Cara, sinto um pouquinho de falta da pandemia’.”

FITO PÁEZ, compositor e cantor argentino, ao lembrar dos dias em que podia ficar fechado em casa, isolado – embora admita “a sensação de loucura” no tempo mais duro do surto de covid-19

“Estávamos muito loucos para falar de saúde mental.”

JOAN BAEZ, cantora e compositora americana, 83 anos, ao recordar dos anos 1960 e do sucesso inesperado. Em um documentário recém-lançado, ela diz ter sofrido durante décadas de neurose e síndrome do pânico

“Vivia na esbórnia, na mão de quem chegasse primeiro, homem, mulher… Adorava aquilo.”

NEY MATOGROSSO, a respeito do início da carreira, nos anos 1970

“Não vou esconder dele o que fiz.”

DANIEL CRAVINHOS, acusado do assassinato de Manfred e Marísia von Richthofen, pais de Suzane. Ele cumpre pena em regime aberto e terá um filho em breve

“Então, ela virou uma aposta no começo de tudo. Falei: ‘Eu vou conseguir’.”

ENDRICK, atacante do Palmeiras e da seleção, a caminho do Real Madrid, ao revelar que o começo do namoro com a modelo Gabriely Miranda nasceu de uma estúpida provocação dos amigos

“Gostaria de ter ido à escola.”

ZENDAYA,
ao lamentar o início prematuro da carreira como atriz, aos 14 anos

ETTORE FERRARI/EPA/EFE

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia,
Nicholas Shores e Ramiro Brites

Território dominado

Depois do breve acerto de contas com a Lava-Jato, o **CNJ** vai focar num grande escândalo da magistratura. Investigações revelam um quadro institucionalizado de corrupção ainda vigente no Judiciário da Bahia. Há possibilidade de intervenção no tribunal.

A casa caiu

Em 2019, a PF desmontou um esquema de venda de sentenças no TJBA. Desembargadores, juízes, advogados e empresários foram presos.

METÁSTASE CNJ: órgão avalia intervir no Judiciário da Bahia, refém do crime

G. DETTMAR/AG. CNJ

Saiu barato

Dono de um império na Bahia, o fazendeiro Walter Horita fechou acordo com a PGR, até hoje sigiloso, em que confessa ter comprado decisões. Ele pagou 30 milhões de reais para se livrar das acusações de corrupção.

Comprei mesmo

"A prestação jurisdicional era guiada pela captação de divisas criminosas. Horita confessou ter usado sua condição econômica abastada para comprar decisões do TJ baiano", diz o acordo.

Esquadrão da morte

Além de corromper magistrados, o esquema envolvia o MPF e a Secretaria de Segurança da Bahia. Quem não era comprado era ameaçado de morte.

"O esquema continua"

Ao investigar, o CNJ constatou algo assustador. Dezenas de desembargadores se deram por impedidos. O principal denunciante, um agricultor, foi morto e delatores são ameaçados. "Há notícias de que o esquema continua. Estamos pensando numa forma de intervenção", diz Luis Felipe Salomão.

Uma certa imprecisão

Auxiliares de Lula estão preocupados. Dizem que ele tem se atrapalhado com números. Eles se referem a pequenos lapsos, como quando acusou Israel de matar 12,3 milhões de crianças. O dado certo — e devastador — era 12 400.

No limite

Lula voltou a destratar auxiliares como nos tempos pré-

cirurgia de quadril. Nessa viagem à Colômbia, o petista tomou um chá de cadeira de Gustavo Petro e não gostou. Sobrou pra geral.

Precisa descansar

Outro dia, um ministro tentou despachar com Lula fora do horário de expediente. Janja não deixou.

Malvado favorito

Gilmar Mendes montou um cardápio italiano para receber Lula nesta semana. Na conversa, o petista não poupou críticas a... Arthur Lira: “Logo ele vai entender que eu não sou a Dilma”.

Não tem zagueiro

Lula foi cobrado a mudar os líderes do governo e a articulação política no Legislativo. “O senhor está numa Champions League, mas o time é de segunda divisão”, disse um ministro.

É apagão, seu delegado

A PF interrompeu o serviço de emissão de passaporte em São Paulo, unidade vital da corporação, por falta de dinheiro. Falta até gasolina para viatura.

No vermelho

As Forças Armadas, também próximas do apagão financeiro, avaliam demissões no setor de Defesa.

Guerra na polícia

A PRF investiga o superintendente substituto da instituição no DF por espionagem contra o diretor Antônio Oliveira. Despacho da corregedoria diz que Rafael Silva é autor de um dossiê com acusações contra a cúpula da PRF e que ele aces-

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

9.4 Sarney: ex-presidente completa mais um ano de vida no estaleiro

sou o CPF de Oliveira no sistema de investigação da PRF.

Velhos métodos

Silva é braço direito do superintendente Igor Ramos, que se filiou ao PT recentemente. Fontes da PRF dizem que há um movimento na corporação para derrubar Oliveira desde que Flávio Dino deixou o governo.

Nada a declarar

Atual chefe do Ministério da Justiça, o ministro Ricardo Lewandowski não quis se pronunciar sobre a guerra nos bastidores da PRF.

Dores da idade

Na próxima quarta, **José Sarney** vai completar 94 anos. A festa, no entanto, será limitada. Ele ainda se

recupera de uma queda em que fraturou costelas, úmero e clavícula.

Sem freio

Organizador do ato de Jair Bolsonaro no RJ, Silas Malafaia diz que vai abrir o verbo contra o STF. "O que falei na Paulista foi água com açúcar perto do que vou falar. Não vai ser brincadeira."

Não vai delatar

Sebastião Coelho, novo advogado de Filipe Martins, diz que só assumiu o caso porque o ex-auxiliar de Bolsonaro garantiu que não delatará. "Minha entrada é uma garantia disso", diz Coelho.

Gaiola do golpe

Na próxima quarta, Mauro Cid vai completar um mês de prisão. O ex-auxiliar de Jair Bolsonaro será lembrado no ato de domingo.

Boa causa

Chefe do BC, Roberto Campos Neto reforçou a articulação no Senado para tentar aprovar a autonomia financeira do banco antes de deixar o cargo.

Contra *fake news*

O TSE separou até 4,2 milhões de reais para contratar a execução de uma auditoria externa no sistema eleitoral durante o pleito deste ano.

Turismo revolucionário

O Planalto mandou um emissário a Cuba para um congresso de seis dias sobre a... Nova Ordem Econômica Internacional. Agora vai.

DÍVIDA Taís: atriz foi acionada na Justiça por contas não pagas no Rio

INSTAGRAM @TAISDEVERDADE

Caminhão de dinheiro

A Secom de Paulo Pimenta separou 197 milhões de reais para gastar com a comunicação digital do governo. Quatro agências serão contratadas para atuar na área.

Na Justiça

A atriz **Taís Araujo** foi acionada recentemente pelo Barra World Shopping, no Rio. Deve cerca de 28 500 reais em faturas de condomínio.

Bacanas e... caloteiros

O Barra World Shopping, aliás, diz sofrer com múltiplos calotes. "Das 773 unidades, 348 estão inadimplentes, totalizando o déficit de 100 milhões de reais nos últimos cinco anos." ■

A ORQUESTRA DESAFINADA

Disputas de poder entre ministros, divergências e vacilos na economia, programas desencontrados e sinais ambíguos do presidente provocam confusão e instabilidade no governo

DANIEL PEREIRA E MARCELA MATTOS

LÉZIO JÚNIOR

CADA UM POR SI O principal desafio do presidente da República não está fora, mas dentro de sua gestão

CAPA: ILUSTRAÇÃO DE LÉZIO JÚNIOR

Em maio do ano passado, quando o trabalho do Congresso começava a ganhar tração, o presidente Lula conversou a sós com o comandante da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), um antigo opositor que apoiou a fracassada campanha à reeleição de Jair Bolsonaro. Foi uma tentativa de aparar arestas pessoais entre os dois, estabelecer um canal de diálogo e pavimentar o caminho para a aprovação de projetos de consenso entre o Executivo e o Legislativo, com destaque para a agenda econômica. No encontro, Lira reclamou da desarticulação do governo e sugeriu ao petista que anunciasse logo a sua candidatura ao Palácio do Planalto em 2026, a fim de acabar com a rivalidade entre seus ministros, principalmente Alexandre Padilha (Relações Institucionais), Rui Costa (Casa Civil) e Fernando Haddad (Fazenda). “É o Rui travando o Padilha, que trava o Rui, que trava o Haddad”, reclamou o parlamentar. Tempos depois, como já era esperado, o presidente anunciou que tentará um novo mandato na próxima eleição, mas, ao contrário do que esperava Lira, essa iniciativa não inibiu as brigas e as sabotagens dentro governo, num sinal claro de que, se a orquestra oficial continua desafinando, a culpa é do regente, ele mesmo, Lula.

Aliados e assessores do presidente admitem que o governo está descoordenado e disfuncional, mas evitam debitar o problema só na conta do mandatário. Eles alegam que Lula teve de se dedicar em 2023, após a invasão e a

RICARDO STUCKERT/PR

CADÊ O MAESTRO? Lula, com Tebet: falta de coordenação, decisões contraditórias e ministros sabotando uns aos outros

depredação das sedes dos três poderes, à defesa da democracia e à reconstrução de pontes institucionais dinamitadas pelo bolsonarismo. Além disso, também em resposta a uma herança maldita deixada pelo antecessor, Lula deu prioridade no ano passado à agenda internacional e à tentativa de devolver ao Brasil certo protagonismo em determinados debates globais, como na área do meio ambiente. Os assuntos domésticos teriam ficado em segundo plano, mas a expectativa era de que seriam encaminhados — com planejamento, coordenação e eficiência — em 2024,

o que ainda não ocorreu. O governo continua a bater cabeça em setores estratégicos, como economia, articulação com o Congresso e relações internacionais, e ainda lida com disputas de poder entre seus principais quadros, sem que o presidente arbitre as contendas ou deixe claro o rumo a ser seguido — se é que há um rumo definido.

O caso da política econômica é emblemático. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, até conseguiu manter a meta de déficit zero para este ano, apesar da ofensiva contrária do chefe da Casa Civil, Rui Costa, da presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann, e do próprio Lula, que chegou a declarar que a meta "dificilmente" seria cumprida e que não faria "corte de bilhões" em obras e programas para alcançá-la. Sem contar com o apoio do presidente e de colegas de governo para manter seu plano de ajuste fiscal, Haddad foi obrigado a anunciar uma redução das metas para 2025 (de superávit de 0,5% do PIB para déficit zero) e para 2026 (superávit de 0,25%, e não mais de 1% do PIB). Na prática, a mudança significa que, ao contrário do que queria o ministro, haverá mais gasto público, exatamente como defendia a classe política, o que pode contribuir para o aumento dos juros e da dívida pública e, ao mesmo tempo, atrapalhar o crescimento da economia. "A área econômica sempre estará um pouco isolada. Em qualquer governo, é uma atividade dura, muito solitária", afirmou um resignado Haddad em entrevista à GloboNews. "Não é fácil botar ordem nas contas."

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

FOGO AMIGO Fernando Haddad: sem apoio do presidente e de colegas do governo para manter seu plano original de ajuste fiscal

Mesmo após serem revisadas para baixo, as metas fiscais dificilmente serão atingidas, conforme avaliação do mercado e até de integrantes do governo. Um dos motivos é a dificuldade para aumentar a arrecadação federal. As fontes de receitas, conforme definição da ministra do Planejamento, Simone Tebet, estão praticamente "exauridas". Outra razão é a recusa de Lula em promover um programa consistente de corte de despesas, por meio, por exemplo, de uma reforma administrativa. O presidente sempre foi um entusiasta da ideia — simplista e errada — de que gasto é vida. Rui

Costa, seu mais poderoso assessor no Planalto, vive a argumentar que o ajuste fiscal proposto por Haddad pode prejudicar o novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), assim como o pagamento de dividendos extras pela Petrobras — rejeitado por Costa e defendido por Haddad — poderia, segundo o chefe da Casa Civil, inviabilizar o plano de investimentos da companhia. O duelo entre os dois ministros é permanente e se desenrola longe dos holofotes com muito mais intensidade do que parece.

Na entrevista à GloboNews, Haddad elogiou petistas por promoverem o debate público e contestarem decisões da Fazenda, mas reclamou do fogo amigo que arde nos bastidores: "Às vezes, você gera ruídos absolutamente desnecessários que atrasam a agenda". O ministro acrescentou: "Atrapalha quando o jogo é cifrado, quando não fica claro quem está falando". O rival não deixa barato. No início do governo, Rui Costa disse publicamente que seria falta de sensibilidade política reonerar os combustíveis, como queria Haddad. Desde então, a rixa ganhou ritmo e temperatura. Na semana passada, o chefe da Casa Civil xingou Haddad numa conversa com aliados por considerar que o ministro da Fazenda estaria por trás da retomada pela imprensa de um caso de desvio de recursos públicos, investigado de forma sigilosa no Superior Tribunal de Justiça (STJ). Revelado por VEJA em outubro de 2022, esse inquérito apura uma série de irregularidades na compra de respiradores, durante a pandemia de covid-19, pelo Consórcio

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

VILÃO Rui Costa: disputa por protagonismo e críticas pesadas a Haddad

Nordeste, na época presidido por Rui Costa. O caso, que já motivou até um acordo de delação premiada de um dos envolvidos no esquema, paira como uma ameaça sobre a cabeça do chefe da Casa Civil. “A briga do Haddad com o Rui é de morte. Um esculhambando o outro. É a concorrência pela sucessão do Lula”, afirmou a VEJA um parlamentar, que pediu para não ser identificado.

Na quarta-feira 17, o chefe da Casa Civil deixou a contrariedade de lado e foi só altivez em entrevista à CNN Brasil: “O povo brasileiro espera ações das pessoas que estão em

cargo público que melhorem a sua vida. É isso que eu foco toda vez que acordo e saio de casa. Quando você enxerga isso, diminui a importância de eventuais diferenças pessoais". Em seu primeiro mandato, iniciado em 2003, Lula viu se desenrolar uma disputa de poder entre o titular da Casa Civil, José Dirceu, e o ministro da Fazenda, Antonio Palocci. Os dois sonhavam ser escolhidos pelo chefe para sucedê-lo na Presidência. Os dois, em diferentes momentos, acabaram atingidos por escândalos de corrupção e ficaram pelo caminho. Palocci até hoje acredita ter sido abatido por fogo amigo petista. Como seus antecessores, Rui Costa e Fernando Haddad também nutrem o desejo de disputar a Presidência. As pretensões eleitorais de ambos e as rusgas entre eles viraram tema recorrente das conversas entre políticos. O ex-todo-poderoso Dirceu, por exemplo, tem criticado Rui Costa e defendido Haddad. Dirceu chega a dizer que o atual chefe da Casa Civil acha que pode derrubar o ministro da Fazenda, o que seria um tremendo erro de avaliação.

Já Lula, como de costume, prefere estimular a cizânia entre seus aliados e subordinados. Ele até intervém às vezes, mas nem sempre para encerrar os embates. Há situações em que prefere colocar mais lenha na fogueira. Foi o que fez na tensa relação com Arthur Lira. Depois de o plenário da Câmara manter a prisão do deputado Chiquinho Brazão, acusado de ser um dos mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco, o presidente da Casa acusou o ministro Alexandre Padilha, responsável pela articulação política do

LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

ISOLADO Padilha: o ministro tem sido atropelado pelo colega da Casa Civil

governo, de ser a fonte de reportagens que consideravam o desfecho da votação sobre Brazão uma derrota de Lira. Em público, o deputado chamou Padilha de "incompetente" e "desafeto pessoal". O ministro reagiu dizendo apenas que não desceria ao nível de Lira. Lula, então, resolveu participar do tiroteio verbal tomando partido de seu auxiliar: "Só de teimosia, Padilha vai ficar muito tempo nesse ministério". O presidente quis mostrar quem manda, o que não é necessário nem condiz com a liturgia do cargo. Com o rompante, só conseguiu agravar a situação. À frente da Câmara, Lira

tem o poder de atrasar ou destravar projetos, instalar CPIs e até fazer avançar pedidos de impeachment. A líderes partidários, o deputado deixou a impressão de que retaliará o governo, que até hoje não conseguiu formar maioria na Câmara e, por isso, depende — e muito — da ajuda de Lira.

Para piorar a situação, no mesmo dia em que Lula defendeu Padilha, o ministro do Desenvolvimento Agrário, o petista Paulo Teixeira, avisou Lira de que um primo do deputado seria exonerado da superintendência do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em Alagoas, por pressão do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Teixeira não esperou o deputado indicar um novo nome ao cargo antes de efetivar a mudança, nem informou Padilha da demissão, o que deveria ter ocorrido num governo minimamente organizado, já que Padilha controla as negociações políticas envolvendo cargos públicos. A exoneração foi formalizada um dia depois de Lula anunciar um plano de reforma agrária com o objetivo de conter a insatisfação do MST, que horas antes da solenidade no Planalto havia invadido uma fazenda da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em Petrolina, Pernambuco. Líder do governo na Câmara, o petista José Guimarães disse a VEJA que a demissão do primo de Lira foi “um negócio descabido”, por não ter sido feito de forma combinada com o deputado. Ele também reconheceu que a votação do caso Brazão e o Abril Vermelho, mês de mobilização do MST, ajudaram

JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

TODOS CONTRA TODOS Arthur Lira, presidente da Câmara: "É o Rui travando o Padilha, que trava o Rui, que trava o Haddad"

a inflamar a temperatura na Câmara. "Não do Arthur Lira, mas do governo e da oposição."

Diante de ânimos tão exaltados, Lula resolveu agir para desanuviar o ambiente. Durante a visita oficial à Colômbia, o petista telefonou para Guimarães e pediu que marcasse uma conversa entre ele, Lula, e o presidente da Câmara. Se dependesse de Lira, José Guimarães teria substituído Padilha ainda no ano passado como ministro de Relações Institucionais. "O país tem coisas muito maiores que dependem da Câmara e do Congresso. Então, brigas e erros de um ou

de outro não podem contaminar esse ambiente civilizado e de parceria que nós temos”, afirmou o líder do governo. Aliados também reconheceram a importância de Lula participar de forma mais efetiva das negociações com os congressistas, o que poderia destravar projetos de interesse da equipe econômica — desde textos pontuais, como a redução da abrangência de um programa de alívio tributário para o setor de eventos, o Perse, até a regulamentação da reforma tributária. “Tem coisas maiores que o país precisa discutir. Eu preciso dar conta da minha tarefa, o Padilha precisa dar conta da tarefa dele, e os demais não podem errar para não atrapalhar o governo, como foi esse erro lá de Alagoas”, disse o líder. No ano passado, aos trancos e barrancos, o Congresso aprovou quase toda a pauta econômica do governo, que distribuiu cargos e emendas em retribuição.

A questão é que o grande desafio do presidente não está fora, mas dentro de sua gestão. Desde meados de 2023, a avaliação positiva de Lula e do governo tem caído. Mesmo com a melhora do nível de emprego e da renda do trabalhador, mesmo com a inflação sob controle, aumentou o pessimismo da população com a economia. Uma série de outros fatores ajuda a entender a desidratação da imagem, incluindo as manifestações presidenciais sobre política externa. Essa é outra área em que o governo desafina porque o maestro ora segue a cartilha de seu assessor especial, Celso Amorim, mais ideológica e afinada à doutrina petista, ora segue o profissionalismo da chancelaria brasileira,

REBECA SCHUMACKER/AGÊNCIA ENQUADRAR/AGÊNCIA O GLOBO

BIRUTA MST: dependendo do setor do governo, invasões de terra contam com omissão, passividade e até incentivo

comandada pelo ministro Mauro Vieira, comprometido com a tradição nacional de conciliação e moderação. Esse descompasso levou o governo brasileiro, entre outras coisas, a demorar para chamar de terroristas os terroristas do Hamas e também demorar para cobrar do ditador da Venezuela, Nicolás Maduro, explicações para o veto a oposicionistas nas eleições presidenciais marcadas para este ano. A guinada no caso venezuelano não foi motivada por convicção, mas por pressão da opinião pública — ou pelo desejo de estancar a sangria nas pesquisas.

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

TRAPALHADA

Teixeira: demissão de primo de Lira acirrou ânimos no Congresso

Um dos políticos mais experientes do país, Lula já foi comparado a Pelé, o rei do futebol, por seu ex-chefe de gabinete, Gilberto Carvalho. Desde os tempos em que liderava a oposição, o presidente é tratado como fora de série, um animal político, um expert na arte de atrair aliados e superar adversidades. Sua desforra contra a Lava-Jato é uma prova disso. Já sua atuação no terceiro mandato presidencial coloca a fama em xeque. Distante dos problemas da população e dos desafios da máquina pública, o petista comanda um governo descoordenado, emite sinais contraditórios e permite que seus principais auxiliares sabotem uns aos outros. Ao relatar a conversa que teve com o presidente no início do ano passado, Lira não escondeu seu espanto: "Um homem com três mandatos, um Pelé da política... O que o presidente precisa fazer é chamar o feito à ordem". Faz sentido. Como o craque que imagina ser, Lula tem de entrar em campo, colocar a bola embaixo do braço e ditar o rumo da partida. Ela ainda tem resultado indefinido, mas, segundo os próprios petistas, a peleja pode ser perdida se o presidente não tomar conta do jogo — ou se continuar sem reger a orquestra. ■

ATO DE SOBREVIVÊNCIA

Em movimento para manter poder no berço político, Bolsonaro prepara uma manifestação em Copacabana para dar gás a seu círculo mais próximo

LUCAS MATHIAS E **RICARDO FERRAZ**

UNHA E CARNE O ex-presidente com Ramagem *(à dir.):* nem mesmo a investigação da PF o fez desistir do nome do amigo

EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS

DESDE QUE DEIXOU o Palácio do Planalto, Jair Bolsonaro vem colecionando tropeços — teve os direitos políticos cassados até 2030, passou a ser investigado pelo Supremo Tribunal Federal e viu alguns de seus principais aliados selarem acordos de delação premiada que o envolvem em enroscos dos mais variados. Pois mesmo nesse turbulento cenário, o ex-presidente segue desfrutando de bons índices de popularidade e se empenha em manter sua base mobilizada e o mais barulhenta possível, dentro e fora das estridentes redes sociais. A próxima aposta do bolsonarismo tem data marcada — domingo 21, quando a ideia é dar, na orla carioca de Copacabana, demonstração de força semelhante à observada na Avenida Paulista, no fim de fevereiro. Em São Paulo, quase 200 000 pessoas agitaram bandeiras contra supostas arbitrariedades do Judiciário e o que classificam como "afronta à liberdade de expressão".

Agora, a manifestação que se avizinha ganha novos contornos por ocorrer justamente no Rio, berço do ex-clã presidencial, território estratégico para o futuro da direita encabeçada por Bolsonaro. Ele tem promovido intensas articulações para ampliar seu arco de influência e tentar tornar competitivo seu candidato à prefeitura da cidade, o deputado federal pelo PL Alexandre Ramagem — também enredado em um inquérito, por sua atuação à frente da Agência Brasileira de Inteligência (Abin).

Organizado pelo pastor Silas Malafaia, tal qual na capital paulista, o ato planeja reunir parlamentares da tropa de cho-

ZUMA PRESS/ALAMY/FOTOARENA

CHARLES SHOLL/BRAZIL PHOTO PRESS/FOLHAPRESS

TUDO EM FAMÍLIA Michelle Bolsonaro e Carlos: enquanto ela se esforça para mobilizar evangélicos, ele cuida das redes

que bolsonarista ligados às igrejas evangélicas, como o senador Magno Malta (PL-ES) e o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG), e ainda a ex-primeira-dama, Michelle Bolsonaro, de quem é esperada uma performance com ares messiânicos. A tática mira o vasto eleitorado local que se define protestante (36% do total, em comparação aos 30% registrados nacionalmente) — uma parcela dos brasileiros na qual a rejeição ao presidente Lula dispara. A análise nos círculos bolsonaristas é de que há nessa raia uma oportunidade para avançar.

Preocupado em não complicar sua intrincada situação judicial, o ex-presidente gravou um vídeo em que pede a apoiadores que não levem às ruas bandeiras nem faixas

contra o ministro Alexandre de Moraes, do STF, o que não significa que ele não será alvo. No roteiro já riscado, caberá a Malafaia a ferina oratória direcionada ao “ditador de toga”, como diz. “Vou subir ainda mais o tom, elencando leis e fatos históricos, sem calúnia ou difamação”, promete o pastor. Já Ramagem se postará ao lado de Bolsonaro, mas não deve falar, para que não se configure campanha antecipada. “Apadrinhar um candidato no Rio se tornou essencial não apenas pelo peso eleitoral e simbólico da cidade, mas também porque, em São Paulo, o prefeito Ricardo Nunes evita vincular seu nome a Bolsonaro”, diz o cientista político Sérgio Praça, da FGV-RJ.

Entre os líderes do PL, a expectativa é de que o ato se converta em trunfo para fincar Ramagem no tabuleiro eleitoral em que, segundo aliados, ele ainda caminha com passos tímidos. Está embutido aí o desafio de fazer do deputado uma figura mais conhecida. Nas últimas aferições, o ex-delegado disputa o segundo lugar com Tarcísio Motta, do PSOL, com intenções de voto de até 13%, enquanto o hoje dono da cadeira, Eduardo Paes (PSD), lidera com folga, na casa dos 40%. A ordem é aumentar as aparições em locais estratégicos — como em cultos, onde o roteiro prevê que receba a bênção de expoentes evangélicos — e melhorar a dicção em sessões de *media training*. Peças publicitárias feitas para as inserções do partido ao longo da programação de rádio e TV, previstas para ir ao ar nos próximos dias, trazem Ramagem, junto de Jair e Michelle, debatendo se-

EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS

RECORDAR É VIVER Comemoração do 7 de Setembro, em 2022: demonstração de força

gurança pública, a área mais sensível à população, e reforçando pautas conservadoras embaladas sob o slogan "pátria, família e liberdade". "Sou de confiança do clã e acho que contar com o apoio deles faz com que largue alguns metros à frente", arrisca Ramagem.

Com a franca dianteira de Paes, o projeto bolsonarista é situar Ramagem entre a direita e o centro do espectro ideológico, num esforço para empurrar o alcaide mais à esquer-

da, tomando-lhe votos. É nesse cálculo que entra em cena o deputado estadual Rodrigo Amorim, recém-filiado ao União Brasil e conhecido nacionalmente pelo infeliz episódio em que quebrou uma placa de rua com o nome da vereadora Marielle Franco, em 2018. Antes de se lançar pré-candidato, Amorim teve o aval dos Bolsonaro, que não se opuseram por entender que ele pode dar voz a um discurso de teor radical, trazendo aos holofotes parte do ideário bolsonarista no qual Ramagem não irá navegar. Uma espécie de divisão de tarefas em uma conta sabidamente arriscada, uma vez que um pode roubar eleitores do outro. “Vamos enfatizar o tempo todo o fato de o prefeito ser o candidato de Lula”, diz Amorim, que quer elevar a temperatura no caldeirão das polarizações. O duelo tem os olhos voltados para o pleito presidencial de 2026. “Temos que trabalhar firme agora para chegarmos fortes lá na frente”, discursou Ramagem, em recente sessão em sua homenagem na Câmara Municipal.

Um ponto para lá de delicado que pesa contra Ramagem é a investigação na qual, como diretor da Abin na era Bolsonaro, é acusado de ter capitaneado o monitoramento de centenas de autoridades, jornalistas e outros influentes personagens de Brasília sem qualquer autorização judicial, por meio de um software que entrega a localização dos celulares. Também recai sobre o deputado a suspeita de orquestrar o repasse de informações privilegiadas ao Planalto referentes a inquéritos enredando dois dos filhos do ex-presidente, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e

Jair Renan. Os desdobramentos de tal apuração, ainda em andamento, levaram a uma busca e apreensão na casa e no gabinete de Ramagem, produzindo valiosa munição para seus adversários. A tática para rebater as inevitáveis acusações já está acertada: o candidato repetirá à exaustão que tudo não passa de "perseguição política". Membro mais próximo de Ramagem na ex-família presidencial, o vereador Carlos Bolsonaro foi escalado para ajudar na estratégia digital da campanha.

A decisão de insistir no plano original e seguir com Alexandre Ramagem veio do próprio Bolsonaro, que, além de não vislumbrar alternativas no horizonte, se fiou nos laços

GOVERNO DO ESTADO DO RIO

INFIEL O governador Castro: jogo duplo nos bastidores

de fidelidade que mantém com o apadrinhado. Delegado da Polícia Federal quando ele, então postulante à Presidência, levou a facada em Juiz de Fora, Ramagem acabou virando chefe de sua segurança pessoal, até escalar ao comando da Abin. O rolo em que é investigado hoje, envolvendo a agência de inteligência, já produziu fissuras que podem cobrar um preço. O governador Cláudio Castro, do PL, vai subir no palanque bolsonarista, mas faz jogo duplo: nos bastidores, pôs alguns de seus secretários para trabalhar pela candidatura do deputado federal Marcelo Queiroz, do PP, ex-ocupante da pasta da Agricultura em sua gestão. “Castro vinha sendo fiel a Bolsonaro, porém, o inverso nem sempre é verdadeiro. Por isso, ele vai colocar um pé em cada canoa”, explica um aliado do alto escalão no Palácio Guanabara. Como se vê, as costuras não param. E olha que a campanha ainda nem começou. ■

ANTONIO MOLINA/FOTOARENA

LÍNGUA RAIVOSA
Malafaia: caberá ao pastor subir o tom contra Alexandre de Moraes

MURILLO DE ARAGÃO

O INCÊNDIO FEDERAL

A fogueira de conflitos queima na gestão Lula 3

NO CORAÇÃO do Planalto Central, uma grande fogueira de vaidades, desacordos e inaptidão, atiçada pela política nacional e suas contradições, queima intensamente. Hoje o governo encontra-se ainda confinado em suas próprias limitações mentais e ideológicas, o que bloqueia a realização do seu vasto potencial. O resultado é uma administração confusa, desorganizada, fragmentada e sem uma narrativa coesa. Além de não ter a capacidade de moderação e contenção perante os demais poderes.

Essa fogueira é alimentada por diversos pontos de conflito. Um trio de ministros essenciais do governo, Haddad, Padilha e Costa, demonstra falta de harmonia. Outro ponto de combustão é a relação entre o Executivo e o Congresso. Além dos desafios das pautas propostas, Arthur Lira e Alexandre Padilha enfrentam desentendimentos. Tampouco há um entendimento de como opera o semipresidencialismo em vigor.

Enquanto isso, a economia enfrenta incertezas no âmbito fiscal e monetário, com redução mais lenta da taxa de juros. A mudança da meta fiscal também enfraquece a narrativa do governo e mais parece ter sido imposta pe-

las circunstâncias do que decidida pela equipe econômica. O mercado financeiro está inquieto e preocupado com eventuais intervenções nas estatais, aumento dos gastos públicos e busca de arrecadação.

Um outro problema significativo é a greve branca dos servidores públicos. Há uma paralisação proposital na emissão de licenças pelo Ibama, representando uma forma de pressão sobre os setores econômicos do país e atrapalhando empresários e trabalhadores, com imenso prejuízo para a economia, o emprego, as exportações e a geração de empregos. O governo não sabe como resolver a questão, que já se arrasta há meses. Outros desafios se acumulam nas áreas de saúde e segurança pública, e a agenda da reforma tributária fica comprometida pelo contexto eleitoral.

Lula parece isolado e sem apoio estratégico para lidar com tantos focos de incêndio. Também parece mais dedi-

“A administração é confusa, desorganizada, fragmentada e sem narrativa coesa”

cado às suas convicções do que ao cansativo gerenciamento de egos entre os seus ministros. Além disso, o Executivo falha na comunicação, dando mais espaço, por inércia e ineficiência, aos conflitos do que a suas realizações e conquistas. Sem uma estratégia efetiva de gerenciamento de crises, encontra-se atrelado às suas próprias confusões, como ilustrado pelos casos da Vale e da Petrobras, que resultam em perdas para os acionistas, incluindo para os fundos de pensão dos funcionários públicos.

Para não ir longe, três cenários essenciais devem ser examinados, ainda que não garantam o fim do vaivém político: uma improvável melhora substancial de desempenho; uma melhora parcial e inconstante de desempenho; e a catástrofe completa. Mesmo com o governo tropeçando nos próprios cadarços, o cenário de confusão e fracasso, muito provável de permanecer como incômodo, poderia ser freado de algum modo. Como? Lula deveria reorganizar o seu time e intervir pessoalmente de forma mais clara e decisiva. Lula 3 precisa começar. ■

O CERCO AO PCC S/A

Com a prisão de políticos em São Paulo, operações revelam o nível crescente de infiltração da facção no poder público e nos negócios privados

VALMAR HUPSEL FILHO E **ADRIANA FERRAZ**

FLAGRANTE Busca e apreensão em Itatiba: quadrilha é suspeita de utilizar agentes municipais para fraudar licitações

DENNY CESARE/CÓDIGO 19/AGÊNCIA O GLOBO

NA ÚLTIMA TERÇA, 16, a polícia e o Ministério Público bateram às portas de dezenas de endereços em doze cidades paulistas para cumprir 42 mandados de busca e apreensão e quinze de prisão. O saldo da operação incluiu 4 milhões de reais em cheques e dinheiro, armas, munições, celulares, computadores e o mais relevante: três vereadores presos, dois deles ex-presidentes de Câmaras Municipais — um do MDB, um do PSD e outro do Podemos —, sob a acusação de integrar um grupo que atuava para lavar dinheiro para o Primeiro Comando da Capital (PCC) por meio de contratos públicos de administração de pessoal com prefeituras, em valores que ultrapassam 200 milhões de reais. A ofensiva escancarou mais uma vez a crescente — e bastante preocupante — contaminação do poder público pelos negócios escusos da maior facção criminosa do país.

O grau de alerta já havia sido elevado a outro patamar na semana anterior, em outra operação em São Paulo, berço da organização criminosa. Uma megaoperação comprovou a ligação do PCC com o sistema de transporte de passageiros na maior cidade do país. As diretorias de duas empresas de ônibus foram afastadas sob a suspeita de integrarem esquema de lavagem de dinheiro para a facção por meio de contratos públicos. Juntas, a Transwolff e a UpBus transportam 15 milhões de passageiros por mês na capital paulista e faturaram 870 milhões de reais em 2023. Como era esperado, a investigação apontou falhas na fiscalização de contratos, uma vez que membros da quadrilha conde-

nados por tráfico integravam formalmente as diretorias das empresas contratadas pela prefeitura — a apuração poderá ter desdobramentos sobre a conduta de agentes públicos. Mais quatro companhias estão sob investigação.

A estratégia da facção de usar serviços públicos para lavar dinheiro sujo já era perceptível desde a proliferação de perueiros na cidade no início dos anos 1990, quando os ruídos de contaminação criminosa da atividade clandestina já eram intensos. Em 2020, uma operação identificou que integrantes da facção comandavam todo o sistema de saúde e coleta de lixo do município de Arujá, na região metro-

FACEBOOK @RICARDO.QUEIXAO.1

FACEBOOK @INHAVEREADOROFICIAL

REPRODUÇÃO

ALVOS Os vereadores Ricardo Queixão (PSD), Flávio Batista (Podemos) e Luiz Carlos Dias (MDB): acusações graves

politana de São Paulo, controlando sessenta clínicas médicas e organizações sociais que administravam um hospital e um posto de saúde.

As operações revelam as lições aprendidas pelo PCC com organizações mafiosas que cresceram apoiadas na combinação de dinheiro sujo, negócios legítimos e infiltração na política. “Há muitas décadas que a máfia italiana, por exemplo, interfere em licitações públicas para lavar dinheiro ou diversificar seus negócios. E sob violência. Com o PCC é a mesma coisa”, afirma Leandro Piquet Carneiro, coordenador da Escola de Segurança Multidimensional (ESEM-USP). O uso de empresas de fachada para inserir dinheiro ilícito no mercado formal está na origem do próprio crime de lavagem de dinheiro, que tem esse nome por causa da atuação de Al Capone. O mafioso ítalo-americano que dominou Chicago nos anos 1920 utilizava lavanderias para limpar não só roupas, mas também dinheiro sujo.

Pesquisadores e investigadores consideram, no entanto, que o PCC passou a se utilizar de esquemas de lavagem a partir dos anos 2000. Inicialmente, o grupo utilizava-se de mecanismos mais simples, como aquisição de imóveis e veículos e uso de postos de combustíveis e pequenos negócios, como lojas e padarias. Em 2012, o MP apontou que a facção arrecadava 20 milhões de reais por ano, a maior parte do tráfico, mas também por meio de rifas, ajudas de integrantes e mensalidade aos faccionados.

Embora alguns membros da organização já estivessem em contato direto com produtores de cocaína da Colômbia e da Bolívia entre 2008 e 2010, investigadores apontam 2016 como o ano de ingresso efetivo da facção no mercado internacional de drogas, que deu um novo status ao PCC. Com a expansão dos negócios para Europa, África e, mais recentemente, Ásia, o faturamento estimado hoje é em torno de 5 bilhões de reais por ano.

Com a necessidade de esquentar tanto dinheiro ilícito e o cerco das autoridades às práticas de lavagem já conhecidas, a facção precisou buscar novas e mais sofisticadas formas de transformar dinheiro ruim em dinheiro bom.

A LAVANDERIA DA BANDIDAGEM

Algumas atividades usadas pelo PCC para acobertar o dinheiro do tráfico de drogas

TRANSPORTE PÚBLICO

Investigações apontam que duas empresas de ônibus, que têm contratos com a prefeitura da capital paulista e faturaram 5,3 bilhões de reais desde 2018, lavavam dinheiro para a facção

POSTOS DE COMBUSTÍVEIS

O uso do setor pelo grupo criminoso é investigado há décadas. Em 2020, o Coaf apontou movimentação de 32 bilhões de reais em quatro anos a partir de 78 empresas

Um exemplo é a utilização de ferramentas financeiras modernas — que ainda são menos fiscalizadas —, como criptomoedas e fintechs (startups de crédito) e bancos digitais, que permitem transações vultosas longe dos olhos do poder público. Até por esse motivo, tem sido mais frequente a participação do Coaf, órgão do governo federal especializado em combater a lavagem de dinheiro, e da Receita Federal, que atuaram com o MP e a polícia nas operações recentes em São Paulo. O uso de financeiras digitais é considerado uma evolução em relação aos grandes doleiros, que ainda são largamente utilizados pela facção. Só em 2020, um relatório do MP apontou o envio de 1,2 bilhão de reais ao Paraguai por meio desse serviço.

Outra estratégia tem sido a abertura de templos religiosos, onde também a fiscalização é mais frouxa. No Rio

IGREJAS

É uma das novas formas usadas pela quadrilha. Em 2023, um casal de pastores foi preso em operação que identificou a abertura de sete igrejas em SP e RN para lavar dinheiro

FINTECHS

Investigações em São Paulo apontam o uso de criptomoedas e de bancos digitais, inclusive administrados pela facção, para dificultar o rastreamento do dinheiro sujo

Grande do Norte, foram identificados dois irmãos ligados ao PCC que lavaram 20 milhões de reais por meio de igrejas evangélicas abertas por um deles, que é pastor e está preso. "É um nicho para quem lava dinheiro no país, especialmente porque as instituições religiosas lidam com dinheiro em espécie, que entra e sai sem controle", afirma o promotor de Justiça Augusto Lima, coordenador do Núcleo de Informações Patrimoniais do Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado de São Paulo (Gaeco) no estado. Também estão na mira dos investigadores o uso do garimpo ilegal e outras atividades criminosas na Amazônia (como a pesca) e a atuação de empresários que administram carreiras de jogadores de futebol e artistas de rap e funk.

Para garantir o bom funcionamento da engrenagem criminosa, as facções vêm estendendo os braços para

SERVIÇOS DE SAÚDE

A polícia identificou a abertura de ao menos cinquenta endereços de fachada de clínicas odontológicas e empresas terceirizadas de limpeza destinadas à atividade ilícita

NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS

Em 2022, a estimativa da polícia era de que 250 loteamentos irregulares em áreas de preservação na periferia paulistana estavam sob controle do grupo criminoso

cooptar membros da Justiça e da política. Esse tipo de alerta foi aceso nos recentes episódios envolvendo contratos públicos nas prefeituras de São Paulo e outras cidades do entorno. Promotor do Gaeco que investiga há vinte anos a cúpula do PCC, Lincoln Gakiya afirma que a facção tem focado em candidatos a prefeito e vereador, com o objetivo de obter contratos e outras vantagens por meio da cooptação de agentes públicos. No caso da operação que varreu cidades da Grande São Paulo e do interior, a investigação apontou que o esquema de fraudes em licitações só foi possível por meio da corrupção de agentes públicos municipais. Um dos presos, o advogado Áureo Tupinambá, atuava na condição de diretor-secretário da Câmara de Cubatão, mas ele é também advogado de André de Oliveira Macedo, o André do Rap, um dos

GARIMPO E PESCA

A facção usa dinheiro de diversas atividades ilegais na Amazônia para legalizar recursos do narcotráfico internacional na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia

SHOWS

Com o apoio do Coaf, que identificou movimentações atípicas nas contas de ao menos duas produtoras artísticas, a PF investiga investimentos do PCC na organização de eventos

MP-RN/DIVULGAÇÃO

TEMPLO Batida no Rio Grande do Norte: lavagem de dinheiro na igreja

maiores traficantes do país, chefão do PCC e foragido há mais de três anos.

O crescimento das garras do PCC se deve, em grande parte, à falta de competência ou de interesse do poder público para enfrentar o problema. Um dos primeiros erros das autoridades ocorreu no início dos anos 90, quando subestimaram o potencial da facção. O alarme tocou forte em 2001, quando o grupo liderou uma megarrebelião em 29 unidades prisio-

RECEITA FEDERAL/DIVULGAÇÃO

FORA DA PISTA Agente em garagem de ônibus: empresas sob suspeita

nais de SP, e disparou de vez em 2006, quando um levante nas ruas coordenado pelo PCC deixou mais de 500 mortos em São Paulo, boa parte deles agentes das forças de segurança. Por volta de 2020, quando a organização começou a operar com força no tráfico internacional de drogas, o combate a ela aumentou muito em nível de complexidade.

Embora as últimas operações tenham contado com MP, polícia, Receita, Coaf e o Conselho Administrativo

CHICAGO SUN-TIMES/CHICAGO HISTORY MUSEUM/GETTY IMAGES

PIONEIRO Al Capone: célebre nos anos 1920, mafioso abriu lavanderias para justificar o enriquecimento ilícito

de Defesa Econômica (Cade), o Brasil tateia na tentativa de debelar a sua ameaça criminosa. “Todo mundo está trabalhando, mas de forma não integrada. As instituições investigam isoladamente. É preciso uma coordenação nacional”, defende Gakiya. No enfrentamento de uma falange criminosa cuja atividade se mostra cada vez mais sofisticada, é preciso que o poder público se mostre mais organizado do que os bandidos. ■

RICARDO RANGEL

O STF PRECISA SER SUPREMO

A Corte não pode continuar sendo vista como um ator político

NA SEGUNDA 15, o corregedor do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), Luis Felipe Salomão, de maneira monocrática, afastou três magistrados que atuaram na Lava-Jato.

Foi uma decisão estranha. As irregularidades supostamente cometidas ocorreram há anos; não havia processo disciplinar em curso; o assunto estava pautado para votação no CNJ no dia seguinte. Por que a precipitação? Talvez para garantir que a votação ocorresse de fato na data marcada, último dia de mandato de dois conselheiros com cujo apoio Salomão podia contar.

A decisão (revogada em parte pelo plenário do CNJ) foi mais um item na longa lista de medidas arrojadas e polêmicas tomadas pelo Judiciário. Dallagnol foi cassado por uma irregularidade que não está escrita em lugar nenhum. Moro foi considerado suspeito no STF com base em provas que não estavam nos autos e será julgado no TSE por um crime eleitoral que não está no código. Elon Musk está sendo investigado por delito de opinião, e até multa preventiva

foi criada. Dezenas de pessoas (não se sabe quem) estão submetidas a censura prévia (não se sabe por quê) nas redes sociais.

A Lei das Estatais, aprovada por centenas de deputados e senadores eleitos, foi revogada pelo voto monocrático de uma pessoa não eleita. Multas já aceitas por J&F e Odebrecht foram suspensas sem fato novo. Pretende-se mudar o foro privilegiado em prejuízo dos parlamentares (o oposto do espírito da lei). Os exemplos são muitos.

O que há de especial na decisão de Salomão é que ela não foi tomada em tribunal superior. O hábito de avançar o sinal está fazendo escola. Era de esperar. "Ou restaure-se o respeito ao código de trânsito ou vamos todos meter o pé na tábua", diria Stanislaw Ponte Preta.

Não surpreende que haja reação. Cada vez mais, o Congresso toma decisões não pelo mérito, mas para contrariar o Supremo. Foi assim com o marco temporal das terras indígenas, a prisão de Chiquinho Brazão, a decisão do Senado

"Medidas judiciais arrojadas demais ferem a própria democracia que pretendem defender"

(na contramão do mundo, da ciência, do bom senso) de endurecer a lei das drogas. O confronto pode levar ao impasse.

Preocupado com a animosidade do Congresso, o STF fez reunião com o Executivo, buscando maneira de blindar a Corte. Seria preferível, talvez, avaliar internamente eventuais excessos cometidos e depois se reunir com o Legislativo para pacificar o ambiente.

A democracia correu grave perigo e o STF tomou medidas emergenciais para defendê-la e à Constituição, como é sua obrigação. A pátria agradece. Mas, se o risco não desapareceu, a emergência passou. Medidas judiciais arrojadas demais ferem a própria democracia que pretendem defender. E dão argumentos para aqueles que pretendem de fato destruí-la.

Para merecer "o direito de errar por último" e enterrar a disputa com o Congresso, o STF não precisa de blindagem, mas de maior moderação, característica dos tempos democráticos. Sem ela, continuará a ser visto como ator político, no mesmo nível de todos. E sujeito ao mesmo vale-tudo.

Para o bem de todos, e de si próprio, o STF precisa voltar a ser o Supremo. ■

A VOZ DA CONFUSÃO

Ao celebrar ditaduras, atacar adversários e defender ideias estapafúrdias, a presidente do PT sabota as tentativas de Lula de se aproximar de setores refratários ao governo **HUGO MARQUES**

"DEMOCRACIA" Gleisi e Li Xi, secretário do PC da China: elogios ao regime que não tolera oposição nem liberdade

YUE YUEWEI/XINHUA/AFP

DESDE QUE seus índices de popularidade começaram a despencar, Lula alterou a agenda, passou a viajar pelo país, anunciou programas de forte apelo popular e convocou um publicitário para cuidar de sua imagem. São muitas as causas que influenciam a desaprovação do presidente — a inação em determinadas áreas, a falta de coesão e a percepção de que o governo é desorganizado e permeado por muitos conflitos políticos. Há um ingrediente em particular que, se não tem ajudado a ampliar a impopularidade, tem contribuído muito para dificultar o trabalho dos marqueteiros oficiais: as patacoadas da deputada Gleisi Hoffmann, presidente do PT. Por mais que o Palácio do Planalto tente deixar claro que o governo é uma coisa e o partido é outra, os dois acabam se misturando. Muitas iniciativas partidárias são interpretadas como posições do governo, o que tem provocado confusão, minado os esforços de Lula para tentar se aproximar de determinados setores da sociedade e potencializado estigmas.

Na semana passada, por exemplo, Gleisi estava na China, liderando uma comitiva de 28 petistas. A deputada elogiou a "democracia" do país. Disse, até mesmo, que o modelo deveria ser replicado em outros lugares: "O que eu vejo aqui, inclusive na organização do partido e da sociedade, é uma democracia e uma participação nos estratos mais baixos da sociedade aos mais altos no desenvolvimento do país. Quisera tivéssemos isso nos países em que o capitalismo é o coordenador da economia". A China é governada pelo Partido Comunista há setenta anos, a liber-

ELOGIO A DITADURAS

Regimes arbitrários como China, Cuba e Venezuela, segundo ela, são um exemplo de "liberdade"

Gleisi Hoffmann
@gleisi
Seguir

Não há registro na história moderna de iniquidade tão violenta quanto o embargo econômico imposto ao povo cubano pelos EUA. Embargo que prejudica toda a população de um país. São mais de 60 anos de sacrifício e resistência de um povo heroico, que sempre contou com a solidariedade do nosso PT e dos que defendem valores como a soberania, a liberdade e a igualdade. Manter o bloqueio econômico a Cuba significa manter a lógica ultrapassada da Guerra Fria. É bom lembrar que os governos de Cuba e do Brasil retomaram relações em 1988, sempre com mútuo benefício. O presidente @Lula faz muito bem ao denunciar e condenar esta situação injusta na Cúpula do G77 + China. E faz ainda melhor, na prática, ao promover a retomada das relações diplomáticas e comerciais com Cuba. Basta de embargo!

15:37 · 16 set. 23 · **160K** Visualizações

dade de expressão é restrita e fazer oposição ao regime é crime. "Muitas vezes os países adotam sistemas que podem parecer ruins aos olhos de outros para se defender, para poder cuidar de seu povo, já que não encontram solidariedade", justificou. Elogiar a ditadura chinesa não chega a ser uma novidade para quem já reverenciou as "democracias" da Venezuela e de Cuba, mas é um prato cheio para alimentar teorias conspiratórias do outro lado do espectro político. E, evidentemente, foi o que aconteceu.

Indiferente ao mal-estar que provoca, a deputada costumeiramente usa suas redes sociais e o site do partido como escudos para proteger aliados e como armas para atacar adversários. Um dos alvos prediletos é o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto. "Campos Neto tem fundo exclusivo que é afetado por decisões do banco como a definição dos juros. Presidente do BC que usa essas aplicações, burla IR e ganha com a alta do dólar e da Selic, não pode decidir a política de juros do Brasil", já escreveu Gleisi. A petista também acusou a Transparência Internacional, uma entidade reconhecida em todo o mundo por ações de combate à corrupção, de tentar desviar dinheiro recuperado pela Operação Lava-Jato. "As investigações sérias revelaram que a TI foi não apenas cúmplice de Sergio Moro e Dallagnol na perseguição a Lula e ao PT: seus dirigentes tornaram-se sócios nas tentativas da dupla de se apropriar de recursos públicos ilegalmente, o que foi felizmente barrado pelo STF", escreveu. São imputações graves.

DEMONSTRAÇÃO DE "FORÇA"

Lula era contra convocar manifestações de apoio ao governo; Gleisi insistiu na ideia e o resultado foi um retumbante fracasso

Gleisi Hoffmann
@gleisi

Seguir

Bora mobilizar!
#SemAnistia

#SEMANISTIA

PELA DEMOCRACIA

As Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo em conjunto com os partidos do campo democrático e popular e entidades da sociedade civil convocam para a Jornada de Luta em Defesa da Democracia: sem anistia, punição aos golpistas.

GOLPE NUNCA MAIS!

CALENDÁRIO

8 DE MARÇO - Dia Internacional de Luta das Mulheres em Todo o Brasil

14 DE MARÇO - 6 anos do assassinato Marielle

23 DE MARÇO - Dia Nacional de Mobilização em Defesa da Democracia

ABRIL DE LUTAS

1 DE MAIO - Mobilização do Dia dos(as) Trabalhadores(as)

Frente Brasil Popular - Frente Povo Sem Medo
PT - PCdoB - PV - Rede - Psol - PSB - PDT - Grupo Prerrogativas - ABJD

Quando os ataques são dirigidos a alvos comuns do partido e do governo, os danos são considerados “aceitáveis”. O problema é quando não há essa sintonia. Na campanha eleitoral, Lula liderou uma frente ampla de partidos que se propunha a pacificar o país. O comportamento beligerante e certas opiniões da deputada destoam completamente desse objetivo. Ao mesmo tempo que elogia ditaduras, Gleisi dispara contra o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e contra o presidente da Câmara, Arthur Lira. No instante em que o governo tentava melhorar as relações com o agronegócio, ela publica rasgados elogios ao MST. A Justiça, ao que parece, também só é democrática e merece elogios quando recai sobre os adversários. Recentemente, o Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal condenou um aliado do PT à inelegibilidade. “Sabemos o risco que a perseguição política gera para a própria democracia”, escreveu ela sobre a decisão.

Em fevereiro, Jair Bolsonaro promoveu um ato de apoio a ele mesmo em São Paulo que reuniu dezenas de milhares de pessoas. Foi uma bem-sucedida demonstração de força política. Para se contrapor ao ex-presidente, Gleisi, sem o aval do governo, convocou uma manifestação de apoio a Lula algumas semanas depois. Aconteceu o que o Planalto mais temia: o ato foi um fracasso. “A visão da Gleisi é estreita em relação a alianças, às relações políticas. Eu já disse isso para o Lula e para ela”, conta o deputado Washington Quaquá, vice-presidente do PT. O incômodo com as

CRÍTICAS AO CONGRESSO

O governo precisa manter uma relação amistosa com a Câmara. O deputado Arthur Lira, porém, é alvo de constantes ataques

Gleisi Hoffmann @gleisi Seguir

Arthur Lira diz que é a favor do déficit fiscal zero, mas quer tornar obrigatório o pagamento das emendas de comissões temáticas do Congresso. Só este ano isso custaria mais de R$ 6 bilhões em novas despesas para o governo federal. Ou seja: podem cortar da Saúde, da Educação, do PAC, menos das emendas dos deputados e senadores. Fazer economia cortando com o dos outros é fácil né?!

postagens chegou ao ponto de alguns dirigentes do partido discutirem a possibilidade de antecipar as eleições da legenda, marcadas para março de 2025. A ideia, no entanto, não avançou e tem chance zero de avançar. O motivo? Nos bastidores, sabe-se que muito do que Gleisi escreve ou fala reflete o que o próprio Lula pensa e não pode dizer. Ela apenas empresta a voz — daí a confusão. ■

EMBATE SUBTERRÂNEO

Favoritos à presidência da Câmara medem forças nos bastidores, costuram alianças e fazem acenos simultaneamente ao governo e à oposição

MARCELA MATTOS E **RICARDO CHAPOLA**

PRESTÍGIO Alexandre Padilha e Marcos Pereira: festa de aniversário reuniu ministros, magistrados, parlamentares e candidatos

NAJARA ARAUJO/CÂMARA DOS DEPUTADOS

O DEPUTADO FEDERAL Marcos Pereira fez uma festa em Brasília para comemorar seu aniversário. Esse tipo de evento serve para aferir a dimensão da importância e o nível de influência de determinados personagens. E foi o que aconteceu. Na quarta-feira 10, a nata do Congresso Nacional passou pelas tendas montadas numa casa emprestada ao aniversariante por um empresário amigo. Pelo lado do governo, marcaram presença nada menos que onze ministros, entre eles, Fernando Haddad (Fazenda), Alexandre Padilha (Relações Institucionais), Ricardo Lewandowski (Justiça) e Jorge Messias (Advocacia-Geral da União), além do vice-presidente, Geraldo Alckmin. Do Judiciário, compareceram os ministros do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes e Dias Toffoli. Lula não foi, mas enviou uma mensagem parabenizando o parlamentar. O anfitrião, como se sabe, é pré-candidato à presidência da Câmara, eleição que envolve grandes interesses e vai refletir de alguma forma em praticamente tudo o que for debatido no Legislativo de agora em diante.

Não por acaso, todos os demais pré-candidatos também marcaram presença na festa, circulando em meio a petistas, bolsonaristas, socialistas, católicos, evangélicos, enfim, representantes de todos os espectros políticos. O quórum, alto e qualificado, não deixou dúvida sobre o prestígio do aniversariante, atual presidente do Republicanos, partido que tem 43 deputados e quatro senadores e ocupa um ministério no governo Lula. Naquele dia, a Câmara havia decidido manter a

BUSCANDO APOIO Elmar: favorito, ele enfrenta resistência dos governistas

prisão do deputado Chiquinho Brazão, acusado de envolvimento no assassinato da vereadora Marielle Franco. O assunto, claro, dominou as rodas de conversa. Em várias delas, parlamentares analisavam os reflexos do resultado da votação na pré-candidatura do deputado Elmar Nascimento (União Brasil-BA). Apontado hoje como favorito, ele defendeu a libertação de Brazão. A derrota teria mostrado que a força do parlamentar é menor do que se imaginava — diagnóstico, aliás, que se espalhou como intriga e deu origem a uma crise política *(leia a reportagem "A orquestra desafinada").*

Elmar é um político habilidoso, tem excelentes relações com boa parte dos deputados, mas muito do seu favoritismo é creditado à proximidade com Arthur Lira, o atual presidente da Câmara. Para alguns, a derrota do parlamentar

baiano no caso Brazão foi uma derrota do próprio Lira, que não gostou nada dessa associação e disse que ela foi “plantada” pelo ministro das Relações Institucionais, a quem chamou de “incompetente”. Desde o início do governo Lula, Lira e Padilha travam uma queda de braço. O deputado suspeita que o ministro tenta minar seu poder. O ministro suspeita que o deputado quer o lugar dele. Com a aproximação das eleições na Câmara, a troca de acusações se intensificou, apesar de o governo já ter afirmado e reafirmado que não pretende interferir nem tomar partido contra ou a favor de nenhum dos postulantes ao cargo. Ninguém, evidentemente, acredita nisso.

Além de Elmar e Marcos Pereira, há dois outros pré-candidatos ao posto: os deputados Antonio Brito (PSD-BA) e Isnaldo Bulhões (MDB-AL). A disputa para valer, no entanto, hoje parece restrita aos dois primeiros. Bispo licenciado da Igreja Universal, Pereira conta com uma discreta simpatia do governo. Elmar, por ser considerado um fiel aliado de Arthur Lira, é visto pelo Planalto com mais ressalvas. Ambos são ex-aliados de Jair Bolsonaro. Ambos agora buscam apoio do Planalto. No início do governo, o candidato do União Brasil chegou a ser confirmado para compor a equipe ministerial. O deputado, como dizem em Brasília, já tinha até comprado o terno da posse, quando foi “desconvidado”. Ele sabe de onde partiu o veto, mas garante que não guarda mágoas. Pereira, por sua vez, tem recebido certos sinais. Em fevereiro, foi convidado a acompanhar Lula no avião presi-

dencial em uma viagem a São Paulo, uma deferência concedida pelo mandatário a poucos.

Embates políticos, especialmente os mais importantes, quase sempre são permeados por intrigas. Nos últimos dias, circulou no Congresso a informação de que os dois principais postulantes estariam em rota de colisão devido aos acenos que Pereira tem feito ao governo, e vice-versa. Elmar se apressou em afastar os rumores. Segundo ele, por serem aliados e amigos, os dois já teriam combinado uma estratégia para evitar um enfrentamento direto. Quem conseguir montar o maior arco de alianças será candidato único. Isso evitaria um confronto "sangrento". Elmar conta que, além do União Brasil, tem hoje o apoio de sete partidos, que somariam cerca de 200 deputados dos 513. Indagado por VEJA, Marcos Pereira disse desconhecer esse acordo. "Meu nome estará na eleição como candidato à presidência da Câmara. Se for necessário ter disputa, vamos para a disputa", afirmou. ■

ZECA RIBEIRO/CÂMARA DOS DEPUTADOS

TERCEIRA VIA Brito: o deputado do PSD é apontado como azarão na disputa que começa a ganhar tração

REDE ALTERNATIVA

Na esteira da crise com Elon Musk, um contingente grande de usuários brasileiros, entre eles Lula, tenta fazer da plataforma Bluesky uma “trincheira” da esquerda **BRUNO CANIATO**

EM AÇÃO Lindbergh Farias e Paulo Pimenta: afagos à nova rede e punições ao ex-Twitter

FACEBOOK @ LINDBERGH.FARIAS

NA ÚLTIMA SEMANA, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tornou-se o primeiro chefe de Estado do mundo a ter uma conta oficial no Bluesky, rede social que vem ganhando popularidade no país e que virou uma espécie de refúgio para usuários indignados com Elon Musk, dono do X (ex-Twitter), e suas bravatas contra a Justiça e o governo brasileiros. Enquanto a plataforma do bilionário sul-africano atrai os aplausos da direita bolsonarista, o novo aplicativo, criado em outubro de 2021, passou a abrigar uma crescente comunidade alinhada à esquerda — a plataforma já é casa de ministros como Marina Silva e Paulo Pimenta, de perfis oficiais de ministérios, do líder do governo no Congresso, Randolfe Rodrigues, da presidente do PT, Gleisi Hoffmann, e do candidato a prefeito de São Paulo Guilherme Boulos (PSOL).

A diáspora governista em direção ao Bluesky arrastou muita gente. Desde que Musk começou a disparar contra o ministro Ale-

REPRODUÇÃO

OPORTUNIDADE
Jay Graber: de olho nos descontentes com o dono do X

DAVI CONTRA GOLIAS

O número de usuários nas plataformas X e Bluesky

X

NO MUNDO
373 milhões

NO BRASIL
16,6 milhões

Bluesky

NO MUNDO
5,5 milhões

NO BRASIL
110 000

Fontes: *DataReportal/Kepios, Bluesky*

xandre de Moraes, do STF, no dia 6, acusando-o de censura e de ter ajudado Lula a se eleger, mais de 100 000 perfis foram abertos no Bluesky. A avalanche desencadeou a transformação da rede em uma espécie de trincheira progressista. Bastam alguns minutos no aplicativo para constatar a prevalência do apoio a Lula e o repúdio ao bolsonarismo entre os usuários. O perfil do petista já tem 35 000 seguidores. Pautas ligadas à diversidade sexual, contra o racismo e pela legalização do aborto são comuns na tela principal. Em contrapartida, a direita parece não querer explorar a nova fronteira. O ex-presidente Jair Bolsonaro, campeão em seguidores entre políticos brasileiros no X, ainda não tem perfil na plataforma, tampouco seus filhos ou aliados mais próximos, todos bastante ativos no ex-Twitter.

Em muitos aspectos, a experiência da navegação no Bluesky é quase idêntica à do X. A tela inicial é composta por feeds com publicações de até 300 caracteres e é possível curtir, compartilhar e comentar textos e fotos — vídeos ainda não são suportados. A semelhança, aliás, vai além da interface: o criador do Bluesky é o bilionário Jack Dorsey, o mesmo engenheiro que, há quase vinte anos, fundou o Twitter. Enquanto Musk bate na tecla da liberdade irrestrita em sua rede, o Bluesky dá outra sinalização. “Não toleramos assédio, discurso de ódio ou desinformação”, diz a americana Jay Graber, 33 anos, que comanda a rede desde sempre *(leia o quadro).* A plataforma não divulga detalhes sobre as estratégias de controle de conteúdo, mas diz que conta com equipes

de moderadores no Brasil, embora não tenha escritórios físicos em nenhum lugar do mundo.

No momento em que Musk segue apontando o dedo para as instituições e inflando o bolsonarismo, o Bluesky adota outro tom: repostou a primeira manifestação de Lula e saudou o petista. "Estamos muito animados por dar as boas-vindas a ele!", diz Graber. A recíproca da esquerda é verdadeira. "Pessoal, vamos criar uma grande resistência à tirania de Elon Musk aqui no Bluesky", publicou o deputado Lindbergh Farias (PT-RJ). Um dos capítulos mais recentes da crise desencadeada pelos ataques do bilionário sul-africano envolveu o movimento da Secretaria de Comunicação Social do governo, chefiada por Paulo Pimenta, que suspendeu a publicidade oficial no X. Nesse ponto, no entanto, o Bluesky não vai poder faturar com a briga. A rede é gratuita, veta anúncios e abre mão de empregar algoritmos de recomendação de conteúdo, o que inviabiliza lucrar com as mais comuns fontes de renda. Segundo a plataforma, a ferramenta para exploração de propaganda será implementada "em algum momento". ■

RAFAEL HENRIQUE/SOPA IMAGES/GETTY IMAGES

EM ALTA Bluesky: 100 000 usuários no Brasil em menos de duas semanas

“NÃO TOLERAMOS DISCURSO DE ÓDIO”

A americana Jay Graber, de 33 anos, dirige o Bluesky desde o seu início, em 2021. Seu nome de batismo é Lantian, dado pela mãe, que viveu na China (em mandarim, significa “céu azul”, como a rede que ajudou a criar). A VEJA, Graber falou sobre o crescimento do negócio por aqui nas últimas semanas:

Por que usuários do Brasil estão migrando para o Bluesky? Os brasileiros estão entre as primeiras comunidades a entrar no Bluesky em 2023, quando não tínhamos nem 20 000 usuários. Nesse ambiente mais restrito, nossa equipe se aproximou bastante deles, pois achamos o pessoal bastante dinâmico e sociável. Muitos brasileiros do início ajudaram a construir a nossa cultura com piadas e memes, e esperamos que o grupo continue a crescer.

Existem características que diferenciam a sua empresa de outras redes? O Bluesky foi construído para que a rede social se torne mais democrática. Fizemos isso para que as principais experiências sociais possam ser feitas pelos usuários.

Qual é a sua posição em relação às responsabilidades das plataformas? Acreditamos que a moderação de conteúdo é o pilar dos ambientes on-line saudáveis. Além dessa base sólida, os usuários podem criar e incorporar camadas adicionais de moderação para ter mais controle dos seus espaços.

Como esse tipo de moderação é feito no Brasil? Temos equipes locais para monitorar conteúdo no país, e as ferramentas de moderação possuem códigos abertos para que todos os usuários possam operá-las. Não toleramos assédio, discurso de ódio ou desinformação.

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich

DIVULGAÇÃO

PALMA DA MÃO Meta: ferramenta 99Pay quer chegar a 20 milhões de usuários

Crédito digital

O aplicativo de mobilidade 99, que acaba de alcançar a marca de 50 milhões de usuários, quer expandir a oferta de crédito via **99Pay,** sua carteira digital. A ideia é chegar aos 20 milhões de clientes da ferramenta até o ano que vem — são 15 milhões atualmente.

Mais opções

O portfólio de produtos da 99 também ganhará lançamentos. Nos últimos dois

anos, a empresa investiu cerca de 200 milhões de reais em novos serviços.

Pouca diferença

A construção da linha de trem de São Paulo a Campinas não animou a multinacional com sede em Luxemburgo ArcelorMittal, líder na produção de aço no Brasil. “É algo pequeno comparado às necessidades do país”, diz Jefferson De Paula, presidente da companhia.

Aço inteligente

O que entusiasma a ArcelorMittal é o uso de inteligência artificial. A empresa criou um departamento dedicado ao tema e está em busca de parcerias para dar capacitação aos executivos.

Decolagem autorizada

As companhias aéreas Avianca e Gol estão prestes a anunciar uma parceria para lançar um voo direto entre Brasília e Bogotá, na Colômbia. A rota não existe. Além disso, as empresas apresentarão um novo horário da viagem para Bogotá saindo de Guarulhos, em São Paulo.

Fora de circulação

Após registrar prejuízo de 660 milhões de reais em 2023, a ordem na empresa de eletrônicos Multilaser é retirar de circulação produtos com baixa margem de lucro.

Negócios públicos

Outra estratégia da Multilaser é tentar vender mais ao governo. Recentemente, a empresa chegou a ser suspensa de participar de licitações pela Controladoria-Geral da União. O dono, Re-

nato Feder, é o secretário de Educação paulista.

Comunicação no campo

O grupo agropecuário RZK, de Mato Grosso, vai instalar 200 torres de conexão 4G em áreas rurais. O investimento pode chegar a 165 milhões de reais e será feito pela Sol, empresa de tecnologia da holding.

Sentindo a temperatura

O banco digital Cora vai explorar o mercado de crédito para realizar novas captações. Uma das alternativas na mesa é lançar um título simbólico de até 25 milhões de reais. A outra opção é fazer captações por meio de uma *warehouse*, uma espécie de gestora que já conta com títulos próprios.

Mudança de estratégia

Até aqui, a fintech focou sua estratégia de captação em rodadas com escritórios de private equity. Desde 2021, a empresa recebeu aportes dos fundos Kaszek, Ribbit e Greenoaks Capital, somando 700 milhões de reais. Até o colosso de tecnologia chinês Tencent fez aportes. ■

INFORME PUBLICITÁRIO

Plataforma AZ promove imersão com IA generativa na Bett Brasil

Estande também será palco de debates importantes, abertos e gratuitos, com a presença de ícones do setor de educação

Você já se questionou se é possível fazer uma viagem pelo mundo sem sair do lugar? Com os óculos de realidade virtual e o uso de Inteligência Artificial, os visitantes da Bett Brasil terão essa experiência imersiva e bilíngue por meio da Plataforma AZ de Aprendizagem, marca da Conexia Educação.

Durante a ação, no estande da marca, os participantes poderão interagir com elementos socioculturais típicos dos locais escolhidos, fazer perguntas e, ao final de cada viagem, eles poderão receber uma mensagem exclusiva gerada por meio de inteligência artificial. A imersão tem o objetivo de apresentar como a união da educação bilíngue com a inteligência artificial pode potencializar a aprendizagem.

“Estudos mostram que a imersão é uma forma bem-sucedida de potencializar o aprendizado. O que trazemos para a Bett é uma novidade, pois une a imersão com o modelo generativo e a geração de conteúdo hiperpersonalizada”, explica Sandro Bonás, CEO da Conexia Educação. Para a marca, o futuro da educação é oferecer para os alunos soluções tecnológicas que promovam experiências únicas de aprendizagem.

A Plataforma AZ também promoverá debates importantes em seu estande, sempre abertos e gratuitos, com a presença de nomes como a socióloga e professora Maria Helena Guimarães, que já foi presidente do Conselho Nacional de Educação; Sandro Bonás, CEO da Conexia Educação; o economista Ricardo Amorim; e o professor e escritor Gabriel Chalita.

A Bett Brasil, maior feira de tecnologia e inovação para educação da América Latina, acontecerá de 23 a 26 de abril, no Expo Center Norte, em São Paulo (SP).

Conheça a nossa plataforma
plataformaaz.com.br

PROGRAMAÇÃO

23/04
14h – Competências para a vida: o que ninguém pode fazer pelo seu aluno, mas você pode!
Com Tais e Roberta Bento (SOS Educação)
16h – Transformando desafios em oportunidades: o desenvolvimento socioemocional na escola
Com Celia Cunico (pedagoga) e José Luiz do Carmo (diretor do Instituto SEB)

24/04
11h – Transformando dados em ação: como inovar na avaliação educacional?
Com Maria Helena Guimarães (socióloga) e Sandro Bonás (CEO da Conexia Educação)
14h30 – Economia e educação: como se preparar para 2024?
Com Ricardo Amorim (economista)

25/04
11h – Por que escolas com educação bilíngue são as mais procuradas?
Com Regina Madureira (gerente de Produtos da Maple Bear Global Schools) e Erika Lino (diretora de Customer Success da Conexia Educação)
14h – Pedagogia do acolhimento - a arte de educar na heterogeneidade
Com Gabriel Chalita (professor e escritor)

26/04
11h – Inteligência artificial em sala de aula: explorando as novas fronteiras da educação
Com Marcos Kogici (diretor de Tecnologia da Conexia Educação)

CARTAS MARCADAS

Após enterrar o projeto de privatização da gestão anterior, o governo quer agora revitalizar os Correios. Para isso, terá de lidar com prejuízos recorrentes e avanço da concorrência

JULIANA ELIAS

NOVO PLANO Gastança: Lula quer voltar a investir na companhia

ALF RIBEIRO/FOTOARENA

Na noite de 1º de janeiro de 2023, poucas horas depois de subir, pela terceira vez, a rampa do Palácio do Planalto para tomar posse, o presidente Lula assinou os primeiros atos de seu novo governo. Entre eles, estava o despacho que retirava os Correios da lista de privatizações deixada pela gestão anterior. A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) já tinha projeto de venda pronto, aprovado na Câmara, e era a próxima na fila de desestatizações do antecessor Jair Bolsonaro e seu ministro da Economia, Paulo Guedes, depois de vendas superlativas como as da BR Distribuidora e da Eletrobras. A nova gestão não só abortou a privatização como montou um plano de reestruturação para a companhia cujo principal alicerce é fortalecê-la como uma empresa pública e estratégica para o país. “Não sei se a nossa missão é ter lucros, mas é estar em todos os locais e atender bem a população”, disse a VEJA o presidente dos Correios, Fabiano Silva dos Santos. “O nosso grande objetivo é fazer isso de forma sustentável, com as despesas e receitas em equilíbrio. Se fosse só para ter lucro, fecharíamos várias agências e pronto.”

Santos foi um dos articuladores do Prerrogativas, grupo de advogados que se destacou na briga jurídica pela revisão da Operação Lava-Jato e da prisão de Lula. Professor especializado em previdência e direito público, ele foi indicado por Lula para presidir os Correios desde o início do ano passado. O plano desenhado por Santos prevê novas atividades para os Correios, construção de mais centros de distribui-

JOÉDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL

CONTRATAÇÃO Funcionários: empresa está entre as estatais que mais empregam. Ainda assim, a ideia é abrir 9000 vagas

ção, investimentos em tecnologia e resgate das ações de marketing. Desde 2016, a verba para elas foi zero. O patrocínio ao festival de música Lollapalooza, em março, marcou a primeira campanha da marca depois dos oito anos de jejum. A guinada inclui ainda retomar as contratações, voltar a reajustar os salários acima da inflação, recompor benefícios cortados e reverter o que a nova diretoria denomina um sucateamento herdado do projeto de privatização da antiga gestão. “Há distritos em que os carteiros estão tendo que andar até 20 quilômetros por dia”, diz Emerson Marinho, secretário-geral da Fentect, federação dos sindicatos dos carteiros, que reclama da sobrecarga de trabalho.

NO VERMELHO

Depois de cinco anos no azul, a estatal voltou a ter prejuízo em 2022 e 2023 (em reais)

2017: 667 MILHÕES
2018: 161 MILHÕES
2019: 101 MILHÕES
2020: 1,5 BILHÃO
2021: 2,2 BILHÕES
2022: -808 MILHÕES
2023: -597 MILHÕES

0

Fonte: *Demonstrações contábeis anuais/Correios*

Atualmente, os Correios estão entre as estatais que mais empregam. São 85 000 funcionários — em 2016, eram 115 000. De acordo com Santos, até 9 000 vagas serão reabertas, e um edital de concurso será divulgado em setembro. A redução de pessoal, por meio de programas de demissão voluntária, junto com o enxugamento dos mais de setenta benefícios extras que tinham, foi uma das principais medidas saneadoras pré-privatização no governo Bolsonaro. Elas co-

laboraram para o lucro recorde, de 2,2 bilhões de reais, que a companhia chegou a ter em 2021. Em 2022, entretanto, já com a tramitação da privatização empacada, o resultado cairia a um prejuízo de 808 milhões de reais. Em 2023, primeiro ano do mandato petista, as perdas foram de 597 milhões de reais. A empresa garante, porém, que não será necessário socorro do governo. "Não houve e não há previsão de aportes nos Correios", informou o Tesouro, em nota.

A missão de transformar os Correios em uma estatal blindada contra novos discursos de privatização não é fácil. A começar pelos traumas políticos, especialmente em um momento em que crises de interferência de Lula em estatais maiores, como a Petrobras, arrepiam os cabelos de investidores. Se o ímpeto político pode atropelar os negócios em um gigante global listado em bolsas de valores dentro e fora do país — como é o caso da Petrobras —, não é difícil imaginar o que ocorreria naquelas que são fechadas e 100% controladas pela União, como são os Correios.

Tradicional reduto de loteamento político, a presidência da companhia postal passou anos nas mãos de membros da base aliada da vez — prática esvaziada após a Lei das Estatais, de 2016, que limitou as indicações partidárias. Foi a partir da investigação de propinas pagas pelos Correios que se descobriu, em 2005, o mensalão, o primeiro grande caso de corrupção petista. O Postalis, fundo de pensão da estatal, também figurou mais de uma vez em escândalos de fraudes. "A Lei das Estatais criou diversos mecanismos para reduzir

os abusos do controlador, que é o Estado", afirma Joelson Silveira, professor de economia da Fundação Getulio Vargas. "Não resolve tudo, mas ajudou muito."

Outro grande desafio é fechar as contas. De um lado, os Correios trabalham com as tradicionais correspondências, como cartas e boletos, que são monopólio da estatal, mas minguam ano a ano. De outro, as entregas de encomendas dispararam, no embalo da revolução do comércio eletrônico. Nesse campo, contudo, os Correios enfrentam a concorrência acirrada de companhias privadas mais eficientes. Ou seja, o que emergiu como salvação para as receitas virou, ao mesmo tempo, um problema. São grandes varejistas, antigos clientes dos Correios, que passaram a ter as próprias megaoperações de logística, como Mercado Livre, Magazine Luiza e Amazon, além de transportadoras que se consolida-

OUTRA FUNÇÃO
Haddad: para o ministro da Fazenda, a companhia exerce papel social

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

ram, como Loggi, Sequoia e Total Express (empresa do Grupo Abril, dono de VEJA).

Todas elas, em algum momento, acabam atuando em parceria com a estatal. "As privadas estão nas regiões mais densas, mas, para chegar a lugares remotos, usam os Correios", diz o vice-presidente da Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (Abcomm), Rodrigo Bandeira. O que parece ser uma vantagem competitiva é, na verdade, parte do problema. Os Correios são a única empresa com agências nos 5 568 municípios brasileiros, mas a maioria delas é deficitária. É esse ônus da universalização — previsto por lei, inclusive — que ano após ano fere os balanços da empresa.

LUCAS LACAZ RUIZ/FOLHAPRESS

MISSÃO Fabiano dos Santos, CEO dos Correios: equilíbrio entre receitas e despesas

"Ele perde espaço nos grandes centros e vai ficando cada vez mais só com o osso, o que deixa sua operação mais cara", diz Maurício Lima, sócio-diretor da consultoria em logística ILOS. Em entrevista no ano passado, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse que empresas que cumprem algum "papel social" não serão privatizadas. Os Correios estariam nessa lista do ministro.

É por isso que parte central do novo plano de negócios passa por diversificar as atividades. "O mercado de entregas é muito competitivo, às vezes estamos bem e às vezes não, e precisamos de uma composição melhor das receitas", diz o presidente da estatal. Para ter ideia do desafio, as receitas

RODRIGO JIMÉNEZ/EFE

MENOS ESTADO Guedes: o ex-ministro queria a privatização

dos Correios com as entregas de comércio eletrônico caíram 9% no ano passado, mesmo com o volume total de pedidos crescendo 7% no país, de acordo com a Abcomm. Agora, um dos projetos em curso é criar um marketplace próprio, com foco em pequenos empreendedores. Também foram firmadas, neste ano, parcerias com a Caixa, o INSS e a seguradora francesa CNP para oferecer seus serviços e produtos nas agências dos Correios. Outro nicho em análise está no agronegócio e na possibilidade de entrar no transporte de

MERCADO EM MUTAÇÃO

A participação de cada unidade de negócio nos resultados financeiros da empresa (em %)

Mensagens (cartas e boletos) 48
Encomendas (e-commerce) 39
Outros 8
Internacional (compras do exterior) 5
0
2019
2023
48
23
22
7

Fonte: *Correios*

INSTAGRAM @AMAZONVESTLIFE

COMPETIÇÃO Unidade da Amazon no Brasil: mercado disputado

cargas, um universo amplo e ainda inexplorado. “Os Correios têm uma capilaridade enorme e, sendo bem gerenciados, podem, sim, ser eficientes e lucrativos”, diz José Roberto Lyra, consultor e conselheiro da Associação Brasileira de Logística. O problema é o governo brasileiro ter capacidade para cumprir essa missão. Caso não tenha, já se sabe quem ficará com a conta. ■

ALEXANDRE SCHWARTSMAN

FÓSFORO NO TANQUE

Gasto frouxo com juro global em alta não é uma boa ideia

HOUVE uma forte mudança no humor do mercado financeiro internacional, ensaiada há algum tempo, mas que vem se acelerando nas últimas semanas.

O gatilho é a percepção de que a inflação americana se mostra muito mais resistente do que o mercado, assim como o Federal Reserve imaginava no começo do ano. Pela minha métrica preferida para aferir o comportamento dos preços no período mais recente, a inflação nos Estados Unidos, já descontados efeitos pontuais e temporários, roda entre 4,5% e 5,0% ao ano, bem acima da meta de 2% ao ano, e cerca de 1 ponto porcentual mais alta do que estava ao fim do último trimestre de 2023.

O resultado imediato dessa constatação é que as expectativas acerca do processo de redução de taxas de juros se alteraram dramaticamente. No fim do ano passado e começo deste, o mercado atribuía perto de 75% de chance de haver três cortes de juros (de 0,25 ponto porcentual cada um) ainda na primeira metade do ano. Hoje espera a primeira redução apenas em setembro e (talvez) uma segunda no último trimestre.

A própria reavaliação ocorrida neste período já indica que devemos sempre tomar com alguma cautela as reações dos operadores, mas houve impactos consideráveis, em particular nas taxas de juros de longo prazo nos EUA e, consequentemente, no movimento das moedas, com impactos sobre o Brasil. O juro sobre o título americano de dez anos subiu de menos de 3,80% para 4,60% ao ano no intervalo, atraindo os capitais que fortaleceram o dólar relativamente às demais moedas globais. Consequentemente o euro, que comprava perto de 1,10 dólar no começo de 2024, agora compra apenas 1,065 dólar, ou seja, perdeu 3% de seu valor.

Ocorre que o real tende a acompanhar a relação entre o dólar e o euro, e, em parte como resultado dessa história, o dólar aqui voltou a patamares (bem) superiores a 5 reais,

“A ajuda que vinha de um dólar mais tranquilo deixou de existir. A redução da meta fiscal agrava o problema”

movimento que encarece os produtos importados (assim como aqueles que podem ser facilmente exportados). Como ainda não sabemos quão persistente é esse movimento, não temos uma ideia clara de quanto poderá ser o repasse dos preços internacionais para os domésticos. Mas, de qualquer forma, a ajuda que vinha do dólar mais tranquilo — que auxiliou a segurar o componente industrial do IPCA na casa de 0,6% nos últimos doze meses — se enfraqueceu.

Na próxima reunião do Copom, em maio, o comitê deverá avaliar suas novas projeções para a inflação em 2024 e, principalmente, 2025. Em março o BC produziu suas previsões partindo de um dólar na casa de 4,95 reais, enquanto — no momento em que escrevo — ele se encontra pouco abaixo de 5,30, movimento que traria impacto da ordem de 0,6 ponto porcentual para a inflação nos próximos doze meses. Mesmo que fique algo abaixo disso até a reunião, acaba reduzindo o espaço para o corte da Selic.

Nesse contexto, a decisão de afrouxar os gastos públicos, como expressa pela agora oficial redução da meta de resultado fiscal para 2025, de um superávit de 0,5% do PIB para 0% do PIB, agrava consideravelmente o problema.

Isso equivale a acender o fósforo para checar se ainda há gasolina no tanque, explicável apenas pela mistura de ignorância econômica e cupidez política. ■

O CAPITALISMO VENCEU

Para convencer funcionários a voltar ao escritório, empresas usam uma estratégia infalível: oferecer salários maiores aos adeptos da jornada 100% presencial **CAMILA BARROS**

REUNIÃO A DISTÂNCIA Videoconferência: para empresas, contato pessoal é indispensável

MORSA IMAGES/GETTY IMAGES

A PANDEMIA de covid-19 trouxe o que parecia ser o novo normal no mercado de trabalho: a adoção do chamado home office. Grande tendência desde 2020, o regime remoto levou funcionários, de um lado, a viver um equilíbrio maior entre a vida pessoal e o emprego, enquanto as empresas se beneficiavam do corte de custos com a devolução de escritórios e salas comerciais. Nos últimos anos, porém, a flexibilidade da jornada de trabalho em casa passou a dar lugar ao modelo híbrido, com exigência de pelo menos três dias da semana de atividade presencial, um movimento liderado por gigantes como Apple, Google, Meta, Twitter, Amazon, Disney e BlackRock. Em algumas empresas, o modelo presencial passou a ser obrigatório em todos os dias da semana, como é o caso da Boeing e do J.P.Morgan. A pressão levou a uma onda de pedidos de demissão, mas agora as empresas encontraram uma saída que promete ser definitiva: pagar mais para aqueles que abandonarem de vez o home office.

A empresa americana de tecnologia Intel fez um alerta recente aos colaboradores: aqueles que continuarem à distância não receberão mais promoções. Trata-se de uma estratégia em ascensão. Nos Estados Unidos, os trabalhadores em regime totalmente presencial receberam no ano passado quase o dobro de aumentos salariais na comparação com funcionários remotos. Ou seja, as empresas passaram a dividir os colaboradores em duas categorias. Há um primeiro time, formado por pessoas que vão sempre ao escritório e são

THOS ROBINSON/GETTY IMAGES

PRESSÃO Jassy, CEO da Amazon: para ele, trabalho remoto não funciona

elegíveis para aumentos e promoções, e uma espécie de segunda divisão, composta de adeptos do expediente no lar.

Assim como foi na adoção do home office, a volta do trabalho presencial é um fenômeno global. Uma pesquisa da consultoria Unispace feita em 17 países mostrou que 72% das empresas passaram a exigir, em algum nível, o retorno aos escritórios em 2023. Por trás da virada de chave há a impressão de que os colaboradores são menos produtivos quando trabalham em casa. "As companhias têm a percepção de que a queda nos resultados e faturamento têm relação com o regime remoto, em virtude da distância e da baixa interação entre os funcionários", afirma Lucas Nogueira, diretor regio-

CABO DE GUERRA

Os profissionais desejam passar mais tempo em casa, mas as empresas resistem

O que os funcionários querem*

4% INDECISOS
9% PRESENCIAL
15% REMOTO
72% HÍBRIDO

Como é a realidade nas companhias

35% PRESENCIAL
8% REMOTO
57% HÍBRIDO

* Colaboradores brasileiros a partir dos 25 anos com ensino superior completo

Fonte: *Robert Half*

nal da consultoria de recrutamento Robert Half. Essa é uma constatação já endossada publicamente por grandes executivos. John Donahoe, presidente da Nike, afirmou que o trabalho remoto é culpado pelo período de pouca inovação na empresa, já que "é difícil ser disruptivo" nesse modelo.

Mais do que simplesmente se consolidar como nova tendência, a volta do regime presencial instituiu um cenário de cabo de guerra entre empresas e empregados. Segundo o estudo da Unispace, 42% das companhias experimentaram desgastes na relação com seus funcionários, enquanto 29% enfrentam dificuldades para recrutar novos talentos. Para atrair e reter sua força de trabalho, as corporações têm apostado em estratégias diferentes — algumas mais contundentes do que outras. Na Amazon, o presidente, Andy Jassy, disse aos funcionários que o relacionamento com a empresa "provavelmente não vai funcionar" se eles desafiarem a política de retorno ao escritório. A postura impositiva também foi adotada por Jamie Dimon, presidente do banco J.P. Morgan, e Elon Musk, dono do X (ou Twitter) e da Tesla Motors.

Seguindo o ritmo global, o Brasil também testemunha uma volta ao modelo de trabalho menos flexível, embora isso não venha necessariamente acompanhado de holerites mais gordos. "Por aqui, o poder de barganha dos funcionários é um pouco menor, porque o mercado de trabalho é menos dinâmico do que nos Estados Unidos, mas tem havido melhora", afirma Rodolpho Tobler, pesquisador da Fundação Getulio Vargas.

POLLYANA VENTURA/E+/GETTY IMAGES

PRIVILÉGIO Praia: no Brasil, só 15% dos trabalhadores dão expediente longe da firma

Em pesquisa publicada em fevereiro, a FGV mostrou que 15% da população ocupada no Brasil trabalhava em home office até o fim de 2022, um número que vem caindo. “Mesmo empresas com regime remoto têm buscado levar mais os colaboradores ao escritório, promovendo encontros de networking ou atividades de desenvolvimento”, diz Roberta Saragiotto, chefe de Recursos Humanos da consultoria Start Carreiras. Ela observa que as companhias vêm aumentando os benefícios e comodidades do escritório para conquistar a aceitação dos funcionários, como a oferta de espaços para animais de estimação e de convivência. É uma clara demonstração da força do capitalismo na batalha por mais produtividade. ■

EM PONTO DE FERVURA

O Irã faz ataque inédito a Israel, que se defende com eficiência e promete revidar, aumentando a tensão e deixando muito nítida a rachadura geopolítica no tabuleiro global do século XXI

AMANDA PÉCHY E **ERNESTO NEVES**

CÉU EM FOGO
Ataque aéreo interceptado sobre Jerusalém: o sistema de defesa Domo de Ferro foi acionado e evitou maiores prejuízos

AFP

Mesmo vivendo em permanente estado de atrito com os vizinhos, Israel não entrava em conflito direto com as forças armadas de algum país do Oriente Médio havia meio século — desde a guerra do Yom Kippur, em 1973, deslanchada por um ataque conjunto de Egito e Síria. Na madrugada de sábado 13, porém, o vulcão nunca adormecido da violência na explosiva região entrou em erupção quando o Irã, regido por uma autocracia islâmica, cujo objetivo é apagar do mapa o estado judeu, disparou mais de 300 mísseis e drones na direção de Jerusalém. O ataque foi anunciado previamente e espetacularmente neutralizado: Israel acionou sua defesa antiaérea, capitaneada por um sistema batizado de Domo de Ferro, e, com o suporte de baterias aliadas, interceptou quase todos os projéteis, com danos mínimos. Mesmo assim, ao longo da semana os gabinetes da Casa Branca, em Washington, da ONU, em Nova York, e do quartel-general de Israel, o HaKirya, em Tel-Aviv, foram palco de uma maratona de tensas reuniões com o propósito de desatar o nó da escalada de agressões mútuas, a caminho do caos.

A possibilidade se acentua com a solene promessa de retaliação feita pelo primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, aumentando o risco de a situação fugir de controle. Nesse cenário volátil, em que interesses econômicos e geopolíticos se entrelaçam, o embate entre as duas maiores potências militares da região tem potencial de causar ondas de choque em todo o globo. O ataque do Irã foi uma resposta ao bom-

ATTA KENARE/AFP

CELEBRAÇÃO Iranianos nas ruas: apoio ao revide contra o "Pequeno Satã"

bardeio de sua embaixada em Damasco, capital da Síria, no início do mês — não assumido por ninguém, mas no qual Israel deixou nítidas digitais —, que matou oficiais de alta patente da Guarda Revolucionária iraniana. O *timing* das bombas lançadas sobre o que seria, por definição, território iraniano foi criticado por aliados de Israel, por ocorrer no momento em que o país se encontrava imerso em uma operação de guerra contra o grupo palestino Hamas, afilhado do regime dos aiatolás, na Faixa de Gaza — também essa uma

ofensiva tipo olho por olho, por se tratar de revide ao bárbaro atentado terrorista do Hamas que, em outubro, matou 1 200 israelenses, a maioria civis.

Em paralelo à incursão em Gaza por terra e ar, que segundo as autoridades palestinas já matou mais de 30 000 pessoas, Israel embrenhou-se em um processo de atrito com o Hezbollah, poderosa milícia financiada por Teerã que atua no Líbano e que passou a disparar mísseis diariamente contra cidades do norte israelense, resultando no deslocamento de 80 000 moradores. Agora, o temor é que os embates em Gaza e na fronteira com o Líbano, ao norte, se espalhem ainda mais, e com maior gravidade, empurrando o Golfo Pérsico para um conflito regional. "O ataque iraniano mexe com todo o tabuleiro geopolítico", diz André Lajst, presidente da StandWithUs Brasil, que acompanha a situação na região.

Na interceptação dos mísseis e drones iranianos, Israel contou com a cooperação militar dos Estados Unidos, da França e do Reino Unido — além da inesperada participação da Jordânia, reino árabe que disse haver abatido projéteis que iam na direção do seu território. A aliança fortaleceu Netanyahu, pondo ao menos temporariamente de lado as pesadas recriminações que vinha sofrendo de aliados — entre eles o próprio presidente Joe Biden — e da população israelense pela incapacidade de encerrar a guerra em Gaza e libertar os cerca de 100 reféns ainda em poder do Hamas. Do lado de Teerã, a chuva de mísseis contra o "Pequeno Satã", como classificam Israel (o "Grande" são os Estados Uni-

ISRAELI MINISTRY OF DEFENSE/HANDOUT/ANADOLU/GETTY IMAGES

RESPOSTA Reunião do gabinete de guerra israelense: Netanyahu *(o segundo à esq.)* promete ataque de represália

dos), foi celebrada nas ruas. "Ambos podem reivindicar vitória, especialmente porque não houve morte de civis", diz Mona Yacoubian, do Institute of Peace, de Washington.

Algumas das consequências do novo feixe de lenha lançado na fogueira do Oriente Médio foram a exposição do jogo de interesses que compõe o xadrez geopolítico do século XXI e a constatação inequívoca de que a hegemonia

BONNIE CASH/EPA/EFE

CONTENÇÃO Biden: tentando evitar uma guerra aberta entre inimigos poderosos que pode levar ao caos

dos Estados Unidos, em vigor desde a queda do Muro de Berlim, saiu de cena e o planeta voltou a girar em torno de dois polos políticos distintos. Ciente de seu papel na manutenção do equilíbrio em uma região de alta instabilidade, cada parte finca pé — e tenta ampliar — sua área de influência. De um lado, as potências do Ocidente imediatamente saíram em socorro a Israel, que recebeu apoio in-

VIZINHANÇA DA DISCÓRDIA

O raio de influência do Irã e de seus aliados, o chamado Eixo da Resistência, que agora une forças contra Israel

condicional do G7, o grupo das nações mais ricas, em reunião convocada no dia seguinte ao ataque. Na direção oposta, China e Rússia apressaram-se a prestar solidariedade ao Irã: Pequim classificou o ataque como um “ato de autodefesa” e Moscou atribuiu a crise à recusa americana em denunciar o bombardeio da embaixada iraniana no Conselho de Segurança da ONU.

Enquanto os chineses preferem atuar nos bastidores, a dobradinha Rússia-Irã é ostensiva. Graças a ela, Bashar al-Assad conseguiu reverter uma derrota certa na guerra civil síria e o arsenal russo armazena armamentos iranianos na guerra da Ucrânia. “Não víamos tamanha polarização desde a Guerra Fria”, diz Eugene Rogan, professor de história do Oriente Médio na Universidade de Oxford. “Com a diferença agora de que há menos estabilidade e muito menor comunicação entre os dois lados.” Um conflito aberto entre Irã e Israel tem potencial para projetar estilhaços por toda parte. Tel-Aviv nunca enfrentou inimigo tão preparado — estima-se que o exército iraniano some 610 000 homens, três vezes mais que o israelense, e tenha orçamento anual de 7 bilhões de dólares. Além disso, uma guerra declarada e a aplicação de novas sanções contra o Irã (que estão sendo discutidas) deixariam a economia mundial sujeita a uma escalada nos preços do petróleo, base da sustentação econômica iraniana, que só neste ano subiu 20%, superando os 90 dólares o barril. Outro temor é o efeito de um conflito em rotas comerciais cruciais. Os persistentes ataques dos hutis, outro grupo apoiado por Teerã, já prejudicam a passagem de navios pelo Mar Vermelho, e teme-se o eventual fechamento do Estreito de Ormuz, via navegável entre os Golfos de Omã e Pérsico por onde circula diariamente um quarto do comércio global de petróleo. “Qualquer problema ali pode estrangular o mercado mundial do produto”, afirma Richard Bronze, analista da consultoria Energy Aspects.

STEPHANI SPINDEL/EPA/EFE

PREOCUPAÇÃO Reunião do Conselho de Segurança da ONU: temor de um conflito em larga escala

Irã e Israel travam um embate surdo desde que os aiatolás assumiram o governo, em 1979, e elegeram o país e os Estados Unidos como seus maiores inimigos — e não faltaram tentativas desde então de apeá-los do poder. Até agora, esse conflito se concretizou em ataques a navios, atentados contra alvos civis israelenses e no assassinato ocasional de figuras-chave iranianas, como Mohsen Fakhrizadeh, o padrinho do programa nuclear de Teerã, em 2020. Empenhados em evitar uma participação militar direta na batata quente do Oriente Médio, os iranianos cultivaram uma rede de grupos

YOUSSEF DAFAWWI/EPA/EFE

ESTOPIM Embaixada iraniana em Damasco bombardeada: militares do alto escalão morreram no ataque

islâmicos radicais, armados e treinados por eles e espalhados por Iraque, Síria, Líbano e Iêmen *(veja o mapa)*, a que deram o nome de Eixo da Resistência (ironia com o Eixo do Mal, de Irã, Iraque e Coreia do Norte, definido por George W. Bush depois dos atentados de 11 de setembro de 2001). "A região assiste à multiplicação de milícias que preferem agir pela via militar, aumentando o risco de fervura", afirma Natalia Fingermann, professora de relações internacionais do Ibmec.

Ainda que a retaliação iraniana ao bombardeio de sua embaixada na Síria tenha sido planejada com contenção de

NATI HARNIK/AP PHOTO/IMAGEPLUS

1991 Alvo israelense atingido por míssil do Iraque em Tel-Aviv: sem revide

danos, o risco de que a situação saia de controle permanece elevado. Impopular e refém da coalizão de extrema direita que o sustenta, Netanyahu avisou que precisa contra-atacar para que seu país não seja visto como fraco pelos inimigos, um entendimento replicado inclusive pelo centrista Benny Gantz, que integra o gabinete de guerra. “Israel cobrará o preço ao Irã da forma e no momento certo para nós”, disse ele. A doutrina rege as ações de Tel-Aviv em todos os momentos de alta tensão, como em 2006, quando o sequestro de dois soldados israelenses pelo Hezbollah culminou com o

bombardeio e enorme destruição em Beirute. A única exceção se deu durante a Guerra do Golfo, dos Estados Unidos contra o Iraque, em 1991. Israel foi alvo de bombas iraquianas e não revidou para não interferir na operação americana. No caso do Irã, agora, as principais potências vêm realizando frenéticas costuras diplomáticas em prol da contenção. "Aceite sua vitória", disse Biden em tenso telefonema de 25 minutos com Netanyahu. "As autoridades americanas sabem do custo altíssimos de uma guerra aberta e dos possíveis impactos na eleição presidencial de novembro", afirma Sean Foley, do Middle East Institute, em Washington.

Além de pôr o mundo em suspense, o conflito entre Israel e Irã complica a situação dos palestinos em Gaza. Com praticamente todo o território arrasado por seis meses de guerra, 2 milhões de pessoas tentam sobreviver com uma ajuda humanitária insuficiente, enfrentando fome, doenças e bombardeios. Ao menos 300 000 seguem abrigados em Rafah, ao sul, na fronteira com o Egito, um último refúgio que está para ser atacado a qualquer momento — uma anunciada ofensiva contra focos do Hamas na cidade foi adiada pela crise com Teerã e agora tem data incerta. "O Irã reorientou o conflito, deixando Gaza relegada a segundo plano", diz Aaron David Miller, do Carnegie Endowment for International Peace. Ponto central dos ressentimentos e da agressividade palpáveis no Oriente Médio, os civis palestinos, entra guerra, sai guerra, seguem no mesmo lugar, sem solução à vista. Os próximos dias serão cruciais. ■

VALMIR MORATELLI

A ARTE IMITA A VIDA

INSTAGRAM @MASSAFERA

Encarando o papel de uma mãe de gêmeas que acaba de ter um terceiro rebento no filme *Uma Família Feliz*, **GRAZI MASSAFERA,** 41 anos, adentra o sombrio terreno nos qual muitas mulheres caminham naquela fase de muita canseira e adaptações depois do parto, flertando com a depressão. Foi em seu repertório pessoal que a atriz encontrou inspiração. “Quando tive minha filha, houve momentos complicados, em que achei que estava ficando doida, deprimida, mas disfarçava, e isso me fazia me sentir sozinha”, conta, lembrando dos primeiros tempos ao lado de Sofia, 11 anos. Embora enxergue avanços à sua volta, ela se arrisca na sociologia para frisar quanto o machismo ainda pesa. “Se falamos de nós mesmas, ninguém quer ouvir”, diz Grazi, que, a propósito de sua personagem sofredora, esclarece: “Eu não sou assim”.

SOLTANDO A VOZ

GUSTAVO MEROLLI

Um dos seis sobreviventes da queda do avião que levava o time da Chapecoense, **JAKSON FOLLMANN,** 32 anos, anda às voltas com uma biografia em que relata pela primeira vez detalhes de sua dolorida trajetória desde 2016, após perder os colegas no acidente e resistir a 56 dias entre a vida e a morte no hospital – "um milagre", define. O ex-goleiro, que teve a perna amputada, conta que não foi fácil virar a página da tragédia, mas falar dela ajuda. "Consegui seguir em frente e hoje estou bem", reconhece ele, que, além de enveredar pela raia das palestras motivacionais, embarcou em carreira musical, rodando o Brasil e vizinhos na América Latina com um repertório que martela a tecla da superação. "Acabei me encontrando como cantor", diz.

INSTAGRAM @MAUROMARCELO

POLICIAL POR UM DIA

Foi fugaz a passagem de **OPRAH WINFREY,** 70 anos, por São Paulo, onde apresentou um painel sobre empreendedorismo e filantropia. Não faltou tempo, porém, para arranjar um fã incondicional e uma boa história para contar. Ao deixar o palco, ela esbarrou com o delegado **MAURO MARCELO,** da Polícia Civil do Estado, que lhe entregou um distintivo como presente. Não demorou, e ele postou: "Agora, Oprah é uma policial civil honorária". A notícia logo ganhou as redes, mas não era o que parecia. A VEJA, a assessoria da instituição esclareceu que o acessório era "falso" e a homenagem não passou de "uma brincadeira". De todo modo, o delegado conquistou seus minutos de holofote e ainda se esmerou em exibir uma intimidade com a apresentadora, com quem rapidamente falou. "Sabia que ela sempre senta na segunda fileira do lado esquerdo quando vai à igreja? Eu também", publicou, sob a hashtag "polícia civil".

ENGLISH, PLEASE!

Em contagem regressiva para pisar nas areias de Copacabana para o que promete ser o maior show de sua carreira, **MADONNA,** 65 anos, exasperou-se com uma turma brasileira que berrava à beira do palco, em meio à sua apresentação em Nova York: "Maravilhosa, maravilhosa!". Irritada, ela interrompeu a performance e disparou, com indisfarçável mau humor: "Ainda não estou no Brasil, então parem de falar português aqui". Não se ouviu, a partir daí, nem um pio sequer em outro idioma que não o inglês. No Rio, o cenário da aguardada exibição do dia 4 de maio já começou a ser montado, enquanto o centenário Copacabana Palace, onde a cantora vai se hospedar, põe de pé três academias que obedecem à risca a lista de exigências da diva pop, que inclui um ringue de boxe.

INSTAGRAM @MADONNA

DREW ANGERER/AFP

ONDE PULSA O CORAÇÃO

A decoração da Casa Branca foi tomada de leques e flores de cerejeira para receber o primeiro-ministro do Japão, Fumio Kishida, em um jantar cercado de diplomacia e formais trocas de gentileza. Eis que, em meio ao presidente Joe Biden e seus 200 convidados sobriamente vestidos — entre executivos, políticos, atletas e artistas —, despontaram o empresário **JEFF BEZOS,** 60 anos, e sua noiva, a ex-apresentadora **LAUREN SÁNCHEZ,** 54, que logo atraiu os holofotes. Sem dar muita atenção ao visual reinante, com vestidos fartos em tecido, ela desfilava um modelo vermelho sem alças e com um generoso decote. Para enlaçar a noite, Lauren postou fotos de uma recente viagem à terra do sol nascente, seguidas de derramados elogios. “Foi como viver um sonho bom do qual nunca iríamos acordar. Roubaste meu coração, Japão”, escreveu, sempre caprichando nos superlativos. ■

LIVRES PARA AMAR

Vivendo uma velhice repaginada, com a maturidade soprando a favor, as mulheres começam a encarar sem medo — e, não raro, com mais plenitude — sua ainda ativa rotina sexual

DUDA MONTEIRO DE BARROS

NOVO CAPÍTULO A existência pós-60 anos: a ideia da "aposentadoria sexual" pertence ao passado

ISTOCK/GETTY IMAGES

O mundo deu tantas e profundas voltas nestas últimas décadas que o conceito de velhice se transformou por completo. No lugar daquela antiga ideia de que a passagem do tempo conduz inexoravelmente ao declínio nos vários escaninhos da existência — carreira, atividade intelectual, amigos e amores —, entra em cena uma reinvenção dessa fase, que é cada vez mais permeada de descobertas, impulsionadas por uma capacidade de discernimento sobre o que verdadeiramente importa, fruto da maturidade. Uma das mudanças mais notáveis nessa etapa que se convencionou chamar de “terceira idade” (embora quase ninguém se identifique hoje com a classificação) se observa no terreno da vida sexual, sobretudo entre as mulheres, que, segundo vastos estudos, têm conseguido superar freios com os quais conviviam antes e encontrar mais plenitude — uma revolução que rompe um tabu ao qual a sociologia deu até nome: o da “aposentadoria sexual”.

Ao mergulhar em um universo de mulheres que cruzaram a fronteira dos 60 anos, uma nova pesquisa encabeçada pelo Instituto Kinsey, um dos maiores centros voltados para o tema da sexualidade, nos Estados Unidos, concluiu que elas nunca se viram tão livres quanto agora. Muitas relatam que foram se desfazendo de amarras que, na juventude, as faziam silenciar em relação a seus reais desejos. No conjunto, 68% dizem que mantêm uma rotina sexual com assiduidade de pelo menos “algu-

ATIVAS E RESOLVIDAS

Uma pesquisa do prestigiado Instituto Kinsey, nos Estados Unidos, mostra que mulheres com mais de 60 anos estão longe da chamada aposentadoria sexual

68%
DIZEM TER VIDA SEXUAL ASSÍDUA

66%
ACREDITAM QUE FAZ BEM PARA CORPO E MENTE

60%
GOSTAM TANTO DE SEXO HOJE QUANTO NA JUVENTUDE — **13% ATÉ MAIS**

mas vezes por mês" e 60% apreciam o hábito tanto quanto no passado — 13% da amostra até mais. "É um equívoco comum pensar que perderam o interesse por sexo. Descobrimos que elas têm, isso sim, um amplo repertório", observou a VEJA a psicóloga Cynthia Graham, coordenadora do levantamento, que averiguou que essas mu-

lheres não se incomodam em sair com homens mais jovens nem se privam de usar artefatos, como vibradores.

O resultado encontra eco em várias bandas do planeta — inclusive no Brasil. Há três décadas imersa no mundo da turma de cabeça branca (ou não), a antropóloga Mirian Goldenberg, autora do recém-publicado *A Arte de Gozar: Amor, Sexo e Tesão na Maturidade,* diz: "As mulheres com mais de 60 nunca foram tão felizes, pois têm menos vergonha de assumir seus medos e vontades".

Essa ala feminina, em geral, não cresceu sob tetos liberais, mas recebeu uma educação mais tradicional, em que o assunto sexo não vinha à mesa. Isso torna o avanço que agora salta aos olhos ainda mais extraordinário, já que embute vencer barreiras enraizadas desde muito cedo. O fato de terem visto fervilhar ao longo dos anos um caldo de variadas conquistas ajuda — pouco a pouco, foi se dissolvendo o estereótipo da mãe de família devota das engrenagens domésticas e surgiram gerações insufladas pela busca do empoderamento (este um vocábulo em alta). Mesmo assim, para boa parte delas não foi fácil reconhecer seus próprios desejos, especialmente no campo sexual, processo que, às vezes, só ocorre depois de rupturas mais radicais. Ao descobrir traições do marido, a escritora Isabel Dias, 68 anos, decidiu se divorciar e conta que perdeu o chão, achando que estava "velha demais" para uma reconstrução. Na reviravolta, porém, achou liberdade e satisfação. "Aproveito muito mais o se-

EM ALTO E BOM SOM

A ex-modelo **Sonia Massara,** 86 anos, fala abertamente nas redes sobre os benefícios do sexo na terceira idade. Recebe elogios, mas, às vezes, também é alvo de críticas. "Sinto na pele um preconceito vindo até de mulheres", diz.

VIK PHOTO ATELIER

xo do que antigamente. Me conheço melhor, coloco meu prazer em primeiro lugar e me sinto segura para dizer não", revela Isabel, que falou de sua animada experiência pós-casamento no livro *32: Um Homem para Cada Ano que Passei com Você.*

É verdade que a idade traz mudanças no corpo e certas limitações físicas. Após a menopausa, em média aos 50 anos, os hormônios diminuem, juntamente com a libido. Mas os avanços científicos têm contribuído para amenizar

AGORA, SEM AMARRAS

Criada num lar conservador, em que não se falava de sexo, a figurinista **Gilda de Mello,** 82 anos, superou a vergonha e se vê à vontade para viver novas histórias. Adepta dos apps de namoro, esclarece: "Com o tempo, fiquei ainda mais seletiva".

KARIN BRITTO

esses efeitos. Não muito tempo atrás, as mulheres preferiam se calar a procurar ajuda e se expor, o que felizmente vem mudando. "Uma das principais ideias que enfatizo em meu consultório é que há inúmeras maneiras de ter experiências prazerosas a dois e que a libido precisa ser estimulada, tanto num casamento como em encontros mais casuais", afirma a sexóloga Giovanna Fornasari, relatando que há um número crescente de idosas (outro termo em desuso) enfrentando fantasmas que as espantavam das clí-

NA FASE ÁUREA

Passado um turbulento divórcio, após três décadas de casamento, **Isabel Dias,** 68 anos, voltou a ter prazer a dois e decidiu escrever um livro sobre a experiência. "Antes, me sentia pressionada a ter relações. Hoje só faço o que quero", conta.

ARQUIVO PESSOAL

nicas médicas. Aos 82 anos, a figurinista Gilda de Mello não aceita se relacionar com parceiros "afobados", que querem pular etapas na conquista da intimidade. "Um lado bom do sexo na velhice é fazer as coisas com paciência e se demorar nas preliminares", avalia a influenciadora, que, embora se aventure por aplicativos de relacionamento, analisa muito bem a amostra. "Fiquei ultrasseletiva", diz.

Cientistas atentos à sexualidade da população envelhecida têm reforçado a constatação de que indivíduos

que permanecem ativos nesse departamento da vida apresentam mais bem-estar. Uma pesquisa da Universidade de Michigan, parte de um projeto maior voltado para os impactos da velhice nos Estados Unidos, detectou que, entre os que ainda tinham vida sexual, a mente estava mais afiada. Para chegar a tal conclusão, foram aplicados testes de memória, atenção e habilidades visuais e espaciais. A hipótese mais forte aí é de que a felicidade conferida pelo laço firmado naquele momento — que pode ser duradouro ou não — cria um propício ambiente no cérebro para novas conexões. “Com a baixa do estresse, se formam neurônios no hipocampo, justamente a área associada à memória”, esclarece o estudo. Também a autoestima tende a se elevar. “Sexualidade vai muito além do ato em si — ela envolve flertar, paquerar, o que dá um sentido de realização”, explica o médico Alexandre Kalache, presidente do Centro Internacional de Longevidade no Brasil.

Apesar dos saltos a celebrar, ainda vigora uma resistência em relação à liberação sexual feminina, especialmente quando o tópico adentra a tal terceira idade. Com 86 anos, Sonia Massara resolveu lançar há seis o perfil Avós da Razão, com quase 400 000 seguidores, em que trata abertamente de suas experiências sexuais. Recebe muitos comentários positivos, mas, não raro, é alvo de preconceito. “Quando me veem falando sobre sexualidade, me acham ridícula. Pensam que nosso lugar é dentro

E+/GETTY IMAGES

NA PISTA O agito da balada: fim do estereótipo das velhinhas dentro de casa

de casa. Até mulheres me dizem isso", lamenta. Colocar o tema sob os holofotes, com toda a franqueza, é certamente um passo para superar de vez um tabu que em nada tem a ver com a repaginada velhice do século XXI. Em tempos bem mais espinhosos para as mulheres, a francesa existencialista Simone de Beauvoir (1908-1986) já filosofava: "Se você não foi feliz quando jovem, certamente terá tempo agora para o ser". Nunca é tarde. ■

UMA MÁQUINA DE PRECISÃO

A robótica na medicina entra na idade adulta ao servir de bússola e apoio a delicadas cirurgias neurológicas e de coluna vertebral. É uma era que se inicia **PAULA FELIX**

ESTREIA O aparelho Mazor: a primeira missão no Brasil foi exitosa

FABIO H MENDES/DIVULGAÇÃO

A CIRURGIA ROBÓTICA é a mais perfeita materialização do casamento entre o ser humano e a máquina, provando que ela pode funcionar com maestria ao tirar o máximo proveito das habilidades e funcionalidades de cada lado. Numa ponta, o médico, com seu conhecimento anatômico e a sensibilidade para reconhecer o que o paciente requer. Na outra, a tecnologia, com precisão milimétrica nas incisões e perfurações. Depois de quinze anos desde a operação pioneira no Brasil, os equipamentos de ponta já se consolidaram em especialidades como urologia e ginecologia, bem como em procedimentos para abdome, joelho e quadril. Agora, os robôs pedem passagem para integrar — e revolucionar — a neurocirurgia e o tratamento de doenças e lesões no cérebro e na coluna vertebral.

Neste mês, dois marcos ilustraram o tamanho do progresso no país. A plataforma Mazor, da empresa Medtronic, fez sua estreia durante a operação de uma mulher de 80 anos que necessitava de seis parafusos na coluna em uma intervenção realizada no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, um espetáculo da medicina aplaudido pelos médicos e acompanhada *in loco* por VEJA. O robô, com uma estrutura que lembra um simpático rosto, dispõe de um software que permite o planejamento prévio das ações que serão executadas pelo cirurgião e o espelhamento em tempo real de cada movimento em exames de imagem. Enquanto isso, o Brasil também atingiu a marca de 100 operações dessa natureza utilizando o braço robótico Cirq, da alemã Brainlab. O avanço da

tecnologia na neurocirurgia — um segmento delicado por excelência — coroa a ampliação desse modelo terapêutico para outras regiões e fronteiras do corpo humano.

Os estudos assinam embaixo das vantagens do suporte high-tech ao trabalho médico: redução no tempo em centro cirúrgico, cortes menores, exatidão em todas as etapas, diminuição do período de internação, além de menos sangramento e complicações. "O robô evita pequenos erros tanto a olho nu quanto no uso da navegação, porque, a todo momento, faz os

DIVULGAÇÃO

EM AÇÃO Cirurgiões da Rede D'Or: o maior parque robótico da América Latina

posicionamentos dos instrumentos já na trajetória correta", diz o cirurgião de coluna Luciano Miller, do Einstein. A segurança ao paciente é reforçada por outra razão. Nesse tipo de intervenção, a radiação guia o profissional. Quando se recruta o aparelho, porém, a exposição a ela cai 80%.

Para pessoas que sofrem com vértebras instáveis, fraturas e desvios de coluna, caso da escoliose, o método começou a ser aplicado há menos de dois anos com a tecnologia alemã. Poucos meses depois, passou a ser empregado em biópsias

APOIO MILIMÉTRICO
Braço eletrônico: suporte sob medida para biópsias cerebrais

BRAINLAB/DIVULGAÇÃO

cerebrais, que demandam a perfuração certeira de determinado ponto do crânio. Outras aplicações virão. Convém ressaltar, no entanto, que o robô não opera sozinho — ele é um sistema de bússola e apoio. “Não se trata de algo automatizado. Quem comanda os movimentos é o médico”, afirma Nelson Pereira Filho, neurocirurgião do Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre, para quem a invenção é “um assistente de altíssima qualidade”.

O embrião da cirurgia robótica remonta à década de 1980. Mas ela só viria a emergir com força e êxito nos anos 2000, ao tratar tumores de próstata. Graças à exatidão para extirpar a doença, a técnica promoveu uma queda drástica na taxa de efeitos colaterais e complicações após o procedimento, como a impotência sexual. Mesmo avançando a passos largos, o fator limitante ainda é o custo e o acesso em larga escala. Mas os especialistas acreditam que, com a maior oferta de dispositivos e a redução nos valores, um volume bem maior de pacientes poderá ser atendido. “Em países de baixa e média renda pode ser mais complicado, mas é inexorável que a medicina agregue a digitalização em todos os seus níveis”, diz Carlos Eduardo Domene, coordenador médico do Programa de Cirurgia Robótica da Rede D’Or, que tem o maior parque robótico da América Latina. Tudo indica que a tendência é caminho irreversível — e os robôs se tornarão mais presentes nos hospitais. “Nosso sonho é fazer cirurgias remotas, atendendo pacientes a distância”, diz Arthur Pereira Filho, neurocirurgião do Moinhos de Vento. Vida longa a essa parceria. ■

PARCO ARCHEOLOGICO DI POMPEI PRESS OFFICE/AFP

TIRANDO A POEIRA Na pintura de uma das salas, Páris sequestra Helena de Troia: as narrativas expressas nas paredes

DESCOBERTAS INFINITAS

Nova rodada de escavações no sítio arqueológico de Pompeia desenterra objetos inéditos e desvenda aspectos desconhecidos da vida cotidiana no Império Romano **MARÍLIA MONITCHELE**

PARCO ARCHEOLOGICO DI POMPEI PRESS OFFICE/AFP

MITOLOGIA Apolo e Cassandra: o deus grego seduz a troiana que conseguia ver o futuro, embora ninguém acreditasse

NA SEGUNDA metade do século I, a vida cotidiana em Pompeia, antiga cidade romana no sul da Itália, se assemelhava a uma metrópole moderna, com sua mistura de interação social, comércio movimentado e lazer ubíquo. Naquela época, havia também escravidão, templos dedicados a vários deuses e uma oligarquia dominante. No entanto, a presença do Monte Vesúvio lançava uma sombra sobre o intenso cenário. Em 62 d.C., terremotos já haviam

causado danos à população, e alguns habitantes podem ter sentido tremores desconfortáveis. A erupção do vulcão em 79 d.C. soterrou tudo o que havia ao pé da montanha, inclusive as comunidades vizinhas de Stabia, Herculano e Torre Annunziata. A lava preservaria um retrato daquele pedaço do mundo para o futuro.

Durante muito tempo, Pompeia permaneceu enterrada sob uma camada de cerca de 6,5 metros de pedras vulcânicas e cinzas. O súbito sepultamento da cidade serviu para ajudar a protegê-la do vandalismo, dos saques e dos efeitos destrutivos do clima e do tempo durante os dezessete séculos seguintes. Ao mesmo tempo, porém, privou as gerações que se seguiram de mergulhar nos seus segredos e meandros, porque as escavações, que remontam a meados do século XVIII, quando as ruínas de Herculano foram descobertas, eram precárias e muito delicadas. Isso mudou recentemente, quando uma nova geração de arqueólogos iniciou uma nova rodada de investigações no local. Com cerca de um terço ainda desconhecido, há uma excitação compreensível a cada nova descoberta, e elas não param.

A mais recente é a “sala negra”, trazida à luz durante as escavações em curso. O salão de banquetes, com paredes obviamente pretas, foi decorado com temas mitológicos inspirados na Guerra de Troia. O destaque vai para um conjunto de afrescos simples e delicados da vida como ela era na aristocracia local. As paredes foram pintadas de preto provavelmente para evitar as manchas de fumaça das lâmpa-

CESARE ABBATE/EPA/EFE

COTIDIANO Novas escavações: a vida banal revelada com raro esmero

das a óleo que eram acesas ao entardecer. A escolha também teria um efeito adicional, um tanto quanto cinematográfico. “A luz bruxuleante das lamparinas dá a sensação de que as imagens se movem, especialmente depois de algumas taças de um bom vinho, como as que costumavam ser tomadas na luxuosa sala de jantar”, diz Gabriel Zuchtriegel, diretor do parque arqueológico.

As pinturas retratam deuses e humanos envolvidos no mítico conflito que instalou em lados opostos gregos e troianos. Além de Helena e Páris, indicadas numa inscrição grega, aparece nas paredes do salão a figura de Cassandra, filha de Príamo, ao lado de Apolo. Elas se somam a um acer-

vo crescente. Uma padaria antiga, uma sala adornada com serpentes, mosaicos em ladrilho, a ilustração de uma ancestral da nossa conhecida pizza (porém, sem tomates e queijo) e esqueletos humanos. “Este é o maior sítio arqueológico que nós temos da Antiguidade do Ocidente, e se manteve intacto por séculos, preservando uma série de informações que não podem ser vistas em nenhum outro lugar”, diz a historiadora Lourdes Madalena Gazarini, pesquisadora de Pompeia há mais de duas décadas.

A escavação atual, a maior dos últimos cinquenta anos, pretende revelar surpresas, mas zela por relíquias já desenterradas. É trabalho minucioso. Enquanto as pás e escovas dos arqueólogos deslizam pela terra milenar, não é apenas a poeira que se ergue, mas também a aura mágica da Antiguidade. Ainda que o propósito principal seja a conservação, a promessa de novas descobertas continua a deslumbrar os curiosos. Utilizando tecnologias de ponta, como drones para imagens em 3D, radares e sondas sônicas para escanear o solo, além de experts em DNA para analisar ossos, os especialistas usam todas as ferramentas disponíveis para desvendar os mistérios que jazem sob as ruínas antigas, embora muito ainda reste para ser descoberto. Contudo, fica a previsão certeira de Plínio, o Jovem, um dos poucos a presenciar e descrever em detalhes a tragédia de Pompeia. “A história deste desastre viverá para sempre”, escreveu ele para o historiador Tácito. Ele estava absolutamente certo: é o que mostra cada centímetro de poeira removida. ■

PERIGO SUBMERSO

Novos trabalhos científicos mostram que a poluição provocada por plásticos nos oceanos alcançou patamar inédito, a ponto de já interferir de modo irreversível na natureza **LIGIA MORAES**

ANDRIY NEKRASOV/ISTOCK/GETTY IMAGES

LIXO Garrafas e sacos “nadam” no Mediterrâneo: estrago silencioso

AS IMAGENS são tristes. Os sacos e as garrafas de plástico vagam em silêncio no fundo dos mares como marca da mão suja do ser humano. Os detritos sintéticos representam 80% da poluição marinha e parecem eternos, porque a degradação dos materiais leva de 500 a 1 000 anos *(veja no quadro)*. É preocupação ambientalista global. O Brasil, de extenso litoral, com mais de 8 000 quilômetros, é personagem central do drama.

Celebre-se, portanto, a iniciativa do pioneiro e minucioso levantamento do lixo de águas profundas brasileiras, elaborado pelo Instituto de Oceanografia da Universidade de São Paulo (USP). Há resíduos indevidos a 1 500 metros de profundidade e em alto-mar nas costas Sul e Sudeste do país. Em 2020, aliás, a Universidade Federal do Ceará já constatara um problema que resulta da imundície: mais da metade dos peixes da Praia de Iracema, em Fortaleza, ingeriram porcaria artificial — e morreram.

Os sinais de estragos brotam como drama. Em 2019, a equipe integrada pela geóloga Fernanda Avelar Santos detectou na Ilha da Trindade, a pouco mais de 1 000 quilômetros de Vitória, no Espírito Santo, pedras de padrão diferente dos tons acinzentados e avermelhados da areia típica do lugar. As rochas tinham um espantoso brilho esverdeado. As análises de laboratório apontaram nelas sedimentos da praia, carapaças de animais mortos e — sim! — plástico derretido, normalmente usado em embalagens e linhas de pesca.

FERNANDA AVELAR SANTOS/UFPR

DANO Ilha da Trindade: rochas de cor verde estranha

A identificação do lixo em um ponto distante do continente sugere um nó — o plástico já se integra ao ciclo natural de formação das rochas — e impõe uma indagação: vivemos, enfim, a era geológica chamada de Antropoceno, como a alcunhou parcela da comunidade científica? No Antropoceno, lembre-se, haveria alteração irreversível dos processos biofísicos da Terra em escala planetária. Um recente painel global rechaçou o uso da expressão, por considerá-la apressada. Será? "O achado de Trindade mostra o ser humano como agente geológico", diz Fernanda Santos. "É necessário que a população saiba que o lixo está disseminado no oceano a ponto de se solidificar."

Há planos para frear a invasão plástica — embora a toada de consumo global não autorize esperança. Um projeto implementado em 2021 pela Organização Marítima Internacional (OMI), em conjunto com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), ajuda as

COMO UMA ONDA SUJA

Os detritos que emporcalham os mares

80%

DE TODA A POLUIÇÃO MARINHA VEM DE RESÍDUOS PLÁSTICOS

50 A 75 TRILHÕES

DE PEÇAS COM ALGUM TIPO DE PLÁSTICO FLUTUAM NO OCEANO

2050

É O ANO EM QUE A QUANTIDADE DE PLÁSTICO SUPERARÁ A DE PEIXES

100%

DE TODOS OS PLÁSTICOS JÁ CRIADOS PELOS SERES HUMANOS AINDA EXISTEM, DE ACORDO COM A EPA (AGÊNCIA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DOS EUA)

500 A 1000 ANOS

É O TEMPO QUE DEMORA PARA O PLÁSTICO SE DEGRADAR

Fonte: *Unesco*

nações em desenvolvimento a aplicar boas práticas para prevenção e controle dos rejeitos da civilização. Trata-se, agora, de aliar o esforço das instituições governamentais com a boa vontade e o dinheiro da iniciativa privada, além do zelo de cada um de nós. Nesse caminho, o da educação ambiental, trabalhos como o desenvolvido em Trindade, mesmo pontuais, são relevantes. A descoberta daquele tom esmeralda deslocado, mancha do descaso, é exemplo de como a humanidade vem passando do ponto de respeito. É urgente uma freada, e não há nela visão romântica alguma, um recuo ao tempo pré-industrial. Basta o cuidado. O oceanógrafo francês Jacques Cousteau (1910-1997), pioneiro nas profundezas do mar azul, sabia das coisas: “Durante a maior parte da história, o homem teve de lutar contra a natureza para sobreviver; neste século, ele está começando a perceber que, para sobreviver, deve protegê-la”. ■

DORMENTES AO LUAR

Os trens noturnos, que vinham desaparecendo com os voos baratos e a expansão das locomotivas diurnas de alta velocidade, renascem na Europa

TÁSSIA KASTNER, de Berlim

A NOITE É UMA CRIANÇA O comboio da madrugada: de Berlim para Paris em quinze horas

HARALD EISENBERGER/OBB

EM AGOSTO DE 2019, a ativista Greta Thunberg, então uma adolescente de 16 anos, trocou o avião por um veleiro para cruzar o Atlântico e participar de uma conferência da ONU, em Nova York. O gesto da jovem sueca foi a bandeira de um movimento que ganhava força na Europa — o *flight shame,* ou vergonha de voar, dado o consumo de combustível. A demanda urgente de uma geração preocupada com as mudanças climáticas era a faísca de renascimento de um antigo hábito europeu, o de trens noturnos de longa distância, eternizados pelo luxo cinematográfico de locomotivas como o Expresso do Oriente, que ligava Paris a Istambul. Elas foram sumindo, com o passar do tempo, aposentadas pela ascensão das empresas aéreas de baixo custo e dos trens de alta velocidade, quase sempre diurnos.

Dá-se, agora, uma interessante retomada. A empresa estatal austríaca ÖBB opera 21 rotas que ligam, primordialmente, Alemanha, Áustria, Suíça e Itália, além de extensões que alcançam as capitais Amsterdã, Bruxelas, Paris e Praga. Os percursos ultrapassam as doze horas sob os trilhos. Apenas em 2023, foram 1,5 milhão de passageiros nas linhas da companhia. O ressurgimento do mercado foi acompanhado de um investimento de 730 milhões de euros, dinheiro usado para a compra de 33 veículos modernos e com mais vagões-cama. Dois dos novos trens estão em operação e os demais serão entregues gradualmente até 2026. Os passageiros de dormentes ao luar preferem, óbvio, dormir durante o trajeto. Existem bilhe-

HARALD EISENBERGER/OBB

ADEUS, *COUCHETTES* A discrição das "cabines-cápsula": estilo japonês

tes para todos os bolsos: uma cama em uma cabine exclusiva, com banheiro e chuveiro, chega a custar quase 500 euros para o trecho entre Berlim e Paris, com conforto comparável ao da primeira classe dos aviões. Quem viaja sentado desembolsa a partir de 50 euros. O grande chamariz, porém, são as novas cabines-cápsula, que lembram os abrigos japoneses, com preço intermediário, na faixa 130 euros por trajeto. Elas devem substituir os *couchettes*, espécie de beliches dobráveis mais simples e mofadas.

Os trens saem praticamente lotados, mas, ainda assim, não é uma operação rentável. Ela depende de subsídios

JOHN AKERMAN OZGUC/DIVULGAÇÃO

COOPERATIVA Elmer van Buuren, da European Sleeper: sonho já antigo

públicos. Só para a rota entre Berlim e Paris, foram 10 milhões de euros do governo francês. “Não dá para ficar rico com trem noturno”, disse à VEJA Bernhard Rieder, porta-voz da ÖBB. É uma fatia ainda pequena, mas com força de crescimento — e charme indizível, pronta para atrair novos investidores. É o caso do holandês Elmer van Buuren, que sonhava em ter a própria empresa de trens por 25 anos. Em 2021, ele fundou a European Sleeper, uma cooperativa financiada com um *equity crowdfunding*, em que investidores ganharam ações da empresa em troca do investimento. Foram captados 5 milhões

de euros para o aluguel de um trem que percorre trilhos entre Praga e Bruxelas, com paradas em Berlim e Amsterdã. A operação começou há um ano e já transportou 45 000 passageiros. Antes de expandir as rotas, a companhia deve levantar outros recursos para reformar os vagões antigos. "Por ora, não é ainda a maneira mais luxuosa de viajar, mas você dorme e não percebe o tempo passar", disse Van Buuren a VEJA.

As travessias noturnas, lembre-se, não garantem uma noite de sono. A reportagem de VEJA fez a viagem Berlim-Paris, com a ÖBB, e os percalços começaram já no embarque. A reserva era para um *couchette*, mas, quando o comboio chegou, havia apenas poltronas. Um funcionário da ÖBB tentava acalmar os passageiros, afirmando que o carro original estava com problemas e teve de ser substituído por um de categoria inferior.

Houve mais dor de cabeça: às 2 da manhã, o trem parou, para então soar o alarme de incêndio. Dali, foram mais duas horas de manobras, sem que a viagem prosseguisse. A parada estava prevista porque serve para separar vagões que seguem destinos diferentes — parte iria para Paris, outra para Bruxelas —, mas quem acordou achou ser um problema técnico. "O alarme soa, às vezes, quando não deve", disse um funcionário que preferiu não se identificar.

Não à toa, os passageiros ficaram surpresos quando o trem chegou no horário previsto em Paris, após quinze horas de jornada debaixo de estrelas. É mais tempo do

SSPL/GETTY IMAGES

SAUDADE O luxo do Expresso do Oriente: tempos que não voltam mais

que uma pessoa leva dentro de um avião entre São Paulo e Paris. Já o trecho entre Berlim e Paris levaria uma hora e meia de voo, a preços que podem ser de 50 euros, apenas, mas, a título de justiça, inclua na conta uma hora para chegar até o aeroporto, as duas horas de antecedência antes do embarque e o tempo de deslocamento após a aterrissagem. Chega-se, assim, a uma travessia de cinco horas e meia. As dez horas de diferença ficam para adormecer, se der, e para sacramentar a convicção de que, no trem, você está fazendo sua parte para salvar o planeta, como intuiu a irrequieta Greta. ■

O FIM DA HIPOCRISIA

A decisão da Federação Internacional de Atletismo de dar 50 000 dólares aos campeões olímpicos deflagra uma discussão bizantina, porque a ideia do amadorismo é falsa **FÁBIO ALTMAN**

PIONEIRISMO O americano Carl Lewis, nove vezes campeão olímpico: o primeiro atleta a virar garoto-propaganda

F. CARTER SMITH/SYGMA/GETTY IMAGES

NO IDIOMA KICKAPOO, do povo indígena da região de Oklahoma, nos Estados Unidos, ele era chamado de Wha-Tho-Huk, o "caminho iluminado" — ao nascer, um raio de sol estampava as paredes do quarto de parto. Jacobus Franciscus Thorpe, o Jim Thorpe, seria um dos grandes atletas americanos — para muitos, o maior de todos. Medalhista de ouro no decatlo e no pentatlo nos Jogos de Estocolmo, em 1912, desfilaria em carro aberto pela Broadway, em Nova York, como herói ecumênico. Contudo, ao revelar que recebera uns trocados para exibições de beisebol, teve subtraídas as medalhas olímpicas, em nome da regra pétrea do amadorismo. Elas seriam devolvidas, postumamente, para seus herdeiros apenas em 1982. Era a reabilitação de uma injustiça.

Parecia página virada da história, o fim da distinção entre profissionais e amadores no pódio. Mas não. Na semana passada, a Federação Internacional de Atletismo, a World Athletics, decidiu premiar com 50 000 dólares os medalhistas de ouro na Olimpíada de Paris — os de prata e bronze terão de esperar até 2028. O ineditismo provocou espanto entre os puristas, que alegaram crime de lesa-pátria contra um suposto "espírito olímpico". O dinheiro mancharia a pureza da competição. Bobagem. É, na verdade, o fim da hipocrisia. Há pelo menos quatro décadas os profissionais participam do torneio sem problema algum, e o glorioso passo decisivo do novo tempo foi o Dream Team do basquete da NBA, de Michael Jordan, Magic Johnson e cia., nas quadras de Barcelona, em 1992.

INJUSTIÇA Joaquim Cruz, o vencedor dos 800 metros em 1984: "Por que não premiar também a prata e o bronze?"

A retórica pudica é como um retorno aos tempos do gramofone. Não funciona e soa o que é: demagogia. Sim, "o importante é competir", como cravou o barão Pierre de Coubertin, mas viver com dignidade é ainda mais. "Embora seja impossível atribuir um valor comercial à conquista de uma medalha, ou ao compromisso e ao foco necessários para representar seu país em uma Olimpíada, é vital garantir que parte da receita gerada por nossos atletas seja devolvida diretamente àqueles que fazem dos Jogos o espetáculo global

TREVOR JONES/ALLSPORT/GETTY IMAGES

que são", disse Sebastian Coe, presidente da World Athletics, que tratou de não antecipar o anúncio para o Comitê Olímpico Internacional.

Ele está certíssimo, porque as peças de metal, sozinhas, não pagam as contas. O brasileiro Joaquim Cruz — que, aliás, venceu Coe em 1984 para ficar com o ouro nos 800 metros — dá o tom correto para o anúncio tratado como tabu. "Veio tarde demais, estamos atrasados", disse Cruz a VEJA. "Desde 1988, quando foi permitida a participação de atletas profissionais de futebol e tênis na Olimpíada, é natural que todas as modalidades decidissem pela remuneração." Lembre-se que os torneios de atletismo da Diamond League e do campeonato mundial pagam bem aos vencedores. "Lamento apenas que tenham decidido premiar só o ouro agora, ao transmitir, indiretamente, a mensagem de que prata e bronze sejam resultado de esforços irrelevantes", diz Cruz.

Todo esforço precisa ser recompensado, e não bastam os rapapés oportunistas que cercam as conquistas. "Um esportista que passa a vida dedicado ao que faz, em trajetórias de suor e solidão que muitas vezes levam décadas até a primeira grande vitória, precisa ser pago, simples assim", diz o nadador Bruno Fratus, bronze nos 50 metros em Tóquio, há três anos. "Não falam que as vitórias inspiram, motivam? Eis aí ótimas razões para os pagamentos." O velocista Robson Caetano, bronze nos 200 metros de 1988 e no revezamento 4x100 de 1996, ecoa a certeza de quem sofreu na pele. "Não pode ser só a medalha, tem de ser um pouco mais",

TOPICAL PRESS AGENCY/GETTY IMAGES

OSTRACISMO Jim Thorpe: acusado de profissionalismo em 1912

diz. “Quem critica a decisão não sabe os perrengues pelos quais passam os atletas.”

Tome-se como exemplo o perrengue de Jesse Owens, o americano que não apenas ganhou quatro medalhas de ouro na Olimpíada de 1936, em Berlim, como ainda humilhou Adolf Hitler. Owens virou um capítulo da civilização, mas chegou a se aviltar porque não tinha como sobreviver só com a fama. Em 1938, empobrecido, chegou a disputar uma corrida com um garanhão de quatro patas porque precisava de dólares. “As pessoas dizem que foi degradante para um campeão olímpico correr contra um cavalo, mas o que eu deveria fazer?”, indagou Owens. “Ganhei quatro medalhas de ouro, mas não se podem comer quatro medalhas de ouro.” Demorou para que um nome do atletismo pudesse viver

UPI/BETTMANN ARCHIVE/GETTY IMAGES

HUMILHAÇÃO Jesse Owens na disputa com um cavalo: sem dinheiro

em tranquilidade: foi Carl Lewis, dono de nove ouros olímpicos. Ele faria propaganda para dezenas de grifes e fez barulho ao posar de salto alto feminino para uma marca de pneus, porque lhe pagavam bem — como se vingasse a vergonha de Owens.

Os tempos mudaram. Basta ver, por exemplo, o que dizia o aristocrata Coubertin sobre a presença de mulheres no esporte: "É indecente vê-las torcendo-se no exercício físico do esporte", disse no início do século XX, em comentário ridículo. Em Paris, agora em 2024, haverá número igual de mulheres e homens nas disputas — e dinheiro para os campeões do atletismo. Nunca é tarde para enterrar de vez os preconceitos. A expressão "amador" já não combina com "olimpismo". Somos todos profissionais. ■

JÁ FUI MUITO ESTEREOTIPADO

O ator Giovanni Venturini, 32 anos, superou preconceitos contra o nanismo e brilha em *Justiça 2,* série do Globoplay

EU NASCI EM SÃO PAULO, mas cresci em Osasco, na região metropolitana. Filho de uma professora de português e de um professor de educação artística, fui o primeiro e único da família a nascer com nanismo. Mesmo assim, minha família fez questão de que eu crescesse me sentindo igual a todas as crianças do bairro, e capaz de ser e fazer o que eu quisesse. Por isso, sempre brinquei na rua, joguei bola e até aprendi capoeira. Apesar de meus

pais trabalharem na rede estadual de ensino, ambos optaram por me matricular em uma escola privada devido à preocupação com a minha mobilidade e com o preconceito alheio. Assim, entrei em um colégio com poucas turmas, que tinha acessibilidade e era aberto à diversidade. Lá, descobri o encanto pela atuação, aos 11 anos, quando participei da minha primeira peça, como Zeus. Esqueci algumas falas, precisei improvisar e todos acharam graça, me aplaudindo muito. Aquela sensação me despertou a ambição de virar ator. Quando entrei nessa área, enfrentei a discriminação óbvia e comum de profissionais do meio, sendo chamado para interpretar os papéis estereotipados designados a pessoas com nanismo. Hoje, não aceito nem fazer testes para personagens desse tipo e celebro a conquista de estar no elenco de *Justiça 2,* série de Manuela Dias que acaba de estrear no streaming, e do filme de suspense *Dias Perfeitos,* de Raphael Montes, previsto para este ano — ambos do Globoplay.

Quando cheguei ao ensino médio, comecei a estudar palhaçaria, passei a me voluntariar em hospitais infantis e em orfanatos e, aos 16 anos, consegui meu primeiro bico como ator, em uma campanha institucional de uma empresa privada. Na época do vestibular, prestei para vários cursos, passando em teatro na Universidade Federal de Pelotas (RS) e em turismo no Instituto Federal de São Paulo. Como fiquei inseguro de largar tudo para me mudar para o Sul do país, optei por cursar gestão de turismo na capital

paulista e arranjei um trabalho burocrático em um banco. Sempre mantive a atuação em paralelo, fazendo cursos de curta e média duração, participando de workshops e oficinas, até me inscrever em um curso de roteiro.

Em 2012, quando tinha 21 anos, concluí a faculdade e estava decidido a perseguir a carreira de ator. Então, pedi demissão do banco. Contratei um agente, fui chamado para testes, aceitei pequenos papéis — muitas vezes até sem cachê, para ganhar experiência e contatos — até conquistar um trabalho na minha primeira série, *Família Imperial,* de Cao Hamburger, no canal Futura. Foi uma experiência incrível e até difícil de descrever poder trabalhar com o criador de *Castelo Rá-Tim-Bum.* Desde então, atuei em séries como *O Rei da TV* (Star+), além de filmes e curtas. Infelizmente, muitos produtores ainda não estão acostumados a enxergar pessoas com nanismo como atores sérios e já recebi várias propostas em que a descrição do papel era apenas “anão”, um termo pejorativo que ainda usam. Com o tempo, fui recusando trabalhos assim e, por sorte, não dependo deles para sobreviver. Atualmente, moro em Curitiba com a minha namorada e ajudo a criar a filha dela de 6 anos. Me inspiro em atores como Peter Dinklage, de *Game of Thrones,* e tive o privilégio de dublar seu personagem, Tyrion Lannister, nos audiolivros da série no Brasil.

O capacitismo está intrínseco na sociedade, mas gosto de provar que sou um artista que pode encarar qualquer

desafio. Meu talento vai além da aparência e acredito que é preciso acabar com o preconceito nos bastidores também, com mais oportunidades para PCDs *(pessoas com deficiência)* em salas de roteiro e na produção. Assim, poderão nos tirar desse lugar infantil e lúdico a que nos sujeitam na maioria das vezes. Quero estar em cena cada vez mais. ■

Depoimento dado a Kelly Miyashiro

UMA NOVA TRADIÇÃO

A França quer retomar a posição de prestígio na cozinha valorizando seus clássicos, e o sucesso de casas como o Les Grands Buffets mostra que a estratégia dá certo **ANDRÉ SOLLITTO**

À VONTADE A torre de lagostas do restaurante Les Grands Buffets, em Narbonne: no menu, apenas receitas francesas

LES GRANDS BUFFETS/DIVULGAÇÃO

ENTRE TODOS os restaurantes estrelados e comandados por chefs de fama internacional, o endereço mais cobiçado da França hoje é um bufê em que os comensais pagam uma taxa fixa de 53 euros para comer à vontade. As bebidas são cobradas à parte, mas sem os valores extorsivos esperados em casas de renome. A grande inteligência do menu do Les Grands Buffets, no sudoeste do país, a 800 quilômetros de Paris, é a atenção com a gastronomia gaulesa clássica. Há receitas tradicionais, como o *boeuf bourguignon*. Há outras, menos conhecidas, mas perenes, como *lièvre à la royale*, lebre inteira refogada e servida com um molho feito de coração, fígado, pulmões e sangue, além de outros itens essenciais para uma experiência primordial, como escargots e patas de rã.

Nada da leveza etérea da *nouvelle cuisine*. Nada de concessões a pratos estrangeiros. Em um dos ambientes, há uma enorme torre de sete andares com lagostas frescas, e a seleção de queijos, com 111 variedades, foi certificada pelo *Guinness* como a maior do mundo. Para conseguir uma mesa é preciso fazer uma reserva com seis meses de antecedência. Quem visita o lugar costuma gostar tanto que repete a reserva, indicam os levantamentos da casa. "É o maior teatro gastronômico do planeta", diz o chef Michel Guérard, sem falsa modéstia.

O sucesso do empreendimento não é evento solitário. Ele revela um novo momento em que a França tem olhado para o passado de sua rica história alimentar em busca de reafirmação global. E sejamos claros: ninguém nega o papel fundamental que os grandes cozinheiros franceses tiveram na his-

INSTAGRAM @FABIEN.FERRE

GENTE JOVEM Fabien Ferré: três estrelas *Michelin* de uma só vez

tória da gastronomia. Não à toa, técnicas até hoje recebem nomes franceses, como os cortes *julienne* (em tiras) e *brunoise* (em cubos), o *bouquet garni*, o ramo de temperos usados em uma variedade de receitas, etc. O conhecimento produzido sobre forno e fogão estabeleceu os padrões de excelência, desenvolveu processos e criou um vasto repertório de preparos.

Até o sistema de pontuação por estrelas, popularizado pelo renomado *Guia Michelin*, tornou-se símbolo de qualidade. Alguns de seus maiores chefs tornaram-se lendas, como Joël Robuchon (1945-2018), eleito o “chef do século” pelo guia *Gault&Millau* e detentor de 31 estrelas *Michelin* em 2016 em todos os seus empreendimentos, um recorde até hoje imbatível. Mas nas últimas décadas o país perdeu um pouco da hegemonia no Olimpo da gastronomia. Desde meados dos anos 1990, a Espanha assumiu

uma posição de destaque, graças a chefs que desenvolveram técnicas moleculares que definiriam os rumos do que seria considerado moderno dali em diante. Mais recentemente, o Peru vem recebendo os holofotes por apresentar uma cozinha centrada em ingredientes únicos.

A França precisaria retomar a tocha, por orgulho e para deleite internacional — e lembre-se que nas primeiras posições do mais recente ranking elaborado pelo *The World's 50 Best Restaurants*, divulgado em 2023, há apenas um endereço francês, o *Table by Bruno Verjus*, em décimo lugar, apenas duas posições à frente de A Casa do Porco, em São Paulo. A fama do Les Grands Buffets, do empresário Louis Privat, é, portanto, uma forma de retomar a honra francesa. Segundo Privat, a gastronomia sofreu com a globalização e mesmo os grandes restaurantes e chefs perderam a identidade nacional. Consumidores mais jovens não conhecem as receitas clássicas, e há uma influência crescente dos imigrantes nos hábitos alimentares. Hoje, 10% da população francesa é composta de pessoas que deixaram seu país de origem. Não há nada de errado, ao contrário, em aprender a riqueza que existe na diversidade e, assim, consumir cuscuz marroquino ou *thieboudienne* (arroz com peixe, muito comum no Senegal).

O jogo, porém, começa a mudar. O *Michelin,* em sua edição mais recente, acaba de conceder as cobiçadas três estrelas, para o jovem chef Fabien Ferré, que comanda o *Table du Castellet*, na região da Provença, clássico até o último fio de cabelo. Foi a primeira vez, aliás, que alguém tão jovem rece-

beu o reconhecimento máximo de uma única vez. “Não sou bom em discursos, mas sou melhor na cozinha”, disse ele ao receber a premiação, sem falsa modéstia. Como Paris sediará os Jogos Olímpicos, ímã de olhares mundiais, é natural o marketing em reconhecer o trabalho da mocidade que valoriza as raízes francesas.

ARNOLD JEROCKI/GETTY IMAGES

CHEF DO SÉCULO Joël Robuchon: cozinha é para quem gosta de gente

Mas é postura com horizonte muito mais vasto. O presidente Emmanuel Macron anunciou recentemente um programa de instalação de cozinheiros noviços no exterior, de modo que possam aprender outras culinárias, mas sobretudo de maneira a exportar uma arte inigualável, lendária mesmo. É o *soft power* em andamento, o paladar como diplomacia. Costuma funcionar. Fica, portanto, a célebre dica de Joël Robuchon, transformada em mantra: “Não podemos cozinhar se não gostamos de pessoas”. Assim é a vida. ■

ANOS 1970
A criadora e sua obra: o modelo certo, na hora certa

COURTESY OF DVF

ENVELOPES FASHION

O *wrap dress,* vestido celebrado há cinquenta anos pela belga Diane von Fürstenberg, resiste ao tempo como símbolo de sensualidade, liberdade e praticidade **SIMONE BLANES**

COMO QUEM rememora uma história da carochinha ou uma estripulia, a atriz americana Anne Hathaway *(O Diabo Veste Prada)* gosta de lembrar de um vestido dos anos 1970 sem zíperes ou botões, com decote em "V" e estampa de tulipas que a mãe, Kate McCauley, guardava no armário. Ainda criança, nos anos 1980, Anne corria para prová-lo assim que ficava sozinha em casa. A anedota foi contada pela atriz para a criadora do modelo, a estilista belga Diane von Fürstenberg, hoje com 77 anos. E como de conto em conto se aumenta um ponto, uma outra revelação de coxia: a menina que viraria estrela teria sido concebida ao abrir sensual daquele tecido pelas mãos do pai, o advogado Gerald Hathaway. E salve uma peça que acaba de completar cinquenta anos de vida, o *wrap dress,* ou vestido envelope.

A não ser que você tenha permanecido em Marte esse tempo todo, terá estado dentro de um deles — ou então terá visto gente famosa "envelopada". A onipresente Madonna, sempre que quis parecer recatada e do lar, usou um exemplar. Foi assim no lançamento de seu livro infantil, foi assim numa conferência religiosa em Tel-Aviv, há alguns anos. Beyoncé, vira e mexe, ostenta um legítimo *wrap.* Michelle Obama, idem. É fenômeno que, para além das revelações visuais, pode ser medido pela estatística. Lá atrás, na gênese da brincadeira, debaixo do slogan "*Feel like a woman, wear a dress*", ou "Sinta-se como uma mulher, use um vestido", foram vendidos mais de 5 mi-

HEIDI LEVINE/GETTY IMAGES

MARK WILSON/GETTY IMAGES

CRAIG WARGA/NY DAILY NEWS ARCHIVE/GETTY IMAGES

MULHERES REAIS Madonna *(à esq.),* Michelle Obama e Beyoncé: elegância e simplicidade como quem não está nem aí

lhões de unidades. Diane foi parar na capa de revistas e tratada como a estilista mais relevante desde Coco Chanel, que colocou em cena o discreto terninho.

Nos anos 1980, contudo, tempo de estridência e roupa feia, venhamos e convenhamos, o estilo foi escanteado — era simples demais, elegante demais. Nos anos 1990, foi

finalmente resgatado com estardalhaço numa coleção da rede Saks Fifth Avenue, de Nova York, com mais de 20 milhões de dólares de vendas em apenas dois anos (um *wrap* simplezinho custa, aqui no Brasil, menos de 200 reais). Agora, na celebração do aniversário de meio século, Diane pôs na rua duas novidades: uma com a estampa de cobra píton, que remete a 1975, e outra desenhada por David Kwong, o pai das palavras cruzadas do *The New York Times*. Há ainda um livro comemorativo, *Women Before Fashion*, celebração de uma bonita aventura.

A bem da verdade, convém lembrar que a ideia original do envelope não foi de Diane. Antes dela, houve versões engenhosas, ao menos no marketing anunciado. O americano Charles James, ousado a não mais poder, batizou sua criação como "vestido de táxi", porque queria lançar algo que uma mulher pudesse tirar na parte de trás de um táxi. Não se sabe se funcionou. Mas há uma certeza: Diane tratou de transformar o *wrap* em ícone de liberdade feminina. "Ela lançou o vestido envelope como marca na hora certa e no lugar certo", diz a consultora de moda Gloria Kalil.

Era improvável que a pequena grande invenção nascesse das mãos de Diane, que precisava cuidar de dois filhos ao desembarcar nos Estados Unidos, com apenas 27 anos. Mas ela foi em frente, mostrou os desenhos a uma poderosa editora de moda que a incentivou a inaugurar sua própria grife e tratou de divulgá-la. De tecido sempre

leve, de estampas coloridas e geométricas, fácil de pôr e tirar (ah, o táxi), que não amassava com facilidade, deu-se a mágica. Virou a vestimenta adequada para uma geração de mulheres que, depois da bem-vinda revolução sexual dos anos 1960, começava a trabalhar fora de casa, orgulhosa. “Diane popularizou um uniforme de poder, a serviço da mulher empreendedora”, diz o estilista Dudu Bertholini. Não demorou para que grandes nomes da alta-costura, como Alexander McQueen, Christian Dior e Michael Kors, seguissem a luminosa trilha. Diane, modesta, acompanhou o fenômeno como se ele tivesse brotado do nada, a simplicidade a serviço de uma necessidade. “Não fui eu que criei o vestido, ele é que me criou. E me ensinou tudo o que sei sobre moda, vida, mulheres e confiança”, disse. Eis a palavra-chave do *wrap*: confiança. ■

LEGADO EM RISCO

A briga na Justiça entre a viúva e o único filho de Gal Costa virou caso de polícia nas últimas semanas e o conflito pode pôr a obra da artista em um melancólico limbo

RAQUEL CARNEIRO

JULIA RODRIGUES

VIDA SOLTA A artista: desorganização financeira era a regra da casa

MARIA ISABEL OLIVEIRA/ AGÊNCIA O GLOBO

REPRODUÇÃO

OPOSTOS Wilma *(à esq.)* e Gabriel: troca de acusações e pedido de exumação

Para conferir a procedência deste documento efetue a leitura do QR Code impresso ou acesse o endereço eletrônico https://selodigital.tjsp.jus.br

CERTIDÃO DE ÓBITO

GAL MARIA DA GRAÇA PENNA BURGOS COSTA

CPF

MATRÍCULA

112375 01 55 2022 4 00096 268 0025840-72

LOCAL DE FALECIMENTO

EM DOMICÍLIO,

CAUSA DA MORTE

INFARTO AGUDO DO MIOCARDIO, NEOPLASIA MALIGNA DE CABEÇA E PESCOÇO

SEPULTAMENTO/CREMAÇÃO (município e cemitério, se conhecido)

O SEPULTAMENTO FOI REALIZADO NO CEMITÉRIO DA ORDEM 3° DE NOSSA SENHORA DO CARMO, NESTA CAPITAL

DECLARANTE

DÉBORA DE PAULA CONDOTO

CONTROVERSO O atestado de óbito: causa da morte é tema de disputa entre herdeiros

Gal Costa, a incomparável musa da Tropicália, morreu em sua residência, em São Paulo, no dia 9 de novembro de 2022, aos 77 anos. Mal o Brasil viveu o susto e a dor da perda, o bem mais precioso deixado pela cantora se viu na berlinda: seu legado musical. A ameaça se deve a uma situação tristemente comum entre artistas brasileiros: uma ruidosa briga entre herdeiros. O filho adotivo de Gal, Gabriel Costa Burgos, e a

viúva da artista, Wilma Petrillo, travam uma batalha judicial (e midiática) pelo espólio dela. A briga teve uma escalada nas últimas semanas, quando o filho pediu nada menos do que a exumação do corpo de Gal, por questionar a causa de sua morte — acusando Wilma, ainda, de desrespeitar o desejo da cantora ao enterrá-la num jazigo mal identificado em São Paulo, e não no Rio, onde ela teria planejado.

Uma juíza paulista descartou o pedido de exumação, mas determinou que seja aberta uma investigação. Ou seja: a disputa virou caso de polícia. De acordo com o atestado de óbito, assinado pela médica que cuidava de seu tratamento, a cantora baiana foi vítima de "infarto agudo do miocárdio causado por neoplasia maligna *(câncer)* de cabeça e pescoço". Gabriel diz que não sabia que a mãe estava doente e pede uma autópsia — que não foi feita após a morte, como de praxe quando o óbito se dá em casa. Quem negou o procedimento foi Wilma, empresária e companheira de Gal há quase três décadas, alegando que não era desejo dela.

A desarmonia familiar provocou lances controversos. Gabriel, que reconheceu Wilma como segunda mãe e esposa de Gal num processo póstumo de união civil, agora diz que foi coagido a fazer a declaração quando era menor de idade e pede a anulação do documento, assim como a retirada de Wilma do posto de inventariante. No contra-ataque, a empresária pediu uma "perícia psicossocial", afirmando que Gabriel, 18 anos, está vulnerável e é manipulado pela namorada, 33 anos mais velha — requerimento que traz depoimento do psicólogo

do rapaz. Wilma quer que ele volte para casa e fique sob seus cuidados. Ele, porém, diz não estar preocupado. “Gabriel vai provar que está apto a cuidar do patrimônio material e imaterial de sua mãe”, disse a defesa do jovem a VEJA.

No nível atual de beligerância, parece haver poucas chances de que o bom senso prevaleça, com ambos entrando em acordo para fazer a divisão do espólio. Fora o

ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE

Como a gestão errática e as disputas afetam o legado de ídolos da música

MARCOS ROSA

JOÃO GILBERTO
Ao morrer, em 2019, o compositor estava sob interdição judicial, com dívidas milionárias — e logo os filhos e a viúva iniciaram uma briga judicial. Enquanto isso, o saldo é triste: clássicos como *Chega de Saudade* (1959) estão fora dos serviços de streaming

potencial de aumentar ainda mais as tragédias pessoais de ambos — um garoto que perdeu de repente a mãe e a dor da viuvez de uma companheira de décadas da cantora —, a disputa coloca sob risco o legado artístico de Gal, repetindo uma sina recorrente entre estrelas da música nacional *(leia o quadro).* Parte do espólio de um músico é composto por seu catálogo artístico e/ou autoral — e lança-

INSTAGRAM @TIMMAIA.OFICIAL

TIM MAIA

Ação movida por um dos filhos, Carmelo Maia, que detém o controle da obra do pai, proibiu seu meio-irmão e enteado do cantor, Leo, de usar o nome do artista

mentos póstumos, de coletâneas a reunião de material inédito, ficam estagnados enquanto os parentes brigam nos tribunais. No caso de Gal, um álbum ao vivo com seu derradeiro show no Festival Coala, em setembro de 2022, é um projeto louvável – mas, em meio a tanta incerteza, a Biscoito Fino, última gravadora da artista, não arrisca data para o lançamento.

CLAUDIA DANTAS

LEGIÃO URBANA

Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos cederam a Renato Russo o nome da banda. Com a morte do cantor, em 1996, o filho, Giuliano, herdou a marca. Desde então, a disputa dos três na Justiça vem impedindo a produção de documentários e discos

Em suma, a gestão da memória de artistas como Gal fica à mercê muitas vezes das idiossincrasias dos herdeiros. Um exemplo positivo é o de Elis Regina (1945-1982). Seus três filhos, os cantores Pedro Mariano e Maria Rita e o produtor João Marcello Bôscoli, formam um raro caso de harmonia. “Trabalhar o nome do artista é essencial para manter sua memória viva”, afirma Bôscoli, listando relan-

ROBERTO SETTON

CHARLIE BROWN JR.
Os remanescentes da banda, Thiago Castanho e Bruno Graveto, brigam com Alexandre Abrão, filho do cantor Chorão, morto em 2013, pelo uso do nome – registrado pelo herdeiro. Apenas filmes, livros e coletâneas aprovados por ele podem ser lançados

çamentos, livros, filmes e peças teatrais envolvendo Elis. No ano passado, quando a Volkswagen lançou a controversa propaganda que "ressuscitou" a cantora com inteligência artificial, as reproduções das músicas dela triplicaram. A própria Gal já experimentou efeito parecido: no aniversário de um ano da morte da cantora, a audição de suas músicas cresceu 85% no Deezer.

Assim como Elis, Gal era apenas intérprete, ou seja, cantava canções criadas por outros. Na famigerada indústria musical, a fatia que cabe ao intérprete dos royalties costuma ser irrisória. O Spotify, por exemplo, paga 3 dólares a cada 1 000 reproduções de uma música. Gal soma 2 milhões de ouvintes mensais na plataforma. Se cada um deles escutar a música *Força Estranha* mensalmente, a canção renderá 6 000 dólares (32 000 reais). Supondo que o acordo de Gal com a gravadora fosse de 10% desse valor, percentual usual nesse meio, ela receberia 3 200 reais — um trocado se comparado aos 150 000 reais do cachê da baiana com seus shows, verdadeira fonte de renda dos artistas hoje.

A despeito disso, claro, Gal é um nome com potencial estelar. Dois produtores ouvidos por VEJA avaliaram o valor de seu catálogo entre 4 milhões e 5 milhões de reais. Gabriel recentemente afirmou que quer criar uma fundação com o nome da mãe — desejo que ela expressou num testamento feito antes da adoção do rapaz, nos anos 1990, e anulado pela própria. Wilma diz que fará o mesmo, mas afirma que não parou para fazer planos, já que atualmente viveria "sob medicação".

CHICO NELSON

ARQUIVO PESSOAL

MARCOS RAMOS/AGÊNCIA O GLOBO

UNIVERSO FAMILIAR Gal no auge da Tropicália *(à esq.),* com Wilma *(à dir.)* e com o filho adotivo, Gabriel: briga em torno de poucos bens e de um catálogo avaliado entre 4 e 5 milhões de reais

Discreta ao extremo, Gal era avessa a falar em público sobre a vida pessoal, especialmente as relações amorosas — razão pela qual, dizem amigos, ela não legalizou a situação com Wilma em vida. Ainda assim, ao contrário da alegação do filho, elas formavam notoriamente um casal. Ao

longo da trajetória com Gal, a viúva fez mais inimigos que amigos — postura que hoje cobra seu preço: Wilma, 74 anos, é apontada como responsável pela falência de Gal e má administração de sua carreira. A VEJA, ela nega as acusações. “Gal não era manipulável. Ela fazia o que queria. Não cola esse discurso de que ela era coitadinha e eu, víbora, fiz a cabeça dela.”

De fato, Gal sempre foi senhora de seus atos — mas, como tantas estrelas da música, administrava a carreira e seus bens de forma errática — gastava o que tinha e o que não tinha e se negava a fazer contas, dizendo que seu papel era apenas “cantar”. Assim, acumulou uma dívida de quase 4 milhões de reais, paga em 2020, quando vendeu um apartamento por 10 milhões e usou o restante para comprar a casa onde vivia com Wilma e Gabriel. Esse imóvel, hoje avaliado entre 8 milhões e 10 milhões de reais, é o principal bem do espólio. Vanessa Bispo, advogada de Wilma, diz que só de IPTU há uma dívida de 1 milhão de reais. Dois carros na garagem, bem como duas empresas administradas pelo casal, também estão com impostos atrasados. Gabriel sugere que existem joias e obras de arte a serem avaliadas. Com os bens bloqueados na Justiça, tanto Wilma quanto Gabriel vivem de doações de amigos. Enquanto eles brigam, o legado da carismática e solar Gal fica num limbo escuro e perigoso. Ela merecia mais. ■

Com reportagem de Felipe Branco Cruz

UM ORIENTE QUE DESAFIA CLICHÊS

De *Tokyo Vice* a *O Simpatizante*, novas séries exploram algo raro nas telas: a vida real das sociedades asiáticas – ainda tão enigmáticas, apesar de sua força econômica **KELLY MIYASHIRO**

TOKYO VICE Repórter americano mergulha no submundo da Yakuza: nuances

KUMIKO TSUCHIYA/MAX

NO JAPÃO dos anos 1990, Jake Aldestein (Ansel Elgort) é o primeiro *gaijin* — estrangeiro — a conquistar uma vaga na equipe do *Meicho Shimbun*, jornal de Tóquio que é uma versão fictícia dos grandes diários nipônicos. Alocado na cobertura policial, o americano fala japonês fluentemente e tem ambição de se tornar um repórter investigativo. Não será tarefa simples. Dentro da redação, ele enfrenta a animosidade de chefes e colegas. Nas ruas da capital do país, vai se metendo de modo temerário nos interesses da Yakuza, a máfia japonesa — a qual, logo verifica o estrangeiro incauto, compõe-se de uma miríade de gangues que seguem códigos de honra e convivência rígidos, mas travam disputas sangrentas entre em si. A política, a imprensa — nada foge aos tentáculos dessas organizações, fazendo da atividade jornalística ali algo muito distinto do que ocorre no Ocidente.

Inspirada livremente na história de um jornalista americano de mesmo nome, a mesmerizante ***Tokyo Vice*** — que acaba de estrear sua segunda temporada na plataforma Max — puxa um cordão de novas séries capazes de iluminar algo que raramente se vê na tela: um Oriente real que desafia os lugares-comuns. Assim como acontece com o protagonista de *Tokyo Vice*, o espectador da ótima *Expatriadas*, do Prime Video, é convidado a observar meandros da vida asiática como um estranho no ninho — no caso da personagem de Nicole Kidman, a mulher americana de um executivo abalada por uma tragédia em Hong Kong. Uma das matrizes literárias dessa visão outsider acaba de ganhar nova ver-

HOPPER STONE/SMPSP

MESTIÇO O espião vietnamita em *O Simpatizante*: nova aposta da HBO e Max

são de sucesso com o drama medieval *Xógum: A Gloriosa Saga do Japão*, do Star+. Já o thriller de espionagem *O Simpatizante*, recém-lançado também no Max, explora a Guerra do Vietnã por um ângulo desconcertante: o conflito é visto não pelo prisma dos americanos, mas dos vietnamitas.

A nova safra oriental chama atenção por sua alta qualidade, e deve ser vista como parte de uma ofensiva — alguns dirão rendição — de Hollywood diante do avanço da dra-

maturgia de países como a Coreia do Sul e o Japão nos últimos anos. Dos doramas bobinhos a séries como a impactante *Round 6*, da Netflix, a produção asiática surfa na demanda crescente de imigrantes dos Estados Unidos e da Europa que querem se ver na tela. De acordo com dados divulgados em 2022 pela Nielsen, a representatividade asiática em programas americanos dobrou de 2020 para 2021.

O movimento dos produtores também visa ao mercado interno das nações da Ásia, com sua força de consumo impressionante. Uma pesquisa feita pela empresa Media Partners Asia no ano passado mostrou que metade das visualizações de conteúdo coreano foi consumida por pessoas de países da região, como Indonésia, Japão, Filipinas, Tailândia e Vietnã. Série mais vista da história da Netflix, com 2,6 bilhões de visualizações só nos primeiros três meses, *Round 6* chegou a ser minimizada como fenômeno passageiro. O interesse do público em obras coreanas, porém, continuou a se multiplicar, como provam os êxitos do dorama *Uma Advogada Extraordinária* e do recente hit *Parasyte: The Grey* — atual série mais vista em língua não inglesa da plataforma, com 6,3 milhões de visualizações só na semana de estreia.

Não por acaso, outros estúdios começaram a se movimentar para criar obras que não só contassem com atores asiáticos como também abusassem de locações naqueles países. Ambientado no início da Guerra do Vietnã, *O Simpatizante* segue o franco-vietnamita Capitão (interpretado

JUPITER WONG/PRIME VIDEO

IMIGRANTE A ricaça vivida por Kidman: mergulho em Hong Kong

pelo australiano de ascendência vietnamita Hoa Xuande), como um espião comunista infiltrado no regime de Saigon, o Sul capitalista então apoiado pelos Estados Unidos. Quando a capital é tomada pelos revolucionários comunistas do Norte, o protagonista é orientado a se refugiar no interior americano junto com os líderes derrotados para continuar acompanhando seus passos de perto. A saga é enriquecida por rostos conhecidos como Robert Downey Jr., que vive um orientador do jovem.

Se no passado o tratamento que Hollywood dispensava à Ásia envolvia representações toscas e satíricas, hoje se vê

o interesse genuíno de apresentar histórias relevantes. Inspirada no livro homônimo de 1975 de James Clavell, *Xógum*, do Star+, narra a jornada de um europeu que naufraga na costa do Japão e é feito prisioneiro até se tornar uma figura política respeitada. A versão original de 1980, protagonizada por Richard Chamberlain e Toshirô Mifune, abusava dos estereótipos e da cafonice. Já a produção da Disney traz um retrato mais fiel do período feudal dos séculos XVI e XVII. A abordagem do drama com Hiroyuki Sanada e Cosmo Jarvis é tão respeitosa que arrancou elogios até da imprensa japonesa.

Para além da tentativa de atrair um público mais ávido por histórias do Oriente, essas séries espelham uma nova realidade geopolítica nas telas: a Ásia desponta como o grande motor da economia do século XXI, e só agora americanos e europeus — que sempre enxergaram tais culturas segundo sua visão de mundo — começam a se dar conta do quanto desconhecem rivais como a China ou a Coreia. É uma realidade cultural fascinante, mas também cheia de peculiaridades desafiadoras, que se descortinam em tramas como *Expatriadas*, que mostra a adaptação conturbada da americana Margaret (Nicole Kidman) como imigrante em Hong Kong. O Japão que emerge de *Tokyo Vice* também requer do repórter estrangeiro a sabedoria de despir-se de suas certezas ocidentais para conseguir se mover no país. A Ásia ainda é um enigma para muitos — e desvendá-la não é só diversão, mas questão de sobrevivência. ■

O RESGATE DE UM COLOSSO

Nos 250 anos de Caspar David Friedrich, mostras na Alemanha celebram o pintor que teve sua obra apropriada pelos nazistas como símbolo da superioridade ariana **AMANDA CAPUANO**

GRANDIOSO *O Mar de Gelo*: autor viu irmão se afogar em lago congelado e expressa nossa impotência diante do mundo

ELKE WALFORD/HAMBURGER KUNSTHALLE

UM HOMEM alto e loiro surge imponente em cima de uma pedra. De costas para quem vê a cena, o andarilho observa a paisagem montanhosa tomada por neblina e aprecia a natureza como se triunfasse sobre ela. Pintada em 1818, *Caminhante sobre o Mar de Névoa* sintetiza a obra de Caspar David Friedrich (1774-1840), pintor alemão cujo nascimento completa 250 anos em setembro. Para comemorar, uma série de exposições pipocam por seu país de origem: uma mostra dedicada a ele em Hamburgo, encerrada no início do mês, atraiu mais de 300 000 visitantes, e ***Infinite Landscapes,*** que acaba de abrir na Alte Nationalgalerie, em Berlim, está causando barulho ao reunir dezenas de pinturas e desenhos do artista romântico. Em agosto, será a vez de Dresden. E, em fevereiro de 2025, ele aterrissa no globalizado Metropolitan de Nova York.

Além de revisitar o trabalho de Friedrich, as comemorações têm um objetivo complexo: a tentativa de desatrelar a obra do pintor do totalitarismo nazista. Morto em 1840, Friedrich não é contemporâneo de Hitler, mas seu apreço por pintar a terra natal e o conteúdo das cartas enviadas ao irmão — nas quais se opõe à sua estadia na França pelo ressentimento que nutria por Napoleão — foram suficientes para torná-lo símbolo do nacionalismo germânico. Assim como todo o romantismo alemão, ele foi apropriado pela máquina de propaganda do Terceiro Reich: na abertura da Grande Exposição de Arte Alemã, em 1937, Hitler relembrou um incêndio que destruiu o Glaspalast (Palácio

HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES

PROPAGANDA *Caminhante sobre o Mar de Névoa:* quadro é a síntese do romantismo e do nacionalismo

de Vidro), em Munique, e queimou milhares de obras, incluindo quadros de Friedrich. "Um tesouro imortal da verdadeira arte alemã pegou fogo. Eles eram chamados de românticos, mas, em essência, eram os mais gloriosos representantes dos nobres alemães em busca da virtude intrínseca ao nosso povo", proclamou.

Nascido em Greifswald, no norte da Alemanha, Friedrich teve trajetória complicada. Na juventude, sua arte de exaltação à natureza e à comunhão desta com o homem

JÖRG P. ANDERS/STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN, NATIONALGALERIE

AMBIGUIDADE *Entardecer no Mar*: relação entre humanos e natureza

era extremamente popular, compondo o acervo do rei Frederick William III, cujo filho de mesmo nome e futuro governante era chamado de 'o romântico do trono' e tinha Friedrich como artista favorito. Mas, à medida que a Europa se industrializou, suas pinceladas oníricas caíram em desuso, e o pintor morreu no esquecimento, até que uma grande exposição na mesma Alte Nationalgalerie, em 1906, reapresentou-o ao mundo.

Mas o prestígio renovado durou pouco: o apreço dos nazistas lançou novamente seu nome nas sombras. "Ao final da II Guerra, foi necessário um desvio de rota conceitual para que Friedrich se tornasse aceitável de novo", aponta Ralph Gleis, diretor do museu e historiador da arte, no catálogo da exposição. Sua arte voltou a ser iluminada na dé-

cada de 1970, quando exposições em Dresden e Hamburgo buscaram limpar a imagem fabricada pelos nazistas. Muitas de suas obras, ressaltou-se então, propalavam o oposto da ideologia ariana, ao colocar os alemães como humanos impotentes perante o meio, e não "super-homens".

FINE ART IMAGES/HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES

GIGANTE Friedrich em autorretrato: de ícone nazista a ativista pioneiro

Isso ecoava uma tragédia de seu passado: aos 13 anos, Friedrich viu o irmão morrer enquanto tentava salvá-lo de se afogar num lago congelado. Mais tarde, retratou as paisagens com um misto de força e melancolia. "Friedrich amava a natureza e, com frequência, passava um tempo apreciando a vista na costa ou nas montanhas", escreve a curadora Birgit Verwiebe, acrescentando que o pintor tinha um olhar especial para os fins de tarde, de forma a estudar as cores do crepúsculo.

Por causa dessa ambiguidade, a obra de Friedrich é revisitada sob várias perspectivas. Ele é reverenciado por artistas contemporâneos e ativistas que a reinterpretam sob uma chave ambiental, para alertar sobre os riscos das mudanças climáticas. Enquanto isso, em Berlim, as várias redescobertas de sua obra ao longo do tempo são dissecadas. A arte desse colosso alemão merece ser lembrada. ■

DIVULGAÇÃO

ARQUEOLOGIA Josh O'Connor *(no centro)* em *La Chimera:* reinvenção romântica numa Itália bucólica

CINEMA

LA CHIMERA **(Itália/ França/ Suíça, 2024. Em cartaz a partir de quinta-feira 25)**

Na Toscana dos anos 1980, o inglês Arthur (Josh O'Connor) é um Indiana Jones do lado escuro da força, mais dedicado a assaltar túmulos pela Itália do que à nobre arqueologia. A rotina ao lado de sua trupe criminosa é perturbada quando a atividade põe em xeque o ceticismo do protagonista — ainda assombrado pela morte de sua amada. Em parte releitura do mito de Orfeu, o filme de Alice Rohrwacher contrasta a fantasia e o misticismo da Itália bucólica com o pragmatismo do mundo moderno, extraindo espiritualidade palpável das paisagens lindíssimas. Selecionado pelo Festival de Cannes de 2023, o filme ainda homenageia cineastas como Federico Fellini e Pier Paolo Pasolini e tem Isabella Rossellini no elenco — que dá brilho a diversas cenas tocantes ao lado da brasileira Carol Duarte.

DISCO

SILENCE IS LOUD, **de Nia Archives de streaming)**

Aos 24 anos, Dehaney Nia Lishahn Hunt, a Nia Archives, se firma como um bem-vindo sopro de renovação na música pop britânica. Neste primeiro álbum, a cantora faz uma criativa mistura de hip-hop com r&b, rock e música eletrônica em faixas com melodias possantes. Com inspirações que vão do pós-punk dos anos 80 até o funk brasileiro, Nia enfileira letras sinceronas e agridoces sobre solidão, amor e família — como no hit *Crowded Roomz*. Já a melódica *Cards on the Table* traz uma atmosfera animada e perfeita para dançar.

DAVE BENETT/GETTY IMAGES

DANÇANTE Nia Archives: um bem-vindo sopro de renovação no pop britânico

LIVRO

HISTÓRIAS SELECIONADAS,

de Neil Gaiman (vários tradutores; Intrínseca; 656 páginas; 119,90 reais e 84,90 em e-book)

Mestre da fantasia moderna, o inglês Neil Gaiman transita por gêneros e formatos literários como ninguém — já publicou romances, contos, poemas, livros infantis e histórias em quadrinhos ao longo de quarenta anos de carreira. Destaques de sua extensa bibliografia foram escolhidos pelos leitores numa votação online e reunidos neste lançamento. Com 52 textos curtos, a coletânea é uma magnífica porta de entrada para quem deseja mergulhar no universo do criador de sucessos como *Sandman* e *Coraline*. ■

FICÇÃO

1. **UMA FAMÍLIA FELIZ**
Raphael Montes [1 | 4] COMPANHIA DAS LETRAS

2. **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [2 | 93#] BERTRAND BRASIL

3. **TUDO É RIO**
Carla Madeira [3 | 81#] RECORD

4. **AS MENINAS**
Lygia Fagundes Telles [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

5. **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [5 | 135#] GALERA RECORD

6. **O AVESSO DA PELE**
Jeferson Tenório [4 | 7#] COMPANHIA DAS LETRAS

7. **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [7 | 72] GALERA RECORD

8. **EM AGOSTO NOS VEMOS**
Gabriel García Márquez [6 | 5#] RECORD

9. **VERITY**
Colleen Hoover [8 | 104#] GALERA RECORD

10. **A EMPREGADA**
Freida McFadden [10 | 14#] ARQUEIRO

RAPHAEL MONTES
UMA FAMÍLIA FELIZ

NÃO FICÇÃO

1 **O ANIMAL SOCIAL**
Elliot Aronson [1 | 2] GOYA

2 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [2 | 38#] VESTÍGIO

3 **SE NÃO EU, QUEM VAI FAZER VOCÊ FELIZ?**
Graziela Gonçalves [0 | 11#] PARALELA

4 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [6 | 55#] VOZES

5 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [5 | 40#] VÁRIAS EDITORAS

6 **IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO**
Ailton Krenak [0 | 23#] COMPANHIA DAS LETRAS

7 **A CADA PASSO**
Anderson Birman [4 | 6#] CITADEL

8 **A VIDA NÃO É ÚTIL**
Ailton Krenak [0 | 9#] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **ELON MUSK**
Walter Isaacson [0 | 8#] INTRÍNSECA

10 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estes [10 | 185#] ROCCO

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [1 | 17#] VÉLOS

2 **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
Paulo Vieira [0 | 92#] GENTE

3 **OU VAI OU VOA**
Josef Rubin e Hendel Favarin [0 | 1] BUZZ

4 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [5 | 44#] ALTA BOOKS

5 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [3 | 30#] HARPERCOLLINS BRASIL

6 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [7 | 244#] CITADEL

7 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [6 | 16#] ROCCO

8 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [2 | 164#] HARPERCOLLINS BRASIL

9 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [9 | 454#] SEXTANTE

10 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [0 | 119#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1. **O FABRICANTE DE LÁGRIMAS**
Erin Doom [3 | 2] HARPERCOLLINS

2. **PROMESSAS CRUÉIS**
Rebecca Ross [0 | 1] ALT

3. **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [2 | 414#] VÁRIAS EDITORAS

4. **O MENINO MALUQUINHO**
Ziraldo [0 | 1] MELHORAMENTOS

5. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [4 | 422#] ROCCO

6. **O MENINO, A TOUPEIRA, A RAPOSA E O CAVALO**
Charlie Mackesy [5 | 21#] SEXTANTE

7. **AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [7 | 26#] OUTRO PLANETA

8. **DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [8 | 26#] VR

9. **AS AVENTURAS DE MIKE 4 – A ORIGEM DE ROBSON**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [9 | 13#] OUTRO PLANETA

10. **MERGULHO NA ESCURIDÃO**
Elley Cooper e Scott Cawthon [10 | 3] INTRÍNSECA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Travessa, **Belém**: Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos do Jordão**: História sem Fim, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Catarinense, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Livro Presente, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, **Santos**: Loyola, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís**: Hélio Books, Leitura, **São Paulo**: A Página, B307, Círculo, Cult Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Santuário, SBS, Simples, Vozes, Vida, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha**: Leitura, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet**: Amazon, A Página, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

SEM FÔLEGO

VIVE UM DRAMA o Partido dos Trabalhadores. Governa o país, mas dá sinais de falta de fôlego para disputar prefeituras nas 200 maiores cidades. É onde moram 80 milhões de adultos, metade do eleitorado nacional. É provável que, em outubro, seis em cada dez eleitores desses municípios sequer tenham a chance de votar no PT.

Essa projeção, feita no mais recente balanço interno, disseminou preocupação no partido — caso incomum de organização política que encolhe nas maiores cidades do país, embora tenha vencido cinco das seis eleições presidenciais deste início de século.

Na última década, o PT perdeu sete de cada dez cidades que governou. Em 2012, elegeu 630 prefeitos, um recorde. Restam 183. Já administrou nove capitais — hoje não tem nenhuma. Reduziu-se à administração de menos de 5% dos 5 570 municípios brasileiros, dois terços dos quais têm menos de 50 000 habitantes.

Sempre foi débil a relação entre a votação do partido e a de Lula. A mútua dependência transformou o antigo líder metalúrgico em candidato permanente do PT à Presidência nas últimas três décadas e meia — uma peculiaridade política brasi-

leira. O divórcio nas urnas ficou visível, por decisão dos eleitores. E tem sido visível, também, nas eleições parlamentares. Em 2002, Lula chegou ao Palácio do Planalto com uma bancada de 91 deputados federais. Vinte anos depois, voltou com apenas 68, equivalentes a 13% do plenário da Câmara.

Lula tem um histórico de controle férreo do PT. O culto à personalidade e o dogma da "infalibilidade" induziram os petistas a uma crise silenciosa. Novos e antigos dirigentes não dissimulam inquietude e, em reuniões fechadas, extravasam angústia com a apatia interna. Criticam a falta de debate sobre alternativas ao rumo do governo, à política econômica e ao formato atual das alianças com frações do Congresso, como as alas moderadas do Centrão. É o partido mais organizado, está na terceira geração parlamentar, porém, enfrenta o receio de fragmentação num futuro próximo, com ou sem Lula.

A seis meses da eleição, o cenário petista sugere que ele fez uma opção preferencial pela timidez na eleição do meio do mandato. Aparentemente, montou um plano para este ano condicionado pela necessidade de alianças ou de neutralidade em 2026. É uma data-chave no calendário dele e do PT. Ambos vão precisar decidir já no ano que vem se Lula será candidato à reeleição, se vai se aposentar do ofício de candidato permanente ou se pretende indicar um substituto na competição pela Presidência.

Ele não deixou o PT disputar a prefeitura de São Paulo, embora o partido já tenha governado três vezes a cidade, onde vivem 27,5% dos eleitores do estado e que detém o

“Partido de Lula deve ficar fora da disputa nas maiores cidades do país”

terceiro orçamento da República. Em 2022, venceu Jair Bolsonaro na capital paulista, com 53,5% da votação e uma vantagem beirando meio milhão de votos. Agora, preferiu apagar o PT em São Paulo e destacar o PSOL, com Guilherme Boulos, para enfrentar o MDB do prefeito Ricardo Nunes, que se aliou a Jair Bolsonaro.

Vetou, também, candidatos do PT no Rio e em Salvador, entre outros colégios eleitorais relevantes. Em Salvador, armou o jogo sem petista na disputa pela prefeitura, favorecendo um aliado local, o MDB de Geddel Vieira Lima. Ex-deputado, protagonista no impeachment de Dilma Rousseff e ex-ministro no governo Michel Temer, Geddel é um sobrevivente do banco dos réus na política. Flagrado com 51 milhões de reais em malas num apartamento, foi condenado a mais de catorze anos de prisão em 2019. Ganhou liberdade condicional três anos depois e hoje é um dos mais influentes personagens na coalizão chefiada pelo PT que governa a Bahia.

Lula e Bolsonaro deixam explícita a ansiedade por um embate direita x esquerda na campanha deste ano, o que não é comum em eleições municipais. Essa possibilidade existe,

mas até agora o quadro sugere que não têm o controle disso. Da maneira como o jogo eleitoral está avançando, haverá disputa direta entre o PT de Lula e o PL de Bolsonaro. Mas tende a ficar restrita a doze das 27 capitais, e sem algumas das mais relevantes como São Paulo, Rio e Salvador, entre outras.

A realidade de Lula já não coincide com a do PT. As apreensões dos petistas lembram a inquietude de Isidoro Vidal, personagem do escritor argentino Adolfo Bioy Casares. Vidal vivia um drama: o cansaço já não servia para dormir e o sono já não servia para descansar. ■